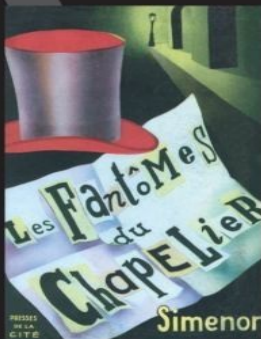


# Simenon

## Os fantasmas do chapeleiro



ROMANCE

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





**Georges Simenon**

OS FANTASMAS DO  
CHAPELEIRO

Título original francês

LES FANTÔMES DU  
CHAPELIER

1948

Tradução

ÁUREA WEISSENBERG

GEORGES SIMENON

OS FANTASMAS DO CHAPELEIRO

Tradução de ÁUREA WEISSENBERG

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Título original: LES FANTÔMES DU CHAPELIER

© 1948 by Georges Simenon

Direitos adquiridos para o Brasil pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina, 25 - Botafogo - CEP 22.251 - Tel.: 286-7822

Endereço Telegráfico: NEOFRONT - Rio de Janeiro - RJ

Revisão

LÚCIA MOUSINHO

BEATRIZ NUNES DA SILVA

FRANCISCO EDMILSON CARNEIRO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros,

RJ.

Simenon, Georges.

S599f Os Fantasmas do chapeleiro / Georges Simenon ; tradução de

Áurea Weissenberg. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Tradução de: Les Fantômes du chapelier.

1. Romance francês. I. Título.

83-0130

CDD - 843.0872

CDU - 840-312.4

## Sinopse

### *Os fantasmas do chapeleiro*

À beira-mar, a sudeste de Paris, ergue-se uma cidade de passado irrefutável. Seus barcos pesqueiros, a torre do relógio, as harmoniosas arcadas da velha Rua do Palais e a prefeitura em estilo Renascença compõem cenários em busca de um autor. Foi nela que Simenon deu vida a personagens de quatro romances-chave em sua obra, entre os quais *O testamento maldito* e o mais recente de seus lançamentos entre nós, *Os fantasmas do chapeleiro*.

Casado com Mathilde, mulher neurastênica que o tortura a mais não poder, o protagonista de *Os fantasmas do chapeleiro*, Sr. Labbé, decide matá-la, certo de que o crime passaria totalmente despercebido, pois a vítima há muito mantinha o hábito de não ver mais ninguém, a não ser o marido.

Mas o Natal se aproxima, e essa data assinala o único momento em que Mathilde revê sete antigas companheiras de escola. São elas que o criminoso precisa desesperadamente encontrar antes que seja tarde demais.

Escrito em Tumacacori (Arizona), em dezembro de 1948, quando o autor decidiu retomar o tema central da novela *Le petit tailleur et le chapelier* (março de 1947), esse romance deu origem a uma série praticamente inesgotável de apreciações críticas. A personalidade psicopática de um anti-herói justiceiro a seu modo, o meio protestante em que se desenvolve a história — La Rochelle é, desde 1554, um dos grandes bastiões do calvinismo francês, e certamente não é gratuito o fato de uma das possíveis vítimas de Labbé ser religiosa —, a solidão e os efeitos dos domingos vazios na vida de um "pobre homem" são alguns atrativos dessa história, mais uma caixa de surpresas do prolífico autor belga.

ESTAVA-SE EM 3 de dezembro e continuava a chover. O número 3 destacava-se imenso, muito negro, com uma espécie de barriga saliente sobre o branco do calendário fixado à direita da caixa, na divisória de madeira escura que separava a loja da vitrine. Há vinte dias exatos, pois acontecera a 13 de novembro — mais um 3 obeso no calendário — fora assassinada a primeira velha senhora, perto da igreja de São Salvador, a poucos passos do canal.

E chovia desde 13 de novembro. Podia-se dizer que a chuva caía sem interrupção há vinte dias.

Era em geral uma chuva longa e crepitante e, quando se percorria as ruas da cidade, bem junto às casas, ouvia-se a água correr nas calhas, todo mundo optava pelas ruas de arcadas para se abrigar por um instante e mudava de sapatos ao chegar em casa; em todas as residências os sobretudos e guarda-chuvas secavam junto à estufa, e quem não tinha roupa para trocar vivia em perpétua e fria umidade.

Escurecia bem antes das quatro horas e havia janelas iluminadas da manhã à noite.

Eram quatro horas quando, como todas as tardes, o Sr. Labbé saiu dos bastidores da loja, onde formas de madeira de todos os tamanhos faziam fila sobre as prateleiras, e subiu a escada em espiral existente nos fundos da chapelaria. No patamar deteve-se por um instante, tirou uma chave do bolso, abriu a porta do quarto e acendeu a luz.

Antes de girar o interruptor não se teria aproximado da janela, eternamente fechada por cortinas de renda espessa? Provavelmente, uma vez que baixava sempre a veneziana externa antes de acender a luz.

Naquele momento viu à sua frente, a poucos metros apenas, Kachoudas, o alfaiate, no seu ateliê. Estava tão próximo, a rua era tão estreita, que se tinha a impressão de viver na mesma casa.

O ateliê de Kachoudas, situado no primeiro andar, sobre a loja, não tinha cortinas. Os menores detalhes do aposento burilavam-se com nitidez: as flores da tapeçaria, as manchas de mosca no vidro, o pedaço de giz chato e engordurado pendente de um barbante, os moldes de papel pardo presos à parede, e Kachoudas, sentado à mesa, pernas encolhidas sob o corpo, tendo ao alcance da mão uma lâmpada elétrica sem abajur, que ele aproximava do trabalho com a ajuda de um arame. A porta do fundo, que dava para a cozinha, estava sempre entreaberta, não o suficiente, em geral, para que se visse o interior da peça. Contudo, adivinhava-se a presença da Sra. Kachoudas, pois de vez em quando o marido movia os lábios. Os dois conversavam entre um cômodo e outro, enquanto trabalhavam.

O Sr. Labbé falou também; Valentin, seu empregado, que se encontrava na loja, ouviu murmúrio de vozes lá em cima. Em seguida viu o chapeleiro descer,

primeiro os pés finamente calçados, as calças, o casaco, e finalmente o rosto um tanto flácido, sempre grave, mas sem excesso, sem severidade, o rosto de um homem autossuficiente, que não sente necessidade de se manifestar.

Antes de sair naquele dia, o Sr. Labbé passou ao vapor dois chapéus, um deles o cinzento do prefeito.

Entretanto, ouvia-se a chuva na rua, a água que escorria da calha e o ligeiro assobio do gás na estufa da loja.

A casa estava sempre aquecida demais. Assim que chegava pela manhã, Valentin, o empregado, sentia o sangue subir à cabeça, e esta-, à tarde, se tornava pesada; notava às vezes os olhos brilhantes, como que febris, nos espelhos pendurados entre as prateleiras.

O Sr. Labbé falou tanto quanto nos outros dias. Era capaz de ficar horas inteiras junto ao empregado sem dizer palavra.

Ouvia-se ainda, em torno deles, o bater do relógio de pêndulo, que emitia um clique nos quartos de hora. Nas horas e nas meias horas, o mecanismo deslanchava, mas, após um esforço inútil, detinha-se; o relógio devia contar originalmente com um carrilhão que enguiçara.

O alfaiate miúdo não podia ver o interior do quarto do primeiro andar — durante o dia por causa das cortinas; à noite por causa das venezianas —, mas bastava inclinar a cabeça para mergulhar no interior da chapelaria.

E é claro que espiava. O Sr. Labbé não se dava ao trabalho de verificar, mas sabia muito bem. Nem por isso modificava o seu horário. Seus gestos eram lentos, meticulosos. Tinha mãos muito belas, um tanto gordas, de extraordinária brancura.

Às cinco para as cinco saiu dos fundos da loja, a que chamava oficina, apagou a luz e pronunciou uma de suas frases rituais: — Vou saber se a Sra. Labbé precisa de alguma coisa.

E de novo subiu a escada circular. Valentin ouviu seus passos lá em cima, um murmúrio surdo de vozes, e reviu os pés, as pernas, o corpo inteiro.

Dirigindo-se aos fundos, o Sr. Labbé abriu a porta da cozinha e disse a Louise: — Volto logo. Valentin fechará a loja.

Dizia as mesmas palavras diariamente e a empregada respondia: — Sim, senhor.

Em seguida, envergando o sobretudo preto, repetia a Valentin, que tinha ouvido: — Feche a loja.

— Sim, senhor. Boa-noite, senhor.

— Boa-noite, Valentin.

Pegava dinheiro na gaveta da caixa registradora e remanchava um pouco, observando as janelas da casa em frente. Era certo que Kachoudas, pouco antes, vira sua sombra na veneziana do primeiro andar e afastara-se da mesa, descendo.

Que estaria dizendo à mulher? Pois dizia alguma coisa. Precisava de uma desculpa. Ela nada perguntava. Não ousaria fazer uma observação. Há anos, pouco depois de se estabelecer por conta própria, às cinco horas da tarde ele saía para tomar um ou dois copos de vinho branco no Café das Colunas. O Sr. Labbé e outros que não se contentavam com dois copos de vinho branco também para lá se dirigiam. Para quase todos era o final do dia. Kachoudas, ao voltar, jantava rapidamente em meio aos seus pirralhos e tornava a subir para a sua mesa, onde com frequência trabalhava até onze horas ou meia-noite.

— Vou tomar um pouco de ar.

Ele tinha muito medo de não alcançar o Sr. Labbé, era o que este havia compreendido. O fato não datava da primeira velha assassinada, e sim da terceira, quando a cidade começou realmente a se assustar.

A rua do Minage estava quase sempre deserta àquela hora, principalmente quando chovia a cântaros. Andava mais deserta que nunca depois que muita gente evitava sair com a chegada da noite. Os comerciantes, os primeiros a entrar em pânico, haviam sido também os primeiros a organizar as patrulhas. Mas estas tinham conseguido impedir a morte da Sra. Geoffroy-Lambert e a da Sra. Léonide Proux, a parteira de Fétilly?

O alfaiate era medroso e o Sr. Labbé dedicava-se ao prazer malicioso de esperá-lo sem dar a perceber. Não seria um prazer diabólico?

Abriu finalmente a porta fazendo soar a campainha. Passou sob a imensa cartola de lona vermelha que lhe servia de letreiro, levantou a gola do sobretudo e enfiou as mãos nos bolsos. Havia sineta também na porta do Sr. Kachoudas e, após alguns passos na calçada, o Sr. Labbé escutou-a.

Era uma rua de arcadas, como a maioria das velhas ruas de La Rochelle.

Não chovia nas calçadas, portanto. Estas pareciam túneis frios, úmidos, iluminados apenas a intervalos e com grandes portões abertos para a escuridão.

Kachoudas, para chegar à praça de Armas, regulava o passo pelo do chapeleiro, mas tinha tal medo de uma emboscada que preferia caminhar na chuva, no meio da rua.

Até a esquina não encontraram pessoa alguma. Em seguida surgiram as vitrines da perfumaria, da farmácia, da camisaria e finalmente as grandes janelas do café. Jeantet, o jovem jornalista, cabelos compridos, rosto magro, olhar febril, estava em seu posto, na primeira mesa, junto à vidraça, escrevendo o seu artigo diante de uma xícara de café.

O Sr. Labbé não sorriu, fingiu não vê-lo. Ouviu os passos do pequeno alfaiate que se aproximava. Girou a maçaneta, penetrou no calor agradável, dirigiu-se imediatamente para as mesas do centro, junto à estufa, entre as colunas, e permaneceu de pé atrás dos que jogavam cartas, enquanto o garçom, Gabriel, livrava-o do sobretudo e do chapéu.

— Como vai, Léon?

— Como sempre.

Conheciam-se há muito tempo — a maioria desde os tempos de escola — para sentirem vontade de conversar. Os que jogavam faziam um ligeiro sinal, ou tocavam maquinalmente a mão do recém-chegado. Gabriel perguntou por hábito: — O de sempre?

O chapeleiro sentou-se com um suspiro de satisfação atrás de um dos jogadores de bridge, o Dr. Chantreau, a quem chamava pelo nome, Paul. De relance viu em que ponto estava a partida. Podia-se dizer que era jogada há anos e anos, todos os dias à mesma hora, na mesma mesa, com a mesma consumação, diante dos mesmos jogadores, dos mesmos cachimbos e dos mesmos charutos.

O aquecimento central devia estar deficiente, pois Oscar, o dono do café, mantinha acesa a gorda estufa, negra e luzidia, para a qual o Sr. Labbé estendia as pernas, a fim de secar os sapatos e a bainha das calças. O alfaiate entrou também e se dirigiu às mesas do centro, mas não com a mesma segurança; cumprimentou respeitosamente, sem que pessoa alguma respondesse, e sentou-se numa cadeira.

Não fazia parte do grupo. Não havia frequentado os mesmos colégios, os mesmos quartéis. Na idade em que os jogadores de cartas já se tratavam com intimidade, ele vivia Deus sabia onde, no Oriente Próximo, onde pessoas do seu tipo eram transportadas como animais da Armênia a Smirna, de Smirna para a Síria, Grécia, ou qualquer outro país.

De início, anos antes, sentava-se um pouco mais longe para tomar seu vinho branco, acompanhando o jogo, que ele não devia conhecer, com uma atenção contida que lhe imprimia rugas na testa. Depois aproximara-se insensivelmente, puxando primeiro a cadeira, mudando após de assento e finalmente de mesa, para se postar atrás dos jogadores.

Ninguém mencionou as velhas senhoras ou o terror que dominava a cidade. Talvez se discutisse o assunto em outras mesas, mas não naquela.

Laude, o senador, tirou o cachimbo da boca para perguntar, mal se voltando na direção do chapeleiro: — Sua mulher?

— Na mesma.

Um hábito que as pessoas haviam adquirido nos últimos 15 anos. Gabriel serviu-lhe o costumeiro *picon-grenadine*\* de coloração acaju escuro, e ele tomou um gole bem devagar, relanceando os olhos para o jovem Jeantet a escrever seu artigo para o *Echo des Charentes*. Um relógio de mostrador contornado em cobre pendia entre o café propriamente dito e a parte dos fundos, onde ficavam os bilhares. Marcava cinco e um quarto quando Julien Lambert, agente de seguros, que estava perdendo, como de costume, perguntou ao chapeleiro: \*Bebida preparada com xarope de romã. (N. do T.)

— Quer tomar o meu lugar?

— Não essa noite.

O que nada tinha de extraordinário. Eram seis ou sete que ora manejavam as cartas, ora sentavam-se atrás dos jogadores. Somente Kachoudas nunca era convidado a jogar, e provavelmente não desejava.

Era pequenino, franzino. Cheirava mal e sabia disso; sabia a tal ponto que evitava aproximar-se dos outros. Era um odor exclusivo dele e dos seus, que poderia ser chamado de odor Kachoudas, misto do alho que usavam na comida e do cheiro dos tecidos. Ali ninguém dizia nada, delicadamente fingia-se não percebê-lo, mas na escola as meninas, menos discretas, protestavam quando eram colocadas ao lado das Kachoudas.

— Você fede! Sua irmã fede! Vocês fedem!

Ele fumava um dos seus raros cigarros do dia, pois não podia fumar sem correr o risco de queimar a roupa. Havia sempre uma grande mancha de saliva na ponta do cigarro.

Estava-se a 3 de dezembro. Eram cinco e um quarto. Chovia. As ruas estavam escuras. Fazia calor no café e o Sr. Labbé, o chapeleiro da rua do Minage, observava o jogo do médico que acabava de anunciar cinco de paus, que o agente de seguros imprudentemente soltara.

Na manhã seguinte, ao ler o jornal, todo mundo saberia o que Jeantet estava escrevendo a respeito das velhas assassinadas, pois ele se empenhava numa investigação apaixonada, chegando a lançar uma espécie de desafio à polícia.

Seu chefe, Jérôme Caillé, o impressor, que dirigia o jornal, jogava bridge tranquilamente, sem se importar com o fremente rapaz, cujo artigo leria mais tarde, ao voltar para a gráfica.

Chantreau mostrou os trunfos e arriscava a jogada decisiva quando, sem precisar voltar-se, o Sr. Labbé viu Kachoudas erguer-se a meio, mantendo em parte contato com a cadeira, inclinar-se para ele e estender o braço para pegar qualquer coisa na serralagem que cobria o assoalho.

Mas era a calça do chapeleiro que ele focalizava. Seu olho de alfaiate notara um pontinho branco junto à dobra. Julgaria tratar-se de um fiapo? Não tinha más intenções, com certeza. Se tivesse, não avaliava a importância do gesto.

O Sr. Labbé, que o permitiu, um tanto surpreso, mas nem um pouco inquieto, não o avaliou também.

— Com licença.

Kachoudas pegou a coisa branca, que não era um fiapo e sim um minúsculo fragmento de papel, de meio centímetro apenas, leve e rugoso como papel de jornal.

Ninguém no café prestou a mais ligeira atenção ao que se passava.

Kachoudas segurava o papel entre o polegar e o indicador. Por acaso, o corpo inclinado, a cabeça baixa, as nádegas tocando ainda a cadeira, olhou o fragmento. Não era um fragmento qualquer de jornal. Fora cuidadosamente

recortado com tesoura. Haviam cortado exatamente duas letras, um 'n' e um 't', no final de uma palavra.

O Sr. Labbé fixou de alto a baixo o alfaiate franzino, que se imobilizou de repente, tomado de pânico, e finalmente ergueu a cabeça; retesando o torso, evitou olhar de frente o chapeleiro, a quem entregou o minúsculo papel, balbuciando: — Desculpe.

Em lugar de jogá-lo fora, entregava-o, o que era um erro, uma vez que confessava ter compreendido a sua importância. Por ser tímido e humilde, cometeu um segundo erro, iniciando uma frase que não teve coragem de terminar: — Pensei que...

Não enxergava mais nada, imerso numa névoa luminosa que envolvia cadeiras, costas, tecidos, a serragem de madeira cobrindo o assoalho, os pés negros da estufa. Ouviu apenas uma voz calma dizer: — Obrigado, Kachoudas.



Pois os dois se falavam. Todas as manhãs às oito horas, o chapeleiro e o alfaiate saíam de casa para retirar os painéis que serviam de postigos às suas lojas. A salsicharia, junto à alfaaiatária de Kachoudas, já estava aberta há muito tempo. Aos sábados, os camponeses das imediações, trazendo legumes ou aves para vender, enchiam a rua com as suas cestas, mas nos outros dias só as calçadas separavam os dois homens, e Kachoudas habituara-se a dizer: — Bom-dia, Sr. Labbé.

Acrescentando, de acordo com o tempo: — Belo dia, hoje. Ou então: — Continua chovendo.

E o chapeleiro respondia, tranquilo: — Bom-dia, Kachoudas.

Era quase a mesma voz. Talvez fosse exatamente a mesma, apesar do que havia de terrível na descoberta do pequeno alfaiate. Kachoudas sentiu vontade de virar o copo todo de uma vez. O vidro tilintou contra seus dentes.

Tentou raciocinar bem depressa, raciocinar corretamente; quanto mais se esforçava, porém, mais suas ideias se confundiam.

Acima de tudo era preciso não voltar a cabeça para a direita. Isso ele decidiu desde o primeiro instante.

Na mesa do centro, a do senador, do gráfico, do médico, do chapeleiro, os homens tinham entre sessenta e sessenta e cinco anos; eram mais importantes, portanto; mas havia outras mesas, outros jogadores, e principalmente à direita os

jogadores de cartas, representando a geração entre quarenta e cinquenta anos. Naquela mesa, das cinco às seis horas, encontrava-se quase sempre o comissário especial Pigeac, encarregado de investigar o caso das velhas senhoras.

Kachoudas precisava evitar a todo custo olhar nessa direção. Não podia também voltar-se para o jovem repórter que continuava a escrever. Jeantet devia estar respondendo mais uma vez a um dos bilhetes do assassino.

Em vinte dias tornara-se um hábito, quase uma tradição. Após cada homicídio, o jornal recebia uma carta em que as letras, e às vezes palavras inteiras, eram recortadas dos números anteriores do *Echo des Charentes*. O jornal a publicava, acompanhada de um comentário do jovem Jeantet. No dia seguinte, ou dois dias após, o assassino respondia por sua vez, sempre por meio de pedacinhos de papel cortados e colados sobre uma folha em branco.

Justamente na véspera a mensagem continha uma frase que fez estremecer de repente o alfaiate:

*"Está enganado, rapaz. Não sou covarde. Não é por covardia que só me interesse por velhas senhoras, e sim por necessidade. Caso amanhã se apresente a mesma necessidade de atacar um homem, embora alto e forte, eu o farei."*

Algumas cartas, de meia coluna, representavam centenas de caracteres pacientemente recortados, o que levava Jeantet a escrever:

*"Não só o assassino é paciente e metuculoso, como seu tipo de vida lhe permite muitas horas de lazer."*

O jornalista de dezenove anos, com a mesma paciência, fizera um teste.

Estabelecera o tempo necessário para compor uma carta de trinta linhas com a ajuda de palavras recortadas de velhos jornais. Kachoudas já não se lembrava do resultado exato, mas era assustador.

*"Caso amanhã se apresente a mesma necessidade de atacar um homem..."*

Um fumava o seu cachimbo em pequenas baforadas, observando o jogo de cartas; o outro, com um toco de cigarro colado ao lábio, não ousava pousar os olhos em parte alguma. O Sr. Labbé olhava às vezes para o relógio e eram apenas cinco e vinte e cinco quando pediu o segundo *picon*. Eram cinco e meia quando se levantou, bastando 'isso para que Gabriel corresse com o sobretudo e o chapéu.

Examinaria de fato Kachoudas com irônica benevolência? Uma cortina de fumaça estendia-se sobre a cabeça dos jogadores. A estufa emitia baforadas de calor. Tinha-se a impressão de que o Sr. Labbé o esperava, que adivinhava corretamente o que estava pensando o alfaiate.

"Se eu deixar que saia sozinho é capaz de me esperar de emboscada num recanto sombrio da rua do Minage..."

E se Kachoudas falasse logo a qualquer pessoa, ao comissário, ou mesmo ao jornalista? Se declarasse, apontando: "É ele!"

O pedacinho de papel havia desaparecido. Kachoudas procurou-o inutilmente com o olhar. Lembrou-se de que o chapeleiro fizera com os dedos uma bolinha, que se transformara numa pílula acinzentada. E ainda que as duas letras recortadas estivessem no chão, como provar que as tinha recolhido da calça do Sr. Labbé?

Nem mesmo isso bastaria. Era tão certo que o Sr. Labbé não se abalara, não sentira medo, limitando-se a dizer: — Obrigado, Kachoudas.

Havia em jogo vinte mil francos, uma fortuna para um simples alfaiate a quem as pessoas só confiavam reformas, ou ternos para virar pelo avesso, e cuja filha mais velha trabalhava como vendedora numa loja da cadeia Prisunic.

Para ganhar os vinte mil francos não se podia lançar uma acusação sem base. Era preciso não alarmar o assassino.

O Sr. Labbé já sabia. E quem havia matado cinco velhas desde o dia 3 de novembro, isto é, nos vinte últimos dias, poderia muito bem desembaraçar-se dele.

Kachoudas teria tido tempo de pensar em tudo isso? O chapeleiro tocou nos amigos com as pontas dos dedos. Todos disseram: — Boa-noite, Léon.

Pois ele se chamava Léon. Bateu no ombro do médico que, distribuindo as cartas, tinha ambas as mãos ocupadas e murmurou: — As melhores de Mathilde.

Era capaz de jurar que ele remanchava de propósito, para dar tempo a Kachoudas de tomar uma decisão. Sua expressão era a mesma de há pouco, quando Valentin o vira descer a escada em espiral. Fora gordo. Talvez tivesse sido muito gordo, emagrecendo depois; percebia-se nas suas linhas flácidas, nos traços indecisos. Ainda assim, devia pesar o dobro de Kachoudas.

— Até amanhã.

O ponteiro acabava de ultrapassar a meia hora e, tão logo a porta se fechou, Kachoudas pegou o sobretudo na cadeira ao lado. Quase saía sem pagar, tão apavorado estava com a ideia de que o Sr. Labbé tivesse tempo de dobrar a esquina da rua do Minage antes que ele saísse. Nesse caso todas as ciladas se tornavam possíveis. Contudo, precisava voltar para casa.

O Sr. Labbé caminhava com suas passadas regulares, nem lentas, nem rápidas, e pela primeira vez o alfaiate notou que era de extrema leveza, como a maioria dos gordos, ou dos que haviam sido gordos, e que não fazia ruído ao caminhar.

Dobrou à direita na rua do Minage. Kachoudas seguia-o a cerca de vinte metros, mantendo-se cautelosamente no meio da rua. Assim teria tempo de gritar, caso necessário. Duas ou três lojas permaneciam abertas e viam-se as

suas luzes através da chuva; quase todas as residências, nos pavimentos superiores, estavam iluminadas.

O Sr. Labbé seguia pela calçada da esquerda, a da chapelaria, mas em vez de se deter, prosseguiu caminho. Voltou a cabeça mais adiante, talvez para verificar se seu vizinho continuava a segui-lo. Era inútil, aliás, pois os passos de Kachoudas ecoavam na rua.

O alfaiate poderia entrar em casa. O caminho estava livre. A loja permanecia aberta e ele tinha tempo de puxar depressa o ferrolho. Viu através da janela do primeiro andar o pedaço de giz pendurado sobre a mesa, perto da lâmpada elétrica. As meninas já tinham voltado da escola. Esther, a mais velha, a que trabalhava na Prisunic, chegaria pouco depois das seis, e correndo, porque também tinha medo do assassino e nenhuma de suas companheiras morava no bairro.

Prosseguiu caminho. Dobrou à esquerda, como o Sr. Labbé, e os dois se encontraram por um instante numa rua mais iluminada. Era tranquilizador ver as pessoas nas lojas, uns raros veículos espirrando jorros d'água. Já não havia arcadas e os ombros do Sr. Labbé estavam molhados de chuva. A rua tornou-se novamente sombria. Ora o chapeleiro desaparecia, ora tornava a aparecer no círculo de luz de um poste, e Kachoudas mantinha-se exatamente no meio da rua, contendo a respiração, transido de medo, mas incapaz de voltar atrás.

Quantas patrulhas voluntárias haveria àquela hora na cidade? Quatro ou cinco, sem dúvida, inclusive os rapazes que se divertiam andando com lanternas de bolso. Era a hora perigosa. Três das velhas tinham sido assassinadas entre cinco e meia e sete da noite.

Chegaram, um após outro, ao tranquilo quarteirão do museu, com suas casinhas de um só pavimento. Para além das vidraças viam-se famílias reunidas, crianças fazendo os deveres, mulheres arrumando a mesa para o jantar.

Súbito, o Sr. Labbé desapareceu na escuridão e, após alguns passos, Kachoudas deteve-se como se lhe faltasse algo de essencial: não conseguia localizar o vizinho por causa da escuridão que reinava na rua. Estaria imóvel em algum recanto? Ou se movimentava? Não era capaz de caminhar silenciosamente? Nada o impedia de se reaproximar do alfaiate; este permaneceu como que imobilizado por um frio penetrante.

Nas proximidades alguém tocava piano. Tênu e claridade infiltrava-se pelas persianas de uma casa. Uma menina, ou menino, numa sala iluminada, na aula de música, repetia incansavelmente as mesmas escalas.

Não se via ser humano de um extremo a outro da rua, e o Sr. Labbé continuava escondido em algum canto, silencioso, invisível, enquanto Kachoudas não ousava aproximar-se das casas.

O piano calou-se e o silêncio foi total. Ouviu-se então o ruído seco da tampa cobrindo as teclas brancas e pretas. Luz atrás de uma porta, vozes abafadas que

se tornaram mais nítidas no momento em que o batente se abriu a vinte metros do alfaiate, arrancando cintilações das gotas de chuva.

— Insiste em ir, Srta. Mollard? Seria mais prudente esperar que meu marido volte do escritório. Ele chegará dentro de cinco minutos.

— Não são mais que uns cinquenta passos! Entre depressa! Não se resfrie. Até a próxima sexta-feira.

Era sexta-feira. A menina (ou menino) devia ter aulas de piano toda sexta, das cinco às seis.

— Vou deixar a porta aberta até que chegue em casa.

— De modo algum! Vai esfriar a casa inteira! Já disse que não tenho medo.

Pela voz, Kachoudas imaginou-a baixinha e magra, um tanto alquebrada, um tanto afetada. Ouviu-a descer os degraus e chegar à calçada. A porta, que ficara um instante aberta, tornou a fechar-se. Ele quase gritou. Sentiu vontade de gritar. Mas era tarde demais. Aliás, seria fisicamente incapaz de elevar a voz.

Um faisão, alçando voo de uma árvore, não faria mais ruído. Foi provavelmente o roçar das roupas. Toda a cidade sabia como acontecia e Kachoudas levou inadvertidamente a mão à garganta, imaginou a corda de violoncelo a estreitar-lhe o pescoço e fez um esforço sincero para livrar-se da imobilidade.

Tinha certeza de que estava terminado e precisava afastar-se a toda pressa, correr à delegacia de polícia. Havia uma na rua Saint-Yvon, logo depois do mercado.

Pensou ter falado em voz alta quando na verdade movera os lábios sem emitir nenhum som. Deu alguns passos. Era uma vitória. Não conseguia ainda correr. Aliás, talvez fosse melhor não correr naquelas ruas desertas, onde o outro poderia disparar também e alcançá-lo, liquidando-o como acabara de liquidar a velha senhorita.

Uma vitrine. Ironicamente era a de um armeiro. Verdade que o chapeleiro nunca usava armas. Kachoudas sentiu-se menos só. Podia recuperar o fôlego. Gostaria de se voltar. Mais vinte metros, mais dez, e avistou a luz vermelha da delegacia de polícia.

Tendo patinhado em poças d'água, estava com os pés molhados, as feições enrijecidas pelo frio. Passou a andar como uma pessoa normal e ultrapassou a rua do Minage, a sua rua.

Estava quase chegando ao fim. Não ouvia ruído de passos, mas sabia que alguém caminhava atrás dele, que o alcançaria. Contudo, não ousava correr ou parar. Uma silhueta mais alta e volumosa que a dele projetou-se à esquerda, um passo acertou com o seu e uma voz estranhamente serena falou: — Seria um erro, Kachoudas.

Não olhou na direção de quem vinha. Não respondeu. E não fez meia-volta imediatamente.

Estava sozinho. Avistava a lanterna vermelha, um policial ciclista saindo da delegacia e saltando na bicicleta.

Voltou-se. Sem lhe dar atenção, o Sr. Labbé, que fizera meia-volta, dirigiu-se, mãos nos bolsos, gola do sobretudo levantada, rumo à rua do Minage, a rua onde os dois moravam.

AO CHEGAR DIANTE dos postigos fechados por Valentin deteve-se e desabotoou o sobretudo para tirar do bolso o molho de chaves. Fazia sempre os mesmos gestos quanto voltava para casa à noite. Alguém estava "parado na esquina da rua do Minage. Era Kachoudas, que esperava o chapeleiro fechar a porta para entrar em casa.

O Sr. Labbé ergueu os olhos e avistou a mulher do alfaiate no ateliê do primeiro andar. Inquieta, viera espiar pela janela.

Girou a chave na fechadura, penetrou na escuridão cálida, tornou a fechar a porta antes de girar o interruptor e colocar a tranca. Em seguida ficou de pé, rosto colado a uma fresta do postigo.

O alfaiate, mantendo-se prudentemente no meio da rua, chegou finalmente à altura de sua casa. Caminhava de modo estranho, como que aos empurrões; pela primeira vez o Sr. Labbé reparou que tinha um defeito na perna. Kachoudas também olhou para cima, mas sua mulher acabava de entrar na cozinha. Mergulhou na loja, de onde foi obrigado a sair novamente para colocar os postigos, pois não tinha empregado para fazê-lo em seu lugar. Seus movimentos eram nervosos, bruscos. Devia ter gritado, caminhado na direção da escada — a mesma escada em espiral que existia na chapelaria: — Sou eu!

Apressado, fechou a porta com o ferrolho. A luz do térreo se apagou e pouco depois acendeu-se a do ateliê, onde o primeiro cuidado do alfaiate foi espiar pela janela.

O Sr. Labbé afastou-se do seu posto de observação, devolveu à caixa o restante do dinheiro que havia retirado ao sair, dirigiu-se aos fundos da loja e manuseou por um instante um objeto que havia retirado do bolso e que parecia um brinquedo armado por qualquer garoto de rua — dois pedaços de madeira ligados por um fio.

Continuava de sobretudo molhado e, quando se inclinou, gotas de chuva tombaram-lhe do chapéu. Só o retirou ao pé da escada onde havia um armário, os olhos na risca de luz sob a porta da cozinha.

A mesa estava posta com um só talher, toalha branca e uma garrafa de vinho fechada com rolha de prata.

— Boa-noite, Louise. A senhora chamou?

— Não, senhor.

A empregada observou-lhe os pés quando ele se sentou diante da estufa, apareceu com os chinelos e ajoelhou-se diante dele. Nunca lhe havia pedido isso. Deviam ter-lhe ensinado na fazenda a retirar o calçado dos homens, do pai e dos irmãos, quando voltavam do campo.

Era tão quente ali como na loja, e o ar tinha a mesma pesada imobilidade que revestia os objetos de uma aparência pétrea, de eternidade.

Da janela que se abria para o pátio vinha o ruído da chuva; mais próximo, um

antigo relógio, na sua caixa de nogueira, balançava o disco de cobre mais lentamente, era-se capaz de jurar, que em qualquer outro local. A hora não era a mesma da chapelaria, do relógio do Sr. Labbé, nem do despertador do primeiro andar.

— Apareceu alguém?

— Não, senhor.

Calçou-lhe os pés com finos chinelos de pelica envernizada. O cômodo era mais uma sala de refeições do que cozinha, pois o fogão e a pia ficavam ao lado, num cubículo estreito. A mesa era redonda, as cadeiras forradas de couro tacheado. Via-se uma porção de objetos de cobre e, sobre um aparador antigo, velhas faianças compradas em leilão.

— Vou subir para ver se a senhora precisa de alguma coisa.

— Posso servir a sopa?

Ele desapareceu na escada em espiral e ela ouviu a porta que se abria no primeiro andar, passos, um murmúrio, o ruído das rodinhas da poltrona sendo empurrada, como todas as noites, pelo quarto. Ao descer, o chapeleiro disse, sentando-se à mesa: — Ela não está com muita fome. Que foi que você preparou?

Colocou o livro na sua frente, tirou os óculos do estojo. "A estufa aquecia-lhe as costas. Comia devagar. Louise o servia e, entre cada prato aguardava, imóvel no seu reduto, o olhar vago.

Ainda não completara vinte anos. Era gorducha, muito tola, olhos proeminentes e inexpressivos.

O espaço que servia de cozinha não era bastante amplo para conter uma mesa. Às vezes ela comia em pé, outras esperava que o chapeleiro terminasse e saísse para se sentar no lugar dele.

Ele não gostava de Louise. Fizera mau negócio ao contratá-la, mas pensaria no assunto mais tarde.

Às quinze para as oito passou o guardanapo na boca, enfiou-o na argola de prata, arrolhou a garrafa, da qual só bebera um copo, e levantou-se suspirando.

— Está pronto — disse ela.

Então ele pegou a bandeja onde ela colocara o jantar e mais uma vez subiu a escada. Quantas vezes por dia subia a escada?

O difícil era, segurando a bandeja com uma das mãos sem entornar coisa alguma, tirar a chave do bolso e girá-la na fechadura, pois aquela porta estava sempre fechada a chave, mesmo quando ele se achava em casa. Girou o comutador elétrico e Kachoudas, em frente, viu a cortina iluminar-se.

Pousou a bandeja, sempre no mesmo lugar, e tornou a fechar a porta.

Tudo isso era muito complicado. Levava tempo para se organizar. As idas e vindas eram feitas em ordem precisa, que tinha imensa importância.

Para começar, era preciso falar. Nem sempre ele se dava ao trabalho de

articular palavras, pois embaixo só se ouvia um murmúrio confuso.

Naquele dia, por exemplo, repetiu com certa satisfação: — Seria um erro, Kachoudas!

Não havia nada de particularmente bom para comer naquela noite, mas escolheu a parte mais macia da costeleta. Em certos dias comia todo o segundo jantar.

Aproximou-se da janela. Tinha tempo de sobra. Afastou um pouco a cortina e descobriu o alfaiate que, terminada a refeição, voltava à sua mesa, enquanto as meninas brincavam no chão. A mais velha devia estar lavando a louça com a mãe.

Falando em voz alta, voltou à bandeja.

— Jantou bem? Ótimo.

Esvaziou os pratos — exceto o osso da costeleta — no vaso sanitário, do qual evitava puxar a descarga. Fazia-o a princípio, mas fora um erro. Havia corrigido pouco a pouco uma porção de erros e imprudências.

Desceu com os pratos vazios. Louise, a empregada, acabava de jantar no seu lugar. Para evitar lavar a louça comia no prato do patrão e bebia no copo dele. E, enquanto comia, lia também livrinhos populares.

— Não vai sair, Louise?

— Não quero que me estrangulem.

— Boa-noite.

— Boa-noite, senhor.

Estava quase terminado. Mais alguns ritos a cumprir, verificar se a porta da loja estava bem fechada, apagar a luz, subir mais uma vez a escada, tirar a chave do bolso, abrir a porta, tornar a fechá-la.

Daí a instantes Louise subiria para se deitar no quarto dos fundos e ele ouvia seu passo pesado um bom quarto de hora antes que o sofá-cama gemesse sob seu peso.

— É uma vaca!

Tinha o direito de falar em voz alta. Era quase uma necessidade, a intervalos. Daí a pouco poderia puxar a descarga no banheiro, tirar o colarinho, a gravata, o casaco e vestir o roupão marrom. Mas não havia terminado tudo, pois faltava colocar três ou quatro achas na lareira.

Era Louise quem as trazia para cima, empilhando-as no patamar do primeiro andar.

Todas as casas da rua eram da mesma época, datavam de Luís XIII.

Exteriormente haviam permanecido idênticas, com suas arcadas e teto em declive agudo, mas cada qual, no correr dos séculos, sofrera diversas transformações no interior. Sobre a cabeça do Sr. Labbé, por exemplo, existia um segundo pavimento, ao qual ele só podia subir passando pela rua.

Ao lado da loja, uma porta se abria para um beco estreito, que terminava no

pátio. E ali começava a escada que conduzia ao segundo pavimento, sem se comunicar, porém, com o primeiro.

Era prático antigamente, quando havia locatários em cima. Mas há muito os cômodos estavam desocupados, exatamente desde o primeiro ano da doença de Mathilde, que não suportava ouvir o dia inteiro passos sobre a cabeça.

Fora preciso um processo para se desembaraçar dos locatários do segundo pavimento. E acontecera depois tanta coisa mais complicada!

Não teria esquecido coisa alguma? As achas ardiam. As cortinas estavam bem fechadas. Ele podia apagar a luz do alto, demasiado crua a seu ver, mantendo apenas o abajur da escrivaninha, pois sempre tivera uma pequena escrivaninha num canto, cheia de gavetas minúsculas, o que agora se tornava muito prático.

Pegou a pilha de jornais, a tesoura, e abasteceu o velho cachimbo de espuma. Por duas ou três vezes voltou-se para a janela, pensando em Kachoudas.

— Pobre sujeito!

De início a confecção das cartas fora um trabalho de paciência, pois cortava cada letra separadamente. Agora conhecia tão bem o jornal que sabia em que coluna encontraria com certeza as palavras necessárias. Desencavara na cesta de trabalho de Mathilde a tesoura de bordado que não deixava rebarbas.

*"Morreu a sexta, rapaz, e toda a cidade vai novamente lamentar o seu destino."*

Era um hábito que adquirira, esse de falar direto a Jeantet.

*"Observe que a Srta. Mollard sofria de uma doença cardíaca há vários anos, era pobre, vivia sozinha, e não tinha ninguém que cuidasse dela; era obrigada a dar aulas de piano aos filhos de suas amigas. Quanto ao cunhado, o arquiteto, que ganha muito bem, recusou-se sempre a ajudá-la."*

*"Não foi por isso que a matei, evidentemente. Matei-a, como às outras, porque era preciso. E é isso que ninguém quer compreender. Vão repetir e escrever mais uma vez que sou louco, maníaco, sádico, obcecado, e não é verdade."*

*"Sei o que devo fazer e é só."*

*"Se todos se convencessem disso, evitariam esse pânico absurdo que impede as pessoas de saírem de casa e afeta o comércio."*

*"Caso ninguém cometa tolices, só resta uma na lista. Serão sete, exatamente, e não há investigação neste mundo que modifique isso."*

*"A prova, rapaz, é que anuncio: a próxima será na segunda-feira."*

O endereço era fácil de compor, uma vez que bastava cortar a assinatura de Jeantet no pé de um artigo e o endereço do jornal impresso no cabeçalho dos pequenos anúncios.

Louise acabava de entrar no seu quarto e fazia o ruído de costume.

O. Sr. Labbé fechou a carta, colocou um selo e enfiou o envelope no bolso do casaco pendurado num cabide. Na manhã seguinte, depois de retirar os postigos da fachada, aguardaria a chegada de Valentin; em seguida daria a sua volta

habitual pela cidade, chovesse ou fizesse sol.

O surpreendente era não ter necessidade de mudar coisa alguma em seus hábitos. Sempre fizera um passeio de manhã pelo bairro, em torno de um ou dois quarteirões, assim como todas as noites ia ao Café das Colunas.

Eram nove e meia. Dispunha ainda de uma hora e foi sentar-se diante da lareira, pernas estendidas, um grande livro de páginas amareladas sobre os joelhos.

Era um dos tomos das *Causas célebres* do século XIX. Há cinco anos comprara vinte volumes desparelhados num leilão. Faltavam sete para terminar a leitura.

Fumava soltando a intervalos breves baforadas. Fazia calor. Louise devia ter adormecido, finalmente. Ouvia apenas o ruído monótono da chuva, o crepitar das achas, e não havia ninguém para perturbar-lhe a leitura.

O Sr. Labbé estava calmo, sereno. A intervalos relanceava os olhos para o despertador.

— Mais vinte minutos!

Mais dez. Mais cinco. Às dez e meia fechou o livro suspirando, levantou-se e entrou no banheiro. Às quinze para as onze deitou-se na cama da direita.

Antigamente havia uma só cama no quarto, um móvel muito bonito, que combinava com os demais. Após a doença de Mathilde haviam-no transportado pela rua — uma vez que não existia escada entre os dois pavimentos — para os cômodos vazios de cima. A cama fora substituída por duas gêmeas, separadas pela mesinha de cabeceira.

Voltou-se para verificar se as brasas ainda vermelhas na lareira não corriam o risco de rolar para o tapete e incendiá-lo.

Kachoudas, em frente, continuava a trabalhar. Era um pobre coitado. Ele próprio fazia tudo, inclusive as calças e os coletes, que os alfaiates mais importantes confiavam a costureiras.

O quarto estava mergulhado em escuridão e o Sr. Labbé podia ver através da veneziana o retângulo luminoso do outro lado da rua.

Antes de adormecer, disse a meia voz, pois sempre convinha falar: — Boa-noite, Kachoudas.



Não ligava o despertador: acordava sozinho às cinco e meia da manhã. A

gorda Louise dormia ainda, mergulhada na cama úmida; devia ouvir quando ele se levantava, recolhia as achas de lenha no patamar, fechava a porta e acendia o fogo. Após um instante, naquela manhã, ele observou que faltava qualquer coisa — era o crepitar da chuva, o ruído da água na calha. Ainda estava muito escuro para ver o céu, mas adivinhava-se o vento afastando as nuvens para o interior.

Era preciso arrumar a cama, pôr o quarto em ordem, colocar do lado de fora o balde com as cinzas da lareira; para tudo isso ele tinha movimentos precisos, efetuados em ordem minuciosamente estudada.

Falou um pouco, dizendo qualquer coisa, e não tardou a ver iluminar-se a janela em frente. Não era Kachoudas, deitado ainda, e sim a mulher quem acendia o fogo, varria o ateliê e tirava o pó.

Ouviu passarem as carroças rumo ao mercado, e depois outras que pararam na própria rua, vozes de camponeses, cestas que se entrecrocavam, sacas que caíam no chão.

Era sábado. Tomou banho, vestiu-se, enquanto Louise se lavava do outro lado da parede do banheiro.

Ela era a primeira a descer para fazer o café e, quando ele descia, por sua vez, o fogão já estava aceso.

— Bom-dia, Louise.

— Bom-dia, senhor.

Na chapelaria levou um fósforo ao pequeno orifício da estufa a gás. Os ruídos da rua se intensificaram, mas ainda não era momento de retirar os postigos.

Precisava antes tomar o café da manhã, depois levar o de Mathilde. O céu começava a clarear. O Sr. Labbé empurrou até a janela a poltrona, que colocava sempre no mesmo lugar, no mesmo ângulo, verificando se a forma de madeira, proveniente da sua loja, não corria o risco de desabar.

Apagar a luz. Levantar a cortina. O dia estava cinzento, quase branco. A chuva se transformara em nevoeiro e via-se a lâmpada de Kachoudas através de um véu.

Os vidros estavam gelados. Os rios congelariam finalmente? As camponesas na rua, envoltas em xales, paravam às vezes o arranjo das cestas para bater contra o corpo as mãos azuladas. Havia uma velhinha que se instalava no mesmo lugar há quarenta anos e ali acendia um braseiro.

Naquela estação do ano vendia castanhas e nozes.

Kachoudas ainda não se tinha sentado à mesa de trabalho. A porta da cozinha se achava aberta e a família inteira tomava café. A Sra. Kachoudas não se lavara nem se penteara. O caçula da ninhada, o único menino, de grandes olhos amendoados, vestia ainda a camisa de dormir.

Era uma gente estranha. Comiam salsichas inclusive de manhã.

Kachoudas estava de costas, um ombro mais levantado que o outro.

O Sr. Labbé o esperaria. Tinha sempre uma porção de coisinhas a fazer.

Os jornais dos quais recortara as palavras e as letras já haviam sido queimados. Entregou a Louise o terno usado na véspera para ser passado, pois era muito meticuloso. Sua roupa era sempre de tecido de boa qualidade e os sapatos feitos sob medida.

O dia começara com o ronco de algumas carroças e vozes esparsas; no momento, de um extremo ao outro da rua era a barulheira de todos os sábados. Ele conhecia antecipadamente o cheiro de legumes frescos, de repolho molhado, de galinhas e coelhos, que lhe assaltaria as narinas tão logo abrisse a porta da loja.

Precisou esperar bastante tempo, um olho na fresta, para que Kachoudas saísse finalmente de casa. Imitou-o então, dizendo por sobre a cabeça das camponesas: — Bom-dia, Kachoudas.

Os ombros magros estremeeceram. O homem voltou-se, abriu a boca e levou segundos para responder: — Bom-dia, Sr. Labbé.

Para ele devia ser inacreditável, um tanto alucinante, quem sabe mais ainda por causa do nevoeiro? As coisas se passavam como todas as manhãs, ou pelo menos como todos os sábados; o chapeleiro estava barbeado, vestido com capricho; retirava dignamente os postigos da sua fachada, colocando-os no interior um a um, no recanto a eles destinado atrás da porta.

As calçadas continuavam molhadas, ostentando poças d'água ao longo do meio-fio. A salsicharia ao lado de Kachoudas estava iluminada.

Valentin chegou às oito e meia, nariz vermelho. Mal entrou, precisou assoar-se.

— Peguei uma gripe — declarou.

Poderia curti-la na atmosfera já superaquecida da chapelaria. O Sr. Labbé vestiu o sobretudo, tomou o chapéu.

— Volto dentro de um quarto de hora. Dirigiu-se ao mercado coberto, cumprimentado por muita gente, pois nascera em La Rochelle e sempre vivera na cidade.

Escolheu a caixa de correio da rua dos Merciers; naquela manhã não corria o risco de ser observado no vaivém da multidão. Em seguida, conforme gostava de fazer aos sábados, entrou no mercado e passeou diante das barracas de peixes e crustáceos.

Só ao voltar para casa comprou o jornal na esquina da rua. Enfiou-o no bolso sem ter tido curiosidade de passar os olhos por ele.

Uma camponesa trouxera o filho, em quem Valentin, lenço na mão, experimentava bonés. Em dia de bonés. O Sr. Labbé despiu o sobretudo e o chapéu e disse a Louise pela porta entreaberta: — Compre lagostins. A velhinha de Charron tem uns muito bonitos. A senhora chamou?

— Não, senhor.

Comeria primeiro embaixo a sua parte dos lagostins, depois a de Mathilde no

quarto. Era uma sorte que a antiga empregada, Delphine, tivesse ido morar com a filha na ilha de Oléron, pois Delphine, que trabalhara vinte anos para eles, sabia que Mathilde não gostava de nada que saísse do mar.

Poderia ter arranjado uma empregada melhor que Louise. Uma porção de coisas seriam feitas de modo mais agradável. Começava a detestar aquela moça gorda, que nunca fazia perguntas. Impossível adivinhar o que ela pensava. Será que pensava?

Não gostava de que ela dormisse em casa. Delphine, que tinha filhos, voltava diariamente para casa, que ficava do outro lado da estrada de ferro, logo depois do restaurante. Também Louise, a princípio, dormia na cidade.

Depois, por causa dos assassinatos das velhas senhoras, declarou que não sairia após escurecer.

Por que teria concordado em arrumar-lhe um quarto no primeiro andar?

Quem sabe naquele momento tinha em mente alguma vaga ideia? Vista a certa distância era bastante apetitosa. Mas agora que a ouvia lavar-se do outro lado da parede não podia ignorar que era desmazelada. O cheiro de seu quarto, onde entrara um dia, assim como a roupa de baixo atirada a uma cadeira, deixaram-no nauseado.

Não seria perigosa provavelmente, mas não deixava de representar uma complicação. E para escapar a complicações ele fizera muita coisa.

Veria mais tarde.

Mudou de casaco. Vestia sempre um velho casaco para trabalhar. Entrou nos fundos da loja e acendeu o aquecedor que usava para passar os chapéus a vapor.

Abriu um armário com a menor chave do molho. Essas chaves, que tinham importância capital, eram polidas, luzidias como ferramentas, e ele as guardava sempre no mesmo bolso, não esquecendo nunca de colocá-las na mesinha de cabeceira antes de se deitar.

No fundo do armário, um barbante pendia do teto e ele o puxou duas ou três vezes.

Valentin, ainda ocupado com a freguesa e o menino, deu alguns passos para avisar: — A senhora está chamando, Sr. Labbé.

Ao puxar o barbante, ele acionava um mecanismo que dava batidas no chão do andar de cima, tal como antigamente, quando para chamá-lo Mathilde batia no chão com a bengala.

— Vou subir — anunciou com um suspiro. Tornou a fechar o armário, guardando as chaves no bolso. Estranho, na loja de Kachoudas o alfaiate tomava as medidas de um menino conduzido pela mãe. Mãe e filho de cada lado da rua e, coisa mais estranha ainda, todos do mesmo vilarejo.

Desapareceu na escada em espiral e Valentin ouviu-lhe os passos lá em cima. A porta estava fechada. As cortinas não permitiam que se visse o quarto do exterior. Na sua cozinha a Sra. Kachoudas, que nunca pensava nos vizinhos da

frente, braço erguido, enfiava o vestido por cima da combinação, pois aquela gente, para se aquecer, vestia-se e até se lavava na cozinha. Para as meninas e o garoto ela colocava uma bacia de esmalte numa cadeira.

Acrescentou uma acha às da lareira, sentou-se, acendeu o cachimbo e só então abriu o jornal.

*"O Estrangulador faz nova vítima."*

Não era estranho constatar como as palavras são capazes de deformar a realidade? *O Estrangulador!* E com maiúscula ainda por cima! Como se, por exemplo, a pessoa fosse estranguladora inata. Como se estrangular fosse, em suma, uma vocação! A verdade era tão diversa! Isso sempre o irritava. Essa mesma irritação impelira-o a mandar a primeira carta ao jornal. Daquela vez diziam: *"Um louco perigoso ronda a cidade."*

E ele respondera: *"Não, senhor, não há louco. Não fale a respeito daquilo que desconhece."*

No entanto, Jeantet não era nada idiota. Enquanto a polícia detinha os vagabundos e os marinheiros em licença, interpelava transeuntes nas ruas, solicitando seus documentos, o repórter arquitetava pouco a pouco um raciocínio lógico. Após a terceira vítima, a Srta. Lange, a merceira da rua Saint-Yvon, e quando a vigilância já se organizara, ele afirmava: *"É um erro preocupar-se com vagabundos e, de modo geral, com todos os que chamam a atenção pela roupa ou pelo comportamento. O assassino é necessariamente um homem que passa despercebido. Não é um estranho, portanto, como supõem alguns. Tendo em vista as idas e vindas necessárias aos três crimes, é mais que provável que ele tenha encontrado mais de uma vez ao menos uma das patrulhas voluntárias que cortam todas as noites a cidade."*

Era exato. O chapeleiro havia encontrado uma patrulha e continuado tranqüilamente o seu caminho. Alguém lançara sobre ele a luz de uma lanterna de bolso, enquanto uma voz dizia: — Boa-noite, Sr. Labbé.

— Boa-noite, senhores!

*"Somente um cidadão conhecido e estimado poderia..."*

Isso bem mais longe nas suas deduções o rapaz que escrevia todas as noites na primeira mesa do Café das Colunas: *"...A hora dos atentados indica que é um homem casado, de hábitos regulares..."*

Baseava a afirmação no fato de que nenhum crime fora cometido depois do jantar.

*"...É, portanto, alguém que não sai sozinho à noite..."*

Em seguida perdia o rumo. Depois do quinto assassinato, o penúltimo, o de Léonide Proux, a parteira de Fétilly, escrevera: *"É provável que a parteira tenha sido atraída para fora de casa por um telefonema, o que parece confirmado pela mala que levava ao ser atacada..."*

Era falso. Era precisamente a única que o Sr. Labbé encontrara quase por acaso. Fazia parte da lista, com certeza. Mas, caso não a tivesse encontrado, não

lhe teria de fato telefonado?

*"Como seria perigoso dar um telefonema tão comprometedor de uma cabine pública ou de um café..."*

Queria mostrar-se inteligente demais, mais inteligente que o assassino. E acabava afirmando que este devia ter telefone em casa. Nesse caso a mulher dele, ou a empregada, não o surpreenderia fazendo a ligação?

O Sr. Labbé não tinha telefone. Sempre se recusara a instalar o aparelho em casa.

Jeantet continuava às apalpadelas: *"Trata-se provavelmente de um homem que trabalha em escritório, sai entre cinco e seis horas e comete seus crimes antes de voltar para casa."*

Era desconcertante que ele escrevesse tudo aquilo no café, onde via diariamente comerciantes, profissionais liberais, que passavam uma ou duas horas jogando cartas antes do jantar.

Naquele dia havia coisa melhor. O jornal dizia em subtítulo: *"Têremos a descrição do assassino?"*

Haviam descoberto o corpo da Srta. Irene Mollard pouco depois das oito da noite. Um agente da polícia tropeçara literalmente no cadáver. A rua inteira foi alertada. A mãe da criança a quem a velha senhorita dera sua última aula exclamou: — Não queria deixá-la sair sozinha. Supliquei que aguardasse a chegada do meu marido, que a acompanharia até em casa. Ela não me atendeu.

Afirmou que não tinha medo. Eu a observei por um instante pela porta entreaberta, enquanto ela se afastava, ouvindo seus passos. Lembro-me agora de ter visto um homem no meio da rua. Quase gritei por socorro, mas depois achei que seria ridículo. Um assassino não se colocaria no meio da rua. Ainda assim fechei a porta bem depressa. Não o vi muito bem, mas tenho quase certeza de que era um homem baixo e magro, com impermeável comprido demais.

O impermeável de Kachoudas, ou melhor, o impermeável que não pertencia ao alfaiate, que um caixeiro-viajante de passagem pela cidade deixara na alfaiataria por estar gasto e sujo, enquanto comprava um sobretudo. O alfaiate usava-o por economia quando estava chovendo.

O Sr. Labbé voltou-se para a janela. Kachoudas voltara à mesa e falava com a mulher, que ia sair, sacola de compras na mão. Devia estar perguntando o que ele queria comer na hora do almoço.

O alfaiate ainda não tinha lido o jornal. De manhã só saía de casa para retirar os postigos. Mais tarde, ao voltar do mercado, a mulher traria o *Echo des Charentes*.

Louise também estava de saída para as compras. A campainha da porta soou várias vezes. Havia fregueses na chapelaria.

Antes de sair do quarto, o Sr. Labbé não esqueceu de murmurar algumas palavras e deslocar ligeiramente a poltrona.

Valentin viu surgirem as pernas, o torso, e finalmente a cabeça serena e

repousada. Como parecia embaraçado, o chapeleiro perguntou: — Que aconteceu?

O rapaz gripado apontou um camponês enorme, que se equilibrava ora numa perna, ora na outra.

— O número dele é 58 e só temos 56.

— Deixe que eu atendo.

Manuseou o chapéu sob o vapor e o freguês saiu examinando-se nos espelhos, meio inquieto.

— FECHE A LOJA, Valentin.

— Sim, senhor. Boa-noite, senhor.

— Boa-noite, Valentin.

Valentin passara o dia assoando-se e a coriza era tão abundante que a gente ficava de olhos úmidos só de olhar para ele e escutá-lo. Por duas vezes aproveitara-se do fato de não haver fregueses na loja para secar o lenço diante do radiador a gás.

Era também um pobre coitado. Alto e ruivo, olhos azul-faiança e expressão de tal modo honesta que muitas vezes o Sr. Labbé abria a boca para dirigir-lhe uma observação, mas tornava a fechá-la sem falar, limitando-se a dar de ombros. Passavam juntos a maior parte do dia, porque na realidade a chapelaria e a oficina constituíam um único aposento. Havia dias em que passavam horas inteiras sem ver um só freguês. Depois de tirar o pó e colocar a loja em ordem, verificando pela centésima vez as etiquetas, o pobre Valentin, tal um grande cão embaraçado com seu corpo, buscava um canto onde se esconder, evitando fazer barulho, estremecendo ao menor movimento do patrão. E, como não tinha licença para fumar na oficina, chupava silenciosamente balas de violeta.

— Até segunda, Valentin. Bom domingo.

Era uma atenção suplementar, de passagem. O que importava era saber se Kachoudas ia ou não descer. Não tinha saído de casa o dia inteiro.

Descera uma vez para fazer uma prova, outra para desempacotar tecidos diante de um freguês que não havia decidido nada e saíra prometendo voltar.

Mantinha a luz do ateliê acesa, pois o nevoeiro não de dissipara; quando o barulho da feira se atenuou, ouvia-se a intervalos regulares a sirene do nevoeiro. Penetrava toda a atmosfera como o vagido de uma vaca monstruosa; muita gente que morava na cidade havia anos ainda se impressionava com o som. Embarcação alguma deixara o porto. Outras que deviam ter regressado ainda eram aguardadas, e as pessoas se inquietavam com seu paradeiro.

As camponesas tinham partido nas suas carroças, ou de ônibus, bem antes do anoitecer. Só os homens permaneciam nos cafés, rosto animado, olhos brilhantes.

Kachoudas tinha lido o jornal. A mulher o entregara, pelo menos. Nesse ponto o Sr. Labbé não se enganava. E se enganava alguma vez? Não tinha direito. Apesar de tudo o que lhe ocupava a cabeça, conseguia não se esquecer de nada, nem mesmo o mais ínfimo detalhe. Caso contrário estaria perdido.

O jornal estava numa cadeira, junto à mesa do alfaiate e via-se que fora aberto.

Kachoudas viria. O chapeleiro estava persuadido de que ele viria e deteve-se no limiar, olhando para a janela iluminada e fazendo maquinalmente, lá no íntimo, como as camponesas que chamam as galinhas: — Aqui, aqui, aqui, aqui...

Caminhava sem ruído e não percorrera vinte metros quando ouviu à

retaguarda passos que seria capaz de distinguir em meio a quaisquer outros.

Kachoudas se aproximava. Teria hesitado? Um pobre sujeito decididamente. Há muitos pobres sujeitos neste mundo. Com certeza desejava profundamente os vinte mil francos. Nunca vira tal soma reunida, exceto, quem sabe, atrás do guichê de um banco. Levaria dois anos trabalhando noite e dia à sua mesa para conseguir a mesma quantia.

Desejava, com certeza, ganhar os vinte mil francos. Desejava com toda a alma. E por desejá-los com tanta intensidade sentia medo profundo.

Quem sabe o medo de perdê-los era maior que o medo do chapeleiro?

Acontecera aquilo que viria fatalmente a acontecer: é sempre um sujeito como Kachoudas que acaba por se tornar suspeito; era Kachoudas que a mãe da criança que estudava piano avistara e descrevera para a polícia.

Caminhavam um atrás do outro como todos os dias, e o alfaiatezinho devia, a cada passo, jogar a perna para o lado. O Sr. Labbé, pelo contrário, caminhava sereno e digno; tinha um belo andar.

Empurrou a porta do Café das Colunas e bastou o ruído e o cheiro para lembrar-lhe que era sábado. Sim, o cheiro, porque a clientela do sábado não tomava as mesmas bebidas dos clientes da semana.

A sala estava apinhada. Havia gente em pé. Os camponeses mais humildes reuniam-se nos pequenos bares das imediações do mercado; para ali vinham os mais ricos, ou mais empreendedores, os que tinham negócios a tratar com os vendedores de adubo, os agentes de seguros, os homens da lei, que aos sábados davam audiência nas mesas, por algumas horas escritório e balcão.

Só as do centro, junto à estufa, permaneciam um oásis respeitado, rodeado de uma zona de silêncio e calma.

Chantreau, o médico, não estava jogando e achava-se sentado atrás do senador, que distribuía as cartas. O Sr. Labbé tocou-lhe a mão.

— Boa-noite, Paul.

E ao ver o amigo retirando uma pílula de uma caixinha de papelão: — Não se sente bem?

— Fígado.

Isso lhe ocorria periodicamente. Parecia emagrecer vários quilos de um dia para outro, de tal modo a fisionomia ficava abatida, com bolsas flácidas sob as pálpebras, olhar de quem sofre.

Tinham a mesma idade os dois. No colégio haviam sido amigos quase inseparáveis.

Gabriel pegou o sobretudo e o chapéu do Sr. Labbé.

— O de sempre?

Diante do médico, no mármore da mesa, havia um quarto de Vichy.

Kachoudas, que acabava de entrar, hesitou em sentar-se perto dos jogadores.

Um pobre coitado! Não só Kachoudas, que acabou por sentar-se numa

cadeira, como Paul, o médico. O Sr. Labbé devia ter ainda em algum canto, no fundo de uma gaveta, uma fotografia onde os dois estariam com quinze ou dezesseis anos.

Naquela idade Chantreau era magro, cabelos tendendo para o ruivo, mas não do ruivo desbotado de Valentin; erguia o queixo com altivez, olhando em frente com ar de desafio.

Decidira-se pela medicina, mas não seria um simples médico, e sim um grande descobridor como os Pasteur e os Nicolle. Seu pai era rico, possuía uma dezena de sítios em Aunis e na Vendée. Administrava-os à distância e, estranho, passava as tardes no Café das Colunas, no mesmo lugar onde hoje se jogava bridge.

— Ele me enoja — dizia sobre o pai o jovem Paul. — É avarento.

Zomba da sorte dos camponeses.

Em suma, os pais de todos eles possuíam bens, terras, fazendas, casas, ou então barcos, ou partes de barcos.

Kachoudas fixava intensamente, de esguelha, o Sr. Labbé, que fingia não percebê-lo. Era um jogo. Assim provaria a si mesmo que tinha o espírito livre. Os papéis se invertiam: era o alfaiate que suava de medo, que sorvia nervosamente a sua bebida e que tinha às vezes um ar de súplica.

Suplicar o quê? Que se deixasse prender, para que ele ganhasse os vinte mil francos do prêmio?

— Você bebe demais, Paul.

— Eu sei.

— Por quê?

Por que se bebe? Chantreau formara-se em medicina. Voltara à cidade e instalara consultório, decidindo: — Atendo à clientela de manhã para ter o resto do tempo livre para as minhas pesquisas.

Instalara um verdadeiro laboratório e fizera assinatura de todas as revistas médicas.

— Por que nunca se casou, Paul?

Talvez porque quisesse tornar-se um cientista, não sabia ao certo; limitou-se a dar de ombros com uma careta provocada pela dor.

Deixara crescer a barba, desleixara-se. Tinha as unhas sujas, a roupa duvidosa. A princípio vinha para o Café das Colunas às seis horas, como todos os que trabalham; depois às cinco, depois às quatro, e em seguida logo após o almoço; como então não houvesse ninguém para organizar uma partida, jogava damas com Oscar, o dono do café.

Ultrapassara os sessenta anos, como o Sr. Labbé. Todos haviam ultrapassado os sessenta.

— Fica no meu lugar, Léon? Preciso conversar com meus eleitores.

André Laude, o senador, que acabava de ganhar o rubber, levantou-se a

contragosto. Ao redor havia rumor contínuo, solas que se arrastavam no chão coberto de serragem, copos que se entrecocavam, vozes mais altas que de costume.

— Vão acabar prendendo o sujeito e é o que desejo — disse um lavrador de polainas de couro. Acabam sendo sempre presos, até os mais espertos. E depois? Vão enfiá-lo num manicômio, pretendendo que seja louco, e nós, os contribuintes, sustentaremos o criminoso até morrer.

— A menos que ele ataque um sujeito como eu!

— Você fará como os outros, apesar de toda essa bravata! É capaz de lhe dar um murro, mas em seguida o entregará documente à polícia. Num vilarejo, não sei. Talvez fosse diferente. Há forcados e pás...

Tranquilamente, sem pestanejar, o Sr. Labbé sentou-se no lugar do senador que fazia a ronda das mesas. Por um instante o chapeleiro perguntou a si mesmo se Kachoudas estaria também resfriado. Parecia vermelho, os olhos brilhantes, mas reparou que havia dois pires sob seu copo.

O alfaiate bebia! Para tomar coragem? E fazia sinal a Gabriel, que lhe serviu o terceiro copo de vinho branco.

— Somos parceiros — anunciou Julien Lambert, o agente de seguros, distribuindo as cartas.

Este não bebia, isto é, contentava-se com um aperitivo, dois no máximo.

Era protestante. Tinha quatro ou cinco filhos e teria muitos outros se a mulher não perdesse uma criança em duas. O caso era assunto de piadas.

Perguntavam: — Sua mulher?

— Na clínica.

— Bebê?

— Aborto.

Ele também era rico, havia herdado dos pais, o que lhe permitira comprar uma agência de seguros. Não dava muita atenção ao negócio. Tinha bons empregados. Às vezes um deles vinha procurá-lo no café quando havia alguma transação urgente. Depois de jogar bridge à tarde, jantava às pressas para um novo bridge em sua casa ou na de amigos.

Na verdade, ele era irmão da Sra. Geoffroy-Lambert, da rua Réaumur, a quarta estrangulada. O Sr. Labbé fora ao enterro.

— Minhas condolências, Julien. Acompanhará todos os sepultamentos, pois conhecia todas, ao menos por intermédio de Mathilde.

O jornalista não se achava no café. Devia estar ocupado com a investigação. Por duas ou três vezes o Sr. Labbé dirigiu o olhar para sua mesa habitual.

— Recebemos outra carta — disse Caillé, o gráfico e proprietário do *Echo des Charentes*, examinando as cartas do baralho.

— Ele começa a exagerar — murmurou Julien Lambert, anunciando dois de paus.

E voltando-se para Chantreau, que observava o jogo: — Acha que ele é louco, Paul?

O médico deu de ombros. O assunto não o interessava no momento. Só se importava com as pontadas que lhe penetravam o lado.

— Louco ou não, só vai parar quando for preso — resmungou.

— Nunca chegaram a prender Jack o Estripador, e ele deixou de matar.

A observação agradou ao Sr. Labbé, que nunca havia pensado no assunto.

— Quantas pessoas matou? — perguntou. — Três de ouros.

— Passo.

— Três de espadas — acrescentou Lambert.

— Quatro de copas.

Era um pequeno *slam* em perspectiva e houve um momento de silêncio, entrecortado de declarações e que chegou a seis de ouros.

— Dobrados.

— Não sei quantas matou, mas o terror em Londres e adjacências durou vários meses. O exército foi chamado a intervir. Escritórios, fábricas fecharam as portas porque os empregados e as operárias já não se arriscavam a sair.

— Gostaria de saber quantas mulheres há na rua neste momento.

Trêmulo, o alfaiate esvaziava de um só gole o terceiro copo. Não ousando olhar na direção dos jogadores por medo de encontrar o olhar do chapeleiro, fixava, lúgubre, o assoalho sujo.

— Quatro vezes trunfo. Impasse para o rei de espadas e o resto na minha mão.

Seria interessante saber como era Kachoudas depois de beber. O Sr. Labbé nunca o vira embriagado. O médico, por exemplo, que começava a beber desde de manhã, após cada consulta, e não parava no resto do dia, era a princípio de uma benevolência mesclada de leve ironia. Seus últimos clientes da manhã eram todos chamados de: — Meu filho."

Ou:

"— Meu velho."

Ou:

"— Minha menina."

E, em vez de passar uma receita, ia procurar no armário um remédio, enfiando-o, gratuito, na mão do cliente.

No início da tarde parecia olímpico, rosto nimbado de fumaça, gestos lentos, olhar pesado, palavra rara. Em seguida tornava-se pouco a pouco sarcástico, mesmo com seus melhores amigos.

Aqueles que encontrava às dez da noite, ao voltar para casa, depois de tomar vinho tinto nos pequenos botequins, diziam que tinha lágrimas nos olhos e se agarrava ao braço da pessoa.

— Sou um fracassado, meu velho. Um velho diabo fracassado, é o que sou!

Confesse que enoja você, que enoja todos!

Quanto a Oscar, o dono do café, obrigado por profissão a beber o dia inteiro com os clientes, acabava de olhos inchados, andar digno e hesitante, fala atropelada, e à noite trocava as sílabas, de modo que não se compreendia bem o que dizia.

O alfaiate estava febril. Não se mantinha quieto no lugar, fazia gestos bruscos como tiques nervosos, parecendo afastar moscas invisíveis.

O Sr. Labbé tinha a agradável impressão de mantê-lo no extremo de um fio, murmurando gentilmente: — Calma, menino.

Ele sabia muito bem que o comissário Pigeac estava presente, às suas costas, na mesa dos quarenta a cinquenta anos. Vira-o entrar de sobretudo cinza, chapéu cinza, rosto cinza. Lembrava um peixe, uma merlina sem graça, e mantinha sempre nos lábios um sorriso frio, dando a impressão de que sabia mais do que aparentava.

Ele não sabia de nada, disso o Sr. Labbé estava convicto. Era um completo imbecil, um burocrata de nascença, que só pensava em avançar na carreira e fazia parte de lojas maçônicas porque lhe haviam dito que isso o ajudaria. Só numa coisa se destacava: no bilhar, onde conseguia séries de cento e cinquenta a duzentos pontos, girando lentamente em torno do feltro verde e observando-se a intervalos nos espelhos.

— Não faça isso, menino.

Era a Kachoudas que ela falava intimamente, pois sentia que o alfaiate estava prestes a sofrer uma vertigem, sentia calor, não sabia para onde olhar, e só pensava nos vinte mil francos e no depoimento da mãe da criança que tocava piano.

— Segundo Caillé, ele só matará mais uma pessoa.

— Por quê?

— Não disse por quê. Afirma sempre que se trata de uma necessidade, que não o faz por gosto. Vocês lerão a carta amanhã no jornal. É a minha vez? Sem trunfo.

Quatro copos de vinho branco. Kachoudas já havia bebido quatro copos de vinho branco, esquecido de olhar para o relógio. Já ultrapassara a hora em que costumava voltar para casa.

— Será na segunda-feira.

— Que será na segunda-feira?

— A última. Por que na segunda, não sei. Gostaria de saber se haverá crimes hoje ou amanhã. Isso indicaria que ele escreve qualquer tolice que lhe passe pela cabeça.

— Ele não escreve qualquer tolice — afirmou Lambert.

— Por que sete, não oito?

— E por que minha irmã, que nunca fez mal a ninguém?

— Talvez não goste de velhas senhoras — disse Chantreau.

O Sr. Labbé, fixou-o, curioso, pois a reflexão não era tola. Embora inexata, nada tinha de tola.

— Observaram que são todas mais ou menos da nossa idade? — prosseguiu Caillé.

Então Arnould, o gordo Arnould das sardinhas Arnould, que ainda não tinha aberto a boca, interveio: — Com duas eu dormi e com uma quase casei.

Lambert ofendeu-se.

— Minha irmã?

— Não estou falando de sua irmã.

Mas todo mundo sabia que a Sra. Geoffroy-Lambert possuía pernas acolhedoras. Verdade que isso só acontecera pelos quarenta anos, depois de viúva, e que ela só se interessava por rapazes.

— Você conheceu Irene Mollard?

— Era bonita, mas aos dezessete anos já se dizia que era indefesa como um passarinho diante de um gato. Sentimental como um romance de folhetim. A tal ponto que não se casou. Aposto que morreu virgem.

— Verdade? — perguntaram ao médico, de quem fora cliente.

— Não a examinei nesse setor.

— Quem foi que anunciou três de paus? Estávamos em três de paus. Sua vez, Paul.

O café estava cheio de fumaça, atraída pelas lâmpadas elétricas de um branco leitoso, instaladas há pouco tempo. O senador se achava na terceira mesa e em cada uma oferecia uma rodada de bebida. E em quase todas tirava um caderninho do bolso e escrevia algumas palavras. Raros eram os eleitores que nada tinham a pedir e, quando o Sr. Labbé fixou-o de longe, no momento em que enfiava o caderninho no bolso do casaco, Laude piscou-lhe cinicamente.

Antigamente era o menos rico da turma. O pai era um empregado de baixo escalão no Crédit Lyonnais. O filho casara com uma filha única no tempo em que não passava de advogado e conselheiro municipal. Hoje morava numa das grandes residências da rua Réaumur, próximo à da Srta. Geoffroy-Lambert.

— A casa de sua irmã está à venda? — perguntou o Sr. Labbé.

— Por quê? Pretende comprá-la? — ironizou o outro. — É um elefante branco. Tem apenas onze quartos de dormir e estrebarias para dez cavalos nos fundos do pátio... Quero tentar a prefeitura, que sempre precisou de espaço para escritórios.

— Calma, rapaz!

Por pouco o Sr. Labbé ordenava a Gabriel não servir mais bebida ao alfaiate. E Gabriel obedeceria com certeza. Houve um momento de inquietação quando Kachoudas ergueu-se bruscamente, como quem ia precipitar-se para a mesa do comissário. Mas dominou-se e foi à privada que se dirigiu.

Bexiga? Estômago? Naquele momento, por feliz acaso," o chapeleiro ficou de morto e, por sua vez, dirigiu-se ao lavatório de pura curiosidade, pois não sentia medo.

Não era a bexiga, e os dois se encontraram em pé, lado a lado diante dos ladrilhos que cobriam a parede. O alfaiate, que tremia da cabeça aos pés, não podia fugir. O Sr. Labbé, após hesitar um instante, falou baixinho, olhando em frente: — Calma, Kachoudas.

Estavam sozinhos. O alfaiate imaginaria que o vizinho pretendia estrangulá-lo? O Sr. Labbé poderia afirmar sem mentir que não trazia consigo o seu instrumento.

Na verdade, ninguém pensara em fazer uma lista dos habitantes de La Rochelle que tocavam violoncelo. Não devia haver muita gente.

Quanto a ele, haviam provavelmente esquecido que era músico. Há vinte anos pelo menos não tocava o seu instrumento, que estava no sótão. Para ir ao sótão era preciso sair da casa, enveredar pela passagem e subir a escada que dava para o segundo andar. Era o que ele havia feito, pois não cometera a imprudência de comprar uma corda de violoncelo na loja da rua do Palais.

Aliás, só havia uma na cidade. E há quinze anos o chapeleiro não saía de La Rochelle, nem mesmo para ir a Rochefort; há quinze anos não dormia fora de sua cama uma só noite.

Ninguém se lembrara disso. Os outros faltavam de vez em quando à reunião da tarde. André Laude ia a Paris para a sessão do Senado e passava as férias num castelo da Dordogne, que a mulher trouxera como dote. Até Chantreau fazia, todos os anos, uma estação de águas em Vichy. A família Julien Lambert tinha uma casinha em Fourras, onde passava dois meses por ano, e a intervalos o agente de seguros anunciava que ia a Bordeaux a negócios, quando na verdade se dirigia a Paris.

A maioria tinha carro, ou viajava de trem. Arnould, o armador, fizera no verão passado um cruzeiro pelo Spitzberg. Havia dias em que se tinha dificuldade de conseguir alguém para completar a partida. Era preciso apelar para o pessoal da mesa dos quarenta aos cinquenta.

Somente o chapeleiro estava sempre ali. Era tão habitual a sua presença que ninguém achava o fato insólito.

De início lamentavam-no. Lamentavam Mathilde principalmente.

- Como é que ela aguenta a situação?

— Mais ou menos. Mais ou menos.

O próprio Kachoudas... Kachoudas fora a Paris e a Elbeuf! Kachoudas, em certos domingos de verão, levava a família à praia, que não ficava muito longe, é certo, em Chatelaillon. Nesses dias a rua ficava tão vazia como uma mesa de bilhar, sem qualquer ruído além do pipilar dos passarinhos.

O Sr. Labbé foi o primeiro a voltar ao seu lugar. Sabia muito bem que o outro

o seguiria.

— Três de copas?

— Fiz cinco.

— Perdeu a vaza. É minha vez de dar as cartas?

Às seis e meia os camponeses já eram poucos. Permaneciam apenas os que possuíam carro ou camionete, pois as carroças já haviam partido há muito tempo, seguindo pelas estradas mergulhadas no nevoeiro que se espessara. Estava tão denso, mesmo na cidade, que, quando a porta do café se abria, penetrava na sala como fumaça fria, mais branca que a dos cachimbos e dos charutos.

Quem acreditaria, fora daquela mesa, que o Sr. Labbé fora aviador? Pois voara durante a guerra de 1914. Abatera aviões inimigos como se abatem papagaios nas feiras, merecera diversas citações. Chegara até a fundar um clube de aviação em La Rochelle, do qual fora durante algum tempo o presidente. E antes disso fizera serviço militar nos dragões.

— Dobro o dois de paus.

— Pois redobro.

Não cometia um só erro. Julien Lambert, sempre meticuloso, não tinha censuras a dirigir-lhe. Seus lances eram corretos, os impasses quase sempre bem-sucedidos.

Não seria mais simples oferecer os vinte mil francos a Kachoudas? Podia dar-se ao luxo. Estava em boa situação financeira. Não dava atenção à chapelaria porque não precisava dela.

Poderia mudar-se, uma vez que o comércio deslocara-se para a rua do Palais, onde brilhavam as luzes e os fonógrafos da Prisunic e de outras grandes lojas.

Mesmo na rua do Minage seria fácil iluminar melhor a vitrine, modernizar a loja, pintar as paredes e as prateleiras de cores claras.

Para quê? Os amigos raramente lhe compravam um chapéu, preferindo ir a Bordeaux ou a Paris. Limitava-se a passá-los nos fundos da loja, aproveitando o momento para puxar o barbante.

— A Sra. Labbé está chamando — avisava imediatamente Valentin, como se só ele tivesse ouvido as batidas no teto.

Franziu o cenho ao ouvir Kachoudas pedir a Gabriel em tom hesitante: — Um conhaque.

Havia decidido embriagar-se e desviava o rosto para evitar o olhar do chapeleiro.

Teria coragem, daí a pouco, de se instalar à sua mesa e pegar um tecido que cheirava a suarda? Possuía, em suma, a mesa, a lâmpada presa a um arame, o pedaço de giz pendente. E também o seu cheiro, que transportava para toda parte, que só incomodava os outros e que ele devia aspirar com uma espécie de

volúpia. E mais a mulher, sempre descabelada, voz aguda, que se fazia ouvir o dia inteiro pela porta entreaberta da cozinha, as meninas, o menino, nascido bem depois das quatro garotas, e a primogênita, que devia estar começando a namorar.

Um dia desses a Sra. Kachoudas engravidaria novamente. Era espantoso que tivesse passado três anos sem filho. A menos que houvesse algum problema interno.

O Sr. Labbé poderia, à saída, abordar o alfaiate na rua, acalmá-lo, tranquilizá-lo, pedir-lhe que esperasse um minuto e depois buscar os vinte mil francos. Na escrivaninha do quarto havia um gordo envelope contendo mais do que isso em notas. Datava do tempo de Mathilde, que não confiava em nada e ninguém, e desconfiava dos bancos.

— Gabriel!

— Sim, Sr. Labbé. O mesmo?

— Uma *fine à Veau*.

O conhaque de Kachoudas despertara-lhe vontade de beber também, mas não se embriagara. Raramente se embebedara na vida, exceto quando era estudante e durante a guerra, antes de partir para um ataque.

— Corto e jogo o ás de paus.

Chantreau, ao seu lado, tomava a segunda pílula, e o Sr. Labbé recebeu-lhe o mau hálito em pleno rosto.

— Sua mulher?

— Sempre na mesma.

— Não está com escaras? Sinal negativo de cabeça.

— Tem sorte.

Há dez anos nenhum médico entrava na casa. No início da paralisia Mathilde queria consultar todos. Mudava de médico de semana em semana.

Chamava especialistas de Bordeaux, de Paris. Fizera todos os tipos de tratamento; depois fora a vez dos padres, das religiosas, e dois anos seguidos ela empreendera uma viagem a Lourdes.

Ao todo a agitação durara cinco anos, com altos e baixos, crises de misticismo, períodos de esperança e períodos de resignação.

— Jure que se "eu me for" você não tornará a casar.

No dia seguinte, tomava-lhe a mão, o ar protetor: — Escute, Léon. "Quando eu me for" não fique sozinho. Você vai encontrar uma boa moça, casar com ela. É possível até que tenham filhos. Dê a ela as minhas joias. Sim! Faça questão.

Durante oito dias lia da manhã à noite, e na semana seguinte passava horas de olhos fixos nas cortinas, o ar feroz.

Mandara chamar o curandeiro de Charron e nele acreditara durante um mês. Brigara com cinco enfermeiras, e cobrira a última de uma torrente de injúrias.

Um belo dia resolvera não chamar nenhum médico ou padre, e pouco depois

dizia a Delphine, a empregada de então, que não devia mais pisar no seu quarto.

Chantreau, que não era casado, passava os dias solitário, a beber. Julien Lambert era casado com uma mulherça de cabelos escuros, tinha filhos e matava o tempo jogando cartas.

Quanto a Arnould, o homem das sardinhas, que se divorciara uma vez e tornara a casar-se com uma mulher quinze anos mais moça, frequentava o bordel pelo menos duas vezes por semana; chegara até a dormir lá numa noite em que bebera demais.

Foi Caillé quem deteve o comissário de passagem pela mesa.

— E a investigação, Pigeac?

— Vai indo! Vai indo! — respondeu o comissário, ar enigmático.

(Imbecil! Completo imbecil!) — Entregaram-lhe a cópia da carta que recebemos pelo correio da tarde?

— Já li.

— Que acha?

— Que pensa você do assunto?

— Que ele acabará preso muito breve.

— Tem alguma pista?

O Sr. Labbé fixou Kachoudas, tão tenso que fazia mal olhar para ele.

— Se tentar qualquer coisa na segunda-feira será o seu último golpe.

Mas está blefando, pode acreditar.

— Jeantet acha que não.

— Bem, se o Sr. Jeantet acha... — zombou o comissário Pigeac.

— Ele afirma que o homem não mente.

— Verdade?

— Essa necessidade de que ele fala é preocupante. Compreende o que quero dizer? Conforme Jeantet escreveu com justeza, não se tem a impressão de que as vítimas sejam escolhidas ao acaso.

— Parabéns ao seu repórter.

O comissário cortou com os dentes a ponta de um charuto e esboçou um sorriso.

— Por que sete e por que segunda-feira?

— Até amanhã, senhores. Com licença. O comissário saiu e Caillé resmungou: — Está vexado. Sei muito bem que Jeantet não passa de um garoto.

Aceitei-o quase por caridade, porque a mãe, que é viúva, trabalha como doméstica. Mas aposto que, se alguém descobrir quem é o assassino, será ele.

— Vamos mudar de assunto? — propôs Julien Lambert. — É a sua vez de dar as cartas.

Às seis e meia, o Sr. Labbé perguntou: — O rubber terminou? Caso não se importem, cedo o meu lugar.

Ninguém insistia em que ele ficasse — o que se fazia com os outros — por

causa de Mathilde. Gozava de consideração especial. Todos tinham um jeito peculiar de cumprimentá-lo. apertar-lhe a mão. Tornara-se um hábito.

Depois que ele saía alguém murmurava sempre: — Pobre velho!

Da boca para fora, como haviam apresentado condolências a Julien Lambert quando a irmã fora estrangulada.

Um deles — o médico, numa noite em que bebera demais — chegara até a resmungar entre os dentes: — Essa deve ter lamentado não ser violada.

— Até amanhã, senhores.

— Esquece que amanhã é domingo. Verdade. No domingo não se reuniam.

— Então, até segunda.

O dia da última vítima! Depois, tudo terminado. Falariam no assunto por algum tempo, depois pensariam noutra coisa, e ninguém mais mencionaria as velhas senhoras, que pouco a pouco fariam parte de uma lenda.

Era quase uma pena. Olhou para o alfaiate e este, como quem obedece, dirigiu-se ao cabideiro onde havia pendurado o sobretudo. Não era o impermeável da véspera. Não ousava vesti-lo. Não o vestiria jamais. Quem sabe o teria destruído?

O Sr. Labbé atravessou solenemente a sala e cruzou olhares com a Srta. Berthe, sentada junto à janela, no lugar que Jeantet ocupara na véspera.

Vinha com frequência ao Café das Colunas, duas ou três vezes por semana.

Percebia-se imediatamente o seu perfume. Estava muito bem vestida, sempre de preto e branco, o que lembrava luto e a tornava mais excitante.

Bebia delicadamente o seu Porto, sozinha. Esboçava um sorriso discreto quando um dos homens a quem conhecia a fixava, mas nunca lhes dirigia a palavra.

Bastaria ao Sr. Labbé piscar-lhe o olho e dirigir-se lentamente à rua Gargoulleau, onde ela morava num elegante apartamento.

Seria pregar uma boa peça a Kachoudas. Que pensaria o alfaiate? Que ia estrangular a Srta. Berthe, embora ela tivesse apenas trinta e cinco anos?

Louise, a empregada, aguardava-o. Sentava-se à mesa invariavelmente às sete horas. Ficaria para a próxima semana, depois de tudo terminado, e o fato assumiria o ar de uma pequena recompensa.

Velha, meu Kachoudas! Siga-me, seu idiota! Hoje não haverá nem velha, nem jovem. Vou para casa.

Os passos do alfaiate, às suas costas, eram incertos. Devia ter pensado em falar ao chapeleiro, pois nesse momento, ao enveredarem pela rua do Minage, seu andar tornou-se rápido, quase precipitado. Chegou a poucos metros do Sr. Labbé, no nevoeiro que o transformava num fantasma de altura exagerada.

No fundo, ambos estavam com medo. O Sr. Labbé involuntariamente apertou o passo. Acabava de pensar: — E se ele estiver armado? Se me atacar? Kachoudas estava bastante excitado para fazer uma tentativa dessas.

Não. Deteve-se, permitiu que o outro se distanciasse e retomou caminho, tateando na escuridão.

Cada qual imobilizou-se diante de sua casa, tirando a chave do bolso. E no silêncio da rua, através do nevoeiro, a voz calma do Sr. Labbé falou: — Boa-noite, Kachoudas.

Aguardou, chave na fechadura, um aperto no coração. Segundos após, uma voz confusa balbuciou a contragosto: — Boa-noite, Sr. Labbé.

VIU LUZ DEBAIXO DA PORTA, ouviu passos abafados na escada, o que significava que era domingo. Nesse dia levantava-se um pouco mais tarde que durante a semana; a empregada, ao contrário, arranjava coragem para sair da cama antes mesmo de se ouvir o primeiro apito de trem. Olhar vago, descia para a cozinha, acendia o fogo e ali ficava a cochilar, enquanto aquecia grandes vasilhas de água.

No primeiro domingo que ela passou na casa, ele descera, curioso.

Encontrara a porta envidraçada da cozinha coberta com uma toalha presa por tachinhas.

— Quem é? — perguntara Louise, voz sonolenta.

— Sou eu.

— Precisa de alguma coisa? Estou me lavando. Provavelmente na bacia que servia para lavar a roupa. Devia ser assim na casa dela, em Charron. Era também assim que se lavavam na casa de Kachoudas. E a cozinha cheirava a sabonete a manhã inteira.

O Sr. Labbé não podia permitir-lhe o uso do banheiro, pois era preciso atravessar o quarto. Comprara uma banheira de zinco. Agora, aos domingos, ele a ouvia enchê-la com baldes de água quente, carregados um a um, entre gemidos. Se nas outras manhãs mal se dava ao trabalho de lavar o rosto, nesse dia, ao contrário, ficava uma hora sentada na banheira, lavando-se em todos os cantos.

E isso enojava o chapeleiro. Não gostava do odor dos outros, da intimidade dos outros. Vivera quinze anos naquele quarto com uma mulher paralítica, incapaz de fazer qualquer coisa por si mesma e que se enfurecia quando ele mencionava abrir a janela.

Talvez não fosse culpa dela. Era preciso atribuí-lo ao seu estado de saúde. Nos últimos anos, Mathilde vivera suja a ponto de parecer fazê-lo de propósito, para desafiá-lo. Chegara a interrogá-lo com uma chama de crueldade no olhar: — Você não acha que cheiro mal?

Estava diante da lareira acendendo o fogo. Não falhava nunca e em pouco tempo as chamas crepitavam alegres. Fazia mais frio que nos dias anteriores, um frio diferente. Afastando ligeiramente a cortina avistou o firmamento escuro muito limpo, gelado, e o contato com a vidraça esfriou-lhe a ponta dos dedos.

A chuva cessara. Toda a cidade se alegraria. Ele não. O bom tempo chegara com um dia de antecedência. Era como uma traição do céu, uma espécie de fracasso pessoal. Gostaria de terminar com a mesma atmosfera.

Não só a chuva nas ruas sombrias, como uma auréola em torno dos lampiões, reflexos no chão; isso o excitava sempre, facilitando seus movimentos. Havia menos gente nas ruas. Os transeuntes andavam junto às casas, pensando apenas em se proteger da chuva e da lama das calçadas.

Na casa de Kachoudas ninguém se levantara ainda. Não havia luz alguma. O alfaiate dormia encostado à sua gorda mulher; após a bebedeira da véspera, devia ter-se agitado a noite inteira, roncado, talvez falado em voz alta.

Ela não o teria censurado quando ele voltara para casa. No entanto, mal chegara, a embriaguez se tornara mais evidente por causa da passagem do frio para o calor. Enveredara pela escada em espiral (igual à do Sr. Labbé), esquecendo de fechar a loja, deixara-se cair numa cadeira, um braço apoiado no encosto, a cabeça sobre ele.

Chorava? É possível. Ou talvez se sentisse mal. O filho, que tinha três anos e meio ou quatro, rondara em torno, seguido das duas irmãs menores, e finalmente a Sra. Kachoudas saíra da cozinha, ferro de passar na mão.

Percebera imediatamente o que estava acontecendo e nada dissera. Movera os lábios e desaparecera no cômodo ao lado, reaparecendo minutos depois com um bule de café.

— Beba, Kachoudas.

Chamava-o de Kachoudas. Ninguém tratava o alfaiate pelo primeiro nome. Até mesmo no letreiro só figurava o sobrenome, que era antes um nome de tribo e devia encontrar-se às centenas nos vilarejos do Oriente Próximo.

Kachoudas acabou por mostrar o rosto e percebia-se, mesmo do outro lado da rua, que estava envergonhado. Perguntou qualquer coisa à mulher, talvez se as crianças o tinham visto naquele estado. Ela o ajudou a beber o café e, depois de tomar apenas a metade, foi obrigado a correr para os fundos.

O Sr. Labbé não o viu mais. Foi a Sra. Kachoudas quem desceu para colocar os tapumes e passar o cadeado na porta. Apagou a lâmpada do ateliê e continuou a trabalhar na cozinha depois que todos já se tinham deitado.

Era domingo e o sol abria, quase certo. O Sr. Labbé fazia os gestos costumeiros: arrumou a cama, da qual mudou os lençóis, levou-os para o patamar, juntamente com as toalhas usadas na semana anterior, e encheu de água a banheira, sem esquecer de falar de vez em quando, dizer qualquer coisa, por uma questão de aparência.

Com o passar dos anos acabara por regular seus gestos como uma espécie de bale. Era automático. Já não precisava pensar. Era tão autêntico que, quando o ritmo modificava por causa fortuita, ele ficava algum tempo imóvel, desamparado, como um mecânico atrapalhado, antes de voltar ao seu ritmo. Enquanto a banheira enchia, por exemplo, ele tinha tempo de guardar a roupa no armário, o casaco pendurado num cabide, as calças com os vincos bem marcados, e em seguida preparar as meias, a camisa, o colarinho, a gravata, tudo em fila ao pé da cama. Havia tempo para tudo e raramente alterava a ordem dos gestos.



Caso alguém se desse ao trabalho de contar, havia centenas, talvez milhares de gestos, que, colocados em série, enchiam os dias, e ele os fazia com certa satisfação, principalmente no domingo, pois sabia que, após os ritos da manhã, gozaria de um longo dia livre, sozinho em casa.

.Quando desceu já havia, para adiantar serviço, empurrado a poltrona de Mathilde para diante da janela, com a forma de madeira no ângulo correto, e levantado as cortinas, embora o dia ainda não tivesse clareado.

Encontrou Louise junto ao fogão, segurando uma xícara de café com leite, toda vestida, pronta para sair, com a roupa e o casaco domingueiros, chapéu na cabeça.

— Deixei tudo arrumado no guarda-comida — anunciou com sua voz apática, a própria negação da alegria de viver.

Era uma tola. Um animal. Não se devia prestar atenção a isso. Todos os domingos tomava o primeiro ônibus para Charron, onde passava o dia com a família e as amigas.

Tinha um jeito de olhar o Sr. Labbé ao qual ele não conseguia habituar-se. Fixava-o como se não o visse. Ou então via-o como não o viam os outros, o que o deixava às vezes inquieto. Que ideia faria dele? Não acharia a casa estranha? Não teria as suas suspeitas? Será que pensava?

— A senhora está passando bem?

— Como sempre. Obrigado, Louise.

Preferia esperar que ela saísse para se sentar à mesa, pois sua presença estragava-lhe o prazer. Fechava a porta da loja mal ela saía e ficava escutando seus passos afastarem-se pela calçada, mais sonoros ali por causa das arcadas. Então os sinos começavam a badalar.

Sempre tivera predileção pelos domingos, mesmo no tempo de Mathilde, quando o dia o imobilizava lá em cima, acarretando pesadas horas de tédio.

Talvez tivesse se habituado ao tédio, a ponto de chegar a apreciá-lo.

Lia durante a refeição. Lia o relato analítico do processo de um incendiário que, no Jura, em 1882, havia abalado a opinião pública, quase a ponto de provocar uma revolução. Fora preciso enviar tropas do exército para o local. Pouco importava, aliás, o que lesse. Não se lembraria de nada no dia seguinte. Comprava os livros no sebo duas casas adiante da dele, escolhendo-os a esmo, fossem romances, fossem livros históricos. Eram invariavelmente volumes de

páginas amareladas, que emanavam um odor especial, e onde às vezes encontrava uma flor seca ou então uma mosca amassada. Havia ocasiões em que descobria uma carta escrita em tinta desbotada, que servira de marcador, e raramente deixava de encontrar um nome escrito na borda da página, ou o carimbo roxo de uma biblioteca pública.

Nesse dia prometera a si mesmo realizar uma tarefa importante, que o atraía há muito tempo. Mas antes lavou na pia a xícara, o pires, sacudiu a toalha e varreu a sala para recolher as migalhas de pão. Foi então espiar no guarda-comida o que Louise tinha preparado para o almoço e ficou satisfeito, pois bastaria esquentar em banho-maria o guisado da véspera.

Quando subiu ao primeiro andar, atravessando a loja onde aos domingos não acendia o gás, os Kachoudas já se tinham levantado. O céu estava claro, de um azul esverdeado; ouviam-se passos na rua, enquanto o som dos sinos cobria toda a cidade.

O alfaiate, que ainda não se lavara, vestia calças sem suspensórios sobre o camisolão de dormir. Começavam sempre lavando as crianças para que deixassem o espaço livre. Uma vez prontas, a dificuldade era impedi-las de sujar as roupas de domingo.

A mais velha, Esther, a que trabalhava na Prisunic, andava pela casa de combinação, e o Sr. Labbé avistou-lhe a base do pescoço. Ainda era magra, principalmente nos quadris, mas de seios desenvolvidos, como tantas das jovens de sua idade. Será que à noite, nos recantos escuros, no limiar das portas e nas arcadas, deixava-se apalpar pelos namorados? Era provável.

Chocava o Sr. Labbé — ele não sabia por que — o fato de homens sentirem prazer com a filha de Kachoudas, com a carne Kachoudas.

O alfaiate, que estava com mau aspecto, não sabia onde se sentar.

Percebia-se que não se sentia bem. A consciência devia atormentá-lo tanto quanto o estômago. Aproveitava o domingo, como de costume, para arrumar o ateliê, mas fazia-o sem entusiasmo, espírito ausente. Olhava por vezes a casa da frente, onde o chapeleiro permanecia invisível atrás das cortinas.

Para que se preocupar com ele? Nãoalaria. Estava aterrorizado. Um homem como ele poderia ir à polícia e declarar, com o sotaque que nunca perdera: — O assassino que estão procurando é o meu vizinho, o chapeleiro.

— Verdade?

— Vi um pedacinho de papel na dobra da calça dele, duas letras recortadas de um jornal.

— Muito interessante!

— Segui-o e ele estrangulou a Srta. Irene Mollard diante dos meus olhos.

— Ora, vejam!

— Depois, ele me disse no tom mais natural do mundo: " *Seria um erro, Kachoudas!* "

Seria um erro, de fato. E se alguém tivesse ideia de lhe perguntar se, por acaso, ele usava um impermeável bege? Em todos os tempos, em todos os países do mundo, não foram sempre os Kachoudas os suspeitos preferenciais?

Vamos! Hora de pôr mãos à obra; tinha letras a recortar, às vezes uma a uma, procuradas ao longo dos artigos, para depois colá-las com simetria. Era tarefa lenta, mesmo quando se estava habituado.

O Sr. Labbé não fazia rascunho. O sol esgueirava-se pela janela e projetava na parede fronteira as flores complicadas da cortina de renda.

Além disso, dois pequenos discos de sol, que se moviam como animais vivos, pareciam brincar no acaju da escrivaninha.

Na rua do Minage, portas se abriam e fechavam, famílias dirigiam-se à igreja de São Salvador, entre o canal e o porto. Ouviam-se as sirenes dos barcos. Os pescadores, sem se preocuparem com o domingo, aproveitavam-se de que o nevoeiro se tivesse dissipado para sair para o largo e deviam fazer fila, um a um, no canal.

A cidade estava radiosa, amarelo dourado ao sol; o porto era de um azul intenso: daí a pouco os Kachoudas saíam por sua vez, as crianças na frente, com suas roupas de domingo, depois Kachoudas e a mulher, sempre meio desajeitados, bem menos à vontade que durante a semana.

Depois da missa passariam pela confeitaria da rua dos Merciers e o alfaiate, na volta, traria o pacote amarrado com barbante vermelho.

*"Pequena biografia das vítimas do estrangulados"*

Usava da palavra propositalmente, com certa ironia, porque era a usada por todo mundo. Entendessem ou não, pouco importava.

Antes de começar subiu a uma cadeira, passou a mão sobre o armário e pegou um objeto, uma fotografia cartonada em estreita moldura de madeira escura. Dois meses antes estivera pendurada na parede junto à cama de Mathilde; via-se ainda o retângulo mais claro no papel pintado.

Era uma foto de classe do convento da Imaculada Conceição, no dia da formatura.

Eram quinze moças. O Sr. Labbé contara-as muitas vezes e seria capaz de dar nome a cada um daqueles rostos. Tinham entre dezesseis e dezoito anos. Vestiam idêntico uniforme azul-marinho, saia plissada, cabelos trançados e fita ao pescoço com uma medalha. No centro, uma religiosa magra e pálida, ascética, a imagem da piedade, mãos ocultas nas mangas.

Segundo Mathilde era um verdadeiro animal, apesar do sorriso angélico.

As meninas da segunda fila estavam de pé sobre uma espécie de estrado recoberto de tapete. Vasos de plantas enquadravam o grupo.

Fotografia na sua frente, contra o tinteiro de cobre que já não tinha utilidade, uma vez que usava caneta-tinteiro, começou a trabalhar, umedecendo os lábios com a língua a intervalos.

*"Jacqueline Delobel, sessenta anos, viúva de um capitão da infantaria."*

Era a terceira a contar da esquerda, garota de cabelos escuros e olhar vivo, nariz agudo, que parecia conter o riso ao fixar o fotógrafo, cuja cabeça devia estar escondida sob o pano preto.

*"De boa família. Filha do notório Massard, que escreveu várias obras sobre a história local. Viveu com o marido em diversas cidades onde havia guarnição do exército, entre outras Besançon. Teve dois filhos. A filha, casada com um importador de Marselha, e um filho, hoje tenente dos spahis."*

*"Vivia sozinha num apartamento da rua dos Merciers, sobre uma loja de cordames e cestas. Brigada com a filha. Pensão pequena. Não aceitava dinheiro do filho e vendia discretamente pequenos trabalhos de agulha."*

Acrescentou, após um instante de reflexão: *"A filha não compareceu ao enterro. O filho, cuja guarnição está na Síria, não pôde ser avisado a tempo."*

Isso quanto à primeira. Não dera trabalho. Não gozava de saúde.

Privava-se de comer para esticar a pensão. Saía à noite pelas ruas a fim de entregar seus trabalhos; e era difícil em La Rochelle passar de uma rua comercial à outra evitando os becos escuros.

Felizmente havia começado por ela. Caso se tratasse de mulher vigorosa como Léonide Proux, talvez tivesse falhado. Na verdade, ainda não tinha tido a ideia de fixar os dois pedacinhos de madeira — como os que certos comerciantes ainda colocam nos embrulhos para servir de alça — nas extremidades da corda do violoncelo.

Apesar da pouca resistência da Srta. Delobel, da ausência mesmo de qualquer resistência, machucara tão profundamente os dedos que chegara a sangrar.



Quase cometera outro erro. Acontecera nas proximidades do canal, atrás da igreja de São Salvador. Tivera a ideia de jogar o corpo no canal. Era maré vazante. A correnteza estava forte. Só teriam encontrado a Srta. Delobel vários dias depois, talvez semanas, talvez nunca mais.

E isso tudo modificaria, porque mais tarde ele não poderia agir da mesma maneira com os outros corpos. Diriam, quem sabe, que ele não tinha simetria. Não era bem isso. O gesto não teria o mesmo caráter.

Rumara em seguida para o Café das Colunas para jogar um rubber tomando

o seu *picon-grenadine*.

*"Sra. Cujas (Rosalie), livreira, rua dos Merciers, mulher de René Cujas, funcionário da prefeitura."*

Outra moça de boa família, anotou escrupulosamente. Bastaria dizer que estudara no Imaculada Conceição, o que daria no mesmo, porém era perigoso. Estranho que ninguém percebesse que as velhas senhoras estranguladas no espaço de algumas semanas tinham estudado todas no mesmo convento.

Somente Jeantet, que era inteligente, observara que tinham quase a mesma idade e que existia entre elas como que uma semelhança de família.

Na foto, a garota Alain (sobrenome de solteira) era provavelmente a mais bonita, de uma beleza um tanto fria.

*"O pai foi vice-prefeito de La Rochelle durante vinte anos."*

Eram ricos. Ela poderia ter arrebatado qualquer partido. Por que esperara até vinte e oito anos para se casar?

— Era muito exigente — dizia, amarga, Mathilde. — Queria uma grande paixão.

Mathilde acrescentava sem amargura: — Como se isso existisse!

Aos vinte e oito anos casara-se com Cujas, porque nessa época o pai já havia morrido, deixando uma herança confusa, e os irmãos queriam desembaraçar-se dela. Cujas tentara vinte empregos diferentes antes de ingressar na prefeitura. Não era bonito nem particularmente inteligente.

Tinha saúde delicada e era sua mulher quem lhe preparava a comida.

O Sr. Labbé conhecia muito bem a pequena livraria onde, caso nada encontrasse a seu gosto no sebo, remexia nos dois caixotes de livros de liquidação, encostados à parede. Não era uma livraria importante. Vendia principalmente cartões-postais, canetas, lápis, borrachas. Mas havia uma sala nos fundos onde só penetravam os fregueses certos, e o chapeleiro sabia que era ali que seus amigos, como Arnould, o das sardinhas, conseguia livros eróticos.

Sabia também que havia nos fundos uma porta que se abria para um beco.

Como a Sra. Cujas não tinha empregada e, depois de fechar a loja, só saía em companhia de Cujas para ir de vez em quando ao cinema, ele teria que esperar meses pela oportunidade de surpreendê-la na escuridão da rua.

Foi por isso que entrou na sala dos fundos. Os pedacinhos de madeira nos extremos da corda de violoncelo tinham-se revelado muito práticos. Ela era mais nervosa que a Sra. Delobel. Depois de sair, ele se perguntara se teria apertado a corda por tempo suficiente e só se tranquilizara no dia seguinte ao ler o jornal.

Certo dia, há onze ou doze anos, Mathilde dissera que na livraria, quando evocavam o destino de suas antigas colegas:—"A vida não é divertida."

A Sra. Cujas respondera calmamente:—"E por que seria divertida?"

Era o que o Sr. Labbé gostaria de expressar, mas pareceu-lhe difícil. Para cada uma procurava uma fórmula.

*"Considerava a vida uma provação", compôs com as letras recortadas.*

Não se desculpava. Não havia necessidade. A coisa plainava acima disso. Mas percebia que a tarefa realizada sem desfalecimentos era quase impossível. Noites atrás tivera um sonho estranho e talvez por isso decidira-se a trabalhar nesse domingo. Encontrava-se numa sala que lembrava um salão de patronato, onde todas as pessoas conhecidas da cidade estavam sentadas em filas. Ele se achava no estrado, com uma tela à "retaguarda, segurando uma comprida vareta, pois fazia uma conferência ilustrada com slides.

Projetada na tela via-se a foto tirada outrora no convento e ele designava as moças, uma após outra.

Começava em tom leve, por processo de eliminação.

— Não falaremos sobre as mortas...

Eram duas. Uma com sardas, cabelos crespos em torno das orelhas e na ponta das trancas; morrera de tuberculose aos vinte e dois anos, num sanatório suíço. A outra tinha olhos vivos, já era uma mulher, casara-se com um importante armador da cidade e sucumbira no primeiro parto. O filho sobrevivera. Era, por sua vez, armador em Bordeaux.

Restavam treze. Uma delas tinha vivido em todas as capitais da Europa com o marido, cônsul, e no momento residia na Turquia. De outra nada se sabia, exceto que saíra de casa aos dezenove anos, provocando um escândalo. A mãe morrera em consequência. O pai tornara a casar.

Restavam onze. O público da sala escutava sem compreender muito bem, e ele se esforçava inutilmente para transmitir seu pensamento. A intervalos alguém mudava o slide no projetor, quando ele batia com a vareta no estrado, e surgia então uma vista panorâmica de La Rochelle, uma vista que não existia, pois viam-se todas as ruas, todas as casas, os transeuntes e até, por milagre, as pessoas no interior das casas.

Uma das alunas do convento, que vivia em Paris, era mulher de um ministro, e a filha casara-se com um nobre austríaco. Sua foto aparecia com frequência nos jornais; recentemente ingressara numa clínica para submeter-se a uma operação não-especificada.

Os Kachoudas voltavam para casa e já despiam as crianças para vestirem a roupa de todos os dias. Depois do almoço comeriam os doces acompanhados de café com leite. Kachoudas também mudaria de roupa e sentaria à sua mesa, a menos que aproveitasse o domingo para pôr as contas em dia, o que era sempre doloroso.

Era o único dia da semana em que todo mundo ficava na oficina, exceto Esther, a quem as amigas viriam buscar pouco mais tarde, parando sob as janelas e chamando, mãos em concha: — Oi!

A décima... Estava um tanto confuso. Deveria ter tomado notas quando Mathilde era viva, pois ela conhecia todas como a palma das mãos.

Vejamos... Havia uma que trabalhava no teatro, não em Paris, mas fazendo turnês pelas províncias.

Faltavam duas... Apontou as fotos com a ponta da caneta, como fizera em sonho com a varinha. A que tinha tido varíola. Era contramestra numa casa de moda de Londres e voltara diversas vezes a La Rochelle para visitar a mãe, ainda viva e toda enrugada.

A última das que haviam saído da cidade morava em Lyon, era a única coisa que sabia.

Restavam sete, além de Mathilde, completando o grupo, uma vez que não se podia levar em conta a religiosa da foto, que se chamava madre Santa Josefina e morrerá há muito tempo.

*"Srta. Anne-Marie Lange, merceira, rua Saint-Yvon."*

Os Kachoudas estavam à mesa. Depois daquela, ele também iria almoçar. Teria o restante da tarde para as outras.

Moça gorda, que se empanurrava de doces e vivia numa casa cheia de gatos. Era loura e cor-de-rosa, sempre vestida de claro, voz aguda e inflexões cantantes.

*"De boa família. O pai. .."*

O pai perseguia empregadinhas, o que resultava em aborrecimentos. Fora preciso abafar alguns escândalos. Aos setenta e cinco anos continuava na mesma e a família era obrigada a vigiá-lo, acompanhá-lo nos passeios; não lhe davam dinheiro algum, despediam as empregadas, mantendo apenas criados na casa. Morrerá finalmente. Uma das filhas vivia nos Estados Unidos; Anne-Marie, que não se casara, vivia na mercearia com uma antiga professora de aspecto autoritário e as más-línguas murmuravam que as duas passavam muito bem sem homens.

Era possível. No caso, a fórmula era fácil, de qualquer maneira. Bastava consultar o jornal.

*"A autópsia revelou a presença de um fibroma e de um tumor que se degeneraria, provavelmente, em câncer."*

Chovia tanto no dia da Srta. Lange, que ele conseguira pegá-la em plena rua Gargoulleau, a dois passos do Hotel de France. Tinha os braços carregados de pacotinhos que se espalharam pela calçada, entre eles um vidro de creme fresco, espatifado.

Era preciso almoçar. Desceu, esquentou o guisado, e lançou fora uma parte, pois nem sempre conseguia comer por dois. No domingo não precisava subir com a bandeja, o que era uma vantagem. Em seguida lavou a louça.

— Pode deixar a louça, que eu lavo quando voltar — propusera Louise.

Poderia deixar, realmente. Mas não gostava de tarefas adiadas, principalmente de pratos engordurados. Além disso, ocupava-se. Fazia parte dos ritos do domingo.

Tornou a subir e lavou cuidadosamente as mãos. As crianças dos Kachoudas brincavam no chão. A mãe consertava meias de lã e o alfaiate tentava fazer as contas, molhando o lápis com saliva de vez em quando e perguntando à mulher: — Sete mais nove?

Havia domingos em que o Sr. Labbé dormia a sesta na sua poltrona, uma poltrona forrada de veludo vermelho, como a de Mathilde, mas nesse dia estava excitado com o trabalho. Chegava ao fim. Na noite seguinte, se tudo corresse bem, o caso estaria encerrado. Experimentava a um só tempo impaciência e como que o pressentimento de um vazio.

Mais tarde teria apenas que pensar em pequenos detalhes, que se haviam tornado rotineiros e já não o preocupavam.

Até então não havia cometido um só erro; tinha certeza de que não cometeria nenhum. Mesmo o acidente com o alfaiate era insignificante. Não inspirava medo, pelo contrário. Estava quase satisfeito. Quem sabe se sentia um tanto solitário?

Com Louise era exato que se havia arriscado a certas imprudências.

Agora havia alguém que sabia. Perfeito. Dois dias depois, Kachoudas leria o seu relatório no *Echo des Charentes*.

Compreenderia agora certos detalhes?

"A Sra. Geoffroy-Lambert, viúva do presidente da Caixa de Compensação..."

Justine! Era assim que todo mundo chamava a irmã de seu amigo Julien Lambert, o agente de seguros. Ele acompanhara o enterro. Acompanhara-os todos, uma vez que se tratava de pessoas conhecidas.

Mais uma viúva. Havia muitas. Verdade que Justine casara com um homem vinte anos mais velho que ela, sujeito rico, importante, que possuía na rua Réaumur a mais bela residência particular da cidade, e outra em Paris, onde vivia a maior parte do ano.

Era um desses altos funcionários, cujas tarefas permanecem um mistério para o comum dos mortais. Passara pela Inspetoria de Finanças. Conselheiro de estado, diziam que fora o homem mais corneado da França.

Depois de sua morte, pelo menos, Justine tinha fama de gostar excessivamente de rapazes. Em sua casa bebia-se firme, dançava-se até de madrugada e aos sessenta anos ela não manifestava, de modo algum, a intenção de abandonar esse tipo de vida.

Tinha chofer, que diziam ser seu amante, mas para correr as lojas da rua do Palais, onde, voz aguda, comportava-se como uma rainha, precisava apenas vencer um pequeno trecho de rua e percorria-o a pé. Felizmente!

Fora a mais difícil de todas. Segurava um guarda-chuva e uma das hastes estivera a ponto de vazar-lhe um olho quando se precipitara sobre ela.

Agarrara-a primeiro pelo queixo com a corda de violoncelo e ela se debatera, dando-lhe pontapés. Estivera prestes a fugir sem terminar.

Mas conseguira, apesar de tudo; fora a única vez em que precisara correr, pois uma porta se abrira a menos de dez metros e ele ouvira uma voz de homem dizendo, delicado: — Obrigado, minha senhora. Vou providenciar, sem dúvida. Afirmo que, se dependesse de mim, há muito tempo teria sido indenizada.

O representante de um empreiteiro, ou algo no gênero.

Justine não estava doente. Não era infeliz, nem resignada. Não tinha nenhuma vontade de passar para o outro mundo. Repugnaria ao chapeleiro escrever, por exemplo: "*Foi uma perda para a sociedade?*"

Nem mesmo para a família, que vivia apavorada com um possível escândalo. A filha, casada com uma personalidade em destaque, proibira-lhe ir a Paris.

Limitara-se, após o resumido *curriculum vitae*, a colocar um ponto de interrogação.

"*Léonide Proux, sessenta e um anos, porteira, residente em Fétilly. ...*"

Os Proux tinham possuído vinte fazendas e dois castelos, e Léonide estava reduzida a morar em Fétilly, nos arrabaldes da cidade, perto do gasômetro, local habitado por vagabundos, pequenos funcionários e operários.

Seu pai, Luc Sabord, que perdera a fortuna em ridículas especulações, seria doido, conforme diziam? O marido, que morreria aos quarenta e um, seria sífilítico? Verdade ou não, ela perdera uma filha disforme na primeira infância e o filho não era muito normal; casara-se assim mesmo e vivia ocioso na casa dos sogros, que exploravam um pequeno vinhedo na Dordogne.

Proux, em vida, andava de cama em cama. Chegara a ponto de levar para casa mulheres recolhidas em qualquer lugar, às vezes no bairro das casernas, e certa noite espancara Léonide diante delas, sob pretexto de que detestava vê-la chorar e que ela chorava de propósito para envenenar-lhe a existência.

Ela tivera que ser medicada. No hospital aprendera a profissão de parteira. Estava grisalha, tez cor de cera. Era calma, glacial; diziam-na muito hábil profissionalmente. Ninguém jamais a vira rir ou sorrir, e tinha um jeito de segurar os recém-nascidos pelos pés que causava arrepio nas parturientes.

O difícil era compreender tudo aquilo e concentrá-lo em poucas frases, pois não podia recortar infinitamente letras de jornal.

Era falso que tivesse telefonado. Encontrara-a por acaso, quando rondava em torno da casa para investigar suas idas e vindas. Nesse dia chegara a hesitar no uso da corda de violoncelo. A casa era muito pequena, com uma lâmpada sobre a porta.

Léonide saíra quando ele se encontrava ali há minutos, levando a sua maleta. Seguiu-a até o gasômetro, esperando que um carro passasse. Ela o reconhecera, tivera tempo de voltar a cabeça, mas era demasiado tarde. Não havia manifestado espanto ou medo. Não ousava escrever que ela se sentira aliviada, mas era quase verdade.

Quanto a Irene Mollard, escrevera ao jornal, no dia seguinte, o que tinha a dizer. Tanto na foto como no momento em que saía de sua última aula de piano, ela parecia uma ave tombada do ninho. Um milagre que tivesse sobrevivido tanto tempo.

Faltava uma, Armandine de Hautebois, hoje madre Santa Úrsula, que em outras fotos de formatura, com outras moças, representava por sua vez o papel que fora outrora de madre Santa Josefina.

Ela passara, de certo modo, da fotografia ao convento. Não se dera ao trabalho de viver, nem ao menos de tentar. Contudo, era rica, tinha irmãos e irmãs que haviam encaminhado a sua vida no mundo.

Seria no dia seguinte, uma vez que ela só saía do Imaculada Conceição uma vez por mês, na segunda segunda-feira, para ir ao bispado. Não estaria sozinha. Religiosas nunca saem sozinhas. Teria apenas cinquenta metros de escuridão a transpor e o Sr. Labbé fora obrigado a elaborar um plano bastante complicado.

Kachoudas o seguiria novamente? No fundo, o chapeleiro quase o desejava.

Se as coisas se passassem como previa, no dia seguinte às dez horas tudo estaria terminado.

Não queria pensar em Louise. A tentação era ridícula. Não se ajustava ao resto.

Repetiu várias vezes, enquanto empilhava achas na lareira e abaixava as cortinas, pois a noite caía: — Louise, não! De modo algum!

Desceu para se servir de um conhaque. Havia uma garrafa no armário da sala de jantar. Sentou-se para beber devagar, em pequenos goles, depois de colocar o frasco no lugar para não se sentir tentado a uma segunda dose.

UMA PORÇÃO DE PEQUENAS COISAS aborreciam-no, irritavam-no desde a manhã. Valentin chegou para trabalhar com meia hora de atraso, uma compressa em torno da garganta e olhos brilhantes de febre; a gripe assumira tais proporções que ele já não se dava ao trabalho de enfiar o lenço no bolso.

Passara o dia literalmente de nariz escorrendo; liquefazia-se a olhos vistos, e tinha a voz tão rouca que não se compreendia o que dizia.

O chapeleiro devia tê-lo mandado voltar para casa. A mãe do rapaz o consideraria, provavelmente, um verdadeiro monstro por mantê-lo no trabalho em tais condições. O próprio Valentin esperava ser dispensado. O pior era que o Sr. Labbé tinha pena dele. Percebia que o pobre rapaz sentia tonteira às vezes.

— Tomou aspirina, Valentin?

— Tomei, senhor.

— Está com placas brancas na garganta?

— Não, senhor. Mamãe verificou hoje de manhã. A garganta está muito vermelha, mas não tem placas.

Ainda bem, pois o Sr. Labbé pegava angina com facilidade e o momento não era propício. A gripe de Valentin era tanto mais ridícula porque deixara de chover, o céu estava límpido. Verdade que fazia frio e às nove da manhã a respiração dos transeuntes formava vapor.

Quando saiu para comprar o jornal, trouxe para Valentin pastilhas mentoladas e por duas ou três vezes durante a manhã, nos fundos da loja, recomendou: — Descanse um pouco. Não fique perto da vitrine. Aproxime-se da estufa.

Perto da vitrine o ar estava gelado.

Louise também lhe causava preocupações. Voltara na véspera às nove horas, como sempre, e desde então apresentava o que ele chamava de expressão bovina. Era periódico. Possivelmente coincidia com certas funções do seu organismo. Contudo, ele notara que em geral acontecia após uma de suas visitas a Charron.

Alguém devia aborrecê-la em casa — os pais, um namorado, ou uma amiga. O Sr. Labbé pagava bem. Não havia discutido o salário pedido.

Permitia-lhe comer do que bem entendesse. Raramente lhe fazia uma observação. Apesar disso, ela se mostrava reservada, talvez rancorosa?

Quem adivinharia o que se passava por trás daquela testa arqueada?

Percebia-se seu mau humor até na maneira de andar, de mover os objetos.

Que importava isso ao chapeleiro?

Compensando esses pequenos aborrecimentos, lançara seu relatório na caixa do correio central e encontrara na primeira página do jornal um aviso enquadrado: "*O prefeito de La Rochelle, oficial da Legião de Honra, pede com insistência à população que se mostre mais prudente que nunca na noite de segunda-feira, 12 de dezembro. Por bravata, sem dúvida, o indivíduo que*

*aterroriza a cidade há mais de dois meses, e que já fez seis vítimas, anunciou uma nova morte nesse dia. Pedimos em especial às senhoras que não saiam sozinhas depois do anoitecer e às mães que não permitam aos filhos ir à rua.*

*"A municipalidade organizará um serviço para levar em casa as empregadas de escritório, as balconistas e operárias.*

*"As patrulhas serão reforçadas."*

Olhou em frente; nada à vista na casa dos Kachoudas. Este trabalhava febrilmente, mal levantava a cabeça.

Era só? Mais um detalhe: desde as três da tarde, quando o firmamento assumia uma tonalidade rosada, já se avistava uma gorda lua prateada.

Kachoudas não se portou à noite como habitualmente.

— Feche a loja, Valentin.

— Sim, senhor.

Um relance para a casa da frente. Atrasou-se propositalmente. O alfaiate acabou saindo de casa, mas só depois de o chapeleiro ter percorrido uma centena de metros. Nas outras noites não esperava tanto.

O Sr. Labbé entrou no Colunas, apertou a mão de Chantreau, de Caillé, de Laude e de Oscar, o dono do café.

— Fiquei no seu lugar enquanto não chegava — disse este último, levantando-se.

— Hoje não tenho tempo para jogar.

— Um rubber, Léon — insistiu o médico.

— Mathilde está resfriada. Prometi voltar logo. Que fazia Kachoudas? A porta do café não se abria. Nos outros dias ele entrava instantes após o chapeleiro. O fato irritou-o. Gabriel, como sempre, quis tirar-lhe o sobretudo, mas ele não permitiu por causa do pedaço de chumbo que lhe pesava no bolso.

— Só vou ficar alguns minutos.

Foi Laude quem gracejou como um idiota: — Até parece que você também está com medo do estrangulador! Se isso continua, a cidade vai ser tomada de histeria.

Por onde andaria Kachoudas? Estava atrás dele quando dobrara a esquina da rua do Minage. Tomou o *picon-grenadine*.

— Um rubber — insistiu Chantreau. — Só enquanto não chega alguém.

Foi obrigado a recusar. Estava na hora de sair. As calçadas pareciam quase brancas sob o luar que recortava sombras nítidas como o folhas de zinco.

Era a primeira vez que se irritava. Teve a impressão de que, ao sair, falavam dele. Que diriam? Atravessou a esplanada da praça de Armas para enveredar pela rua Réaumur, e só então ouviu passos à retaguarda, voltou-se e distinguiu o vulto do alfaiate.

Então mudara deliberadamente o modo de agir. Não entrara no café.

Depois de ler, como todo mundo, que o assassino faria nesse dia a sétima

vítima, duvidara de que o chapeleiro fizesse uma breve aparição no Colunas.

Evitaria segui-lo de perto novamente, o que acabaria por chamar a atenção?

Talvez tivesse encontrado alguém na hora de entrar, o comissário Pigeac, por exemplo? Era improvável. Pigeac não iria ao café nesse dia. De seu quartel-general devia estar dirigindo os reforços da polícia e as patrulhas voluntárias.

O Sr. Labbé passou em frente à prefeitura, chegou à pracinha diante da casa do bispo e dispôs-se a esperar. Havia janelas iluminadas no velho imóvel de pedra cinzenta. Kachoudas mantinha-se prudentemente a uns cinquenta metros.

Os nervos do chapeleiro estavam superexcitados, a ponto de sentir ímpetos de voltar para casa, uma vez que não podia regressar ao café depois do que havia dito a respeito da saúde de Mathilde.

Experimentava a deprimente sensação de ser vítima de uma injustiça.

Havia feito o possível. Durante semanas não tivera descanso, pensara em tudo, até nos mais ínfimos detalhes. Graças a isso, a todo o trabalho que tivera, conseguira sucesso sem entraves.

Chegava ao fim. Nessa noite o caso estaria encerrado. Aceitara sem recuar um risco suplementar, uma vez que madre Santa Úrsula estaria acompanhada de outra religiosa. A esta destinava-se o cano de chumbo. Ele a golpearia para aturdi-la, o que lhe daria tempo de liquidar a ex-Armandine de Hautebois. Com suas roupas de mil pregas não poderia sair correndo. E não a imaginava gritando a plenos pulmões.

Era uma situação delicada, difícil, exigindo precisão e sangue-frio.

Ainda na véspera pensava nisso com certo prazer, imaginando sem nervosismo a presença do alfaiate.

Por que desde a manhã estabelecera-se como que uma conjuração contra ele? O centro da praça estava branco de luar. Uma patrulha passou na rua e ele distinguiu a silhueta do peixeiro que estava sempre embriagado e que era conhecido por sua brutalidade.

Normalmente as duas religiosas estariam no bispado a essa hora. Era o dia de madre Santa Úrsula e ela não faltava nunca. Não só Mathilde lhe dizia sempre, como ele o verificara no mês anterior.

Na última vez, ela saíra do bispado às quinze para as seis. Já havia soado quinze para as seis. Eram quase seis horas e as luzes continuavam acesas na construção de pedra, não se ouvia ruído algum. O Sr. Labbé fixava em vão a porta que não se abria, enquanto a intervalos Kachoudas batia com os pés no chão para se aquecer.

O chapeleiro também sentia os pés frios. Súbito pensou com mais intensidade em madre Santa Úrsula. Não teria observado que todas as vítimas do estragador eram antigas colegas de classe?

Não lia os jornais? Nesse caso, deviam ao menos falar no assunto diante dela. Os nomes eram conhecidos. Que outros não fizessem a aproximação era, a rigor,

explicável. Mas ela?

Vinte e quatro de dezembro estava próximo. Essa data reavivaria, com certeza, suas recordações.

Não podia tocar a campainha do bispado e perguntar se a religiosa estava lá dentro. Os minutos se arrastavam. Soaram seis horas. Que estaria pensando Kachoudas esse tempo todo? Porque ele pensava. O Sr. Labbé tinha até a impressão de que começara a raciocinar de modo novo. A prova era o comportamento diferente.

Queria os vinte mil francos, era humano. Uma vez que estava seguindo o chapeleiro, esperava que este acabasse por cometer um erro, fornecendo a prova que lhe permitiria reclamar a recompensa.

Mas quais seriam os meandros exatos de seu pensamento? Era o que o Sr. Labbé gostaria de conhecer. O bispado, por exemplo. Que evocaria esse prédio para o homenzinho do Oriente Próximo?

Madre Santa Úrsula não aparecia. Não estava ali, provavelmente. Não saíra do convento, pouco importava se por prudência, ou qualquer outro motivo. Talvez o bispo estivesse viajando, mas não era exato, pois o Sr. Labbé lia atentamente o jornal e as viagens do prelado eram regularmente anunciadas.

A verdade talvez fosse mais trivial. A religiosa, como Valentin, estava gripada, com dor de garganta.

Impossível permanecer ali indefinidamente. Aguardou o quarto de hora e então se pôs a caminhar, dominado por um mal-estar que não era apenas inquietação.

Para ser exato, nada tinha de inquietação. Pouco importava o que Kachoudas pensasse. Fornecera-lhe uma pista, era exato. A mente do alfaiate devia estar trabalhando na pista do bispado. Para alguém que havia passado a infância na cidade, que tivesse tido uma irmã aluna do convento, em especial, o fato poderia levar a uma conclusão.

Não era o caso do pobre artesão armênio. O Sr. Labbé não temia Kachoudas. Não temia ninguém. A prova é que deliberadamente tornara a tarefa mais difícil e perigosa anunciando a morte da sétima vítima para essa segunda-feira.

Não queria voltar para casa mais cedo que de costume por causa de Louise. Ela também era incapaz de raciocinar, disso tinha certeza, mas não queria deixar nada ao acaso, não queria ler a surpresa estampada nos olhos vazios da moça.

Passou sob o Grande Relógio e aproveitou-se de não haver ninguém nas proximidades para atirar o cano de chumbo nas águas do porto. No cais via-se uma porção de pequenos cafés e bares frequentados principalmente por pescadores; sentiu vontade de entrar num deles, tomar qualquer coisa, e precisou conter-se.

Não tinha medo. Era mais complicado e inquietador. Nas outras vezes, mesmo naquela em que Kachoudas servira de testemunha, sentia-se seguro de si.

Todo o seu ser era percorrido por ondas de confiança, de tranquilidade.

Kachoudas tivera o cuidado de se manter a distância. Quem sabe nesse dia cometia um erro ao mostrar-se tão prudente?

Era absurdo. O Sr. Labbé não queria entregar-se a tais ideias, mas não conseguia afastá-las de todo. E apresentou a si mesmo boas razões.

— Por mais aterrorizado que esteja, Kachoudas acabará por falar.

Primeiro, não era exato. Se ele tivesse amigos, talvez. Mas era um isolado. Os Kachoudas formavam uma ilhota estrangeira na cidade. O alfaiate não jogava cartas com ninguém, não pertencia a grupo algum, a nenhuma sociedade. Não havia outros representantes de sua raça em La Rochelle. Viviam entre eles, com sua cozinha, seus hábitos e seu odor.

Para que liquidá-lo em lugar de madre Santa Úrsula? Aliás, ele desataria a correr como uma lebre tão logo o Sr. Labbé fizesse menção de se aproximar.

Por que teria tido semelhante ideia? Caminhava pela calçada, mãos nos bolsos, quando passou por uma patrulha; o salsicheiro que ia na frente cumprimentou, delicado: — Boa-noite, Sr. Labbé.

Passou perto do canal, no ponto onde havia atacado a Sra. Delobel e experimentou a sensação nostálgica de uma época passada. Chegou a sentir-se acabrunhado.

Estaria tornando-se covarde, inquieto, hesitante? A sensação era mais física que moral, como certas fadigas que se abatem de repente sobre a pessoa, tal uma gripe.

Afinal, Valentin estava gripado e ele talvez tivesse pegado a gripe. A ideia consolou-o. Não estava muito longe do convento da Imaculada Conceição e mais uma vez perguntou a si mesmo por que madre Santa Úrsula não teria saído de casa. Kachoudas continuava a segui-lo a distância e o chapeleiro pensou que gostaria muito de lhe falar.

Era a única pessoa com quem gostaria de conversar nesse dia. Ele o vira agir. Sabia. Mas como interpretaria seus atos?

Claro que seria incapaz de compreender. Nem ele, nem pessoa alguma compreenderia, e isso era uma de suas preocupações. Se falasse sobre o bispado, quem sabe Kachoudas, por um toque de genialidade, chegaria à verdade? Ele mais que ninguém, pois há anos via a silhueta de Mathilde imóvel atrás da cortina, assistia às idas e vindas do chapeleiro no quarto.

O salsicheiro tinha quase o mesmo espetáculo diante dos olhos. Contudo, só subia ao segundo pavimento para se deitar e, a partir de oito da noite no máximo, estava semiembriagado.

Louise? Ela não pensava. Odiava-a. Cada dia um pouco mais, sem razão precisa. Estava na casa como uma farpa enfiada na sua pele. Sua simples presença lhe causava mal-estar físico.

Passava diante da vitrine da Sra. Cujas, onde o viúvo colocara uma moça no

balcão. Ela preparava as refeições do funcionário da prefeitura e dormia na casa. Acabariam por dormir juntos.

O Sr. Labbé pensou na Srta. Berthe e lamentou não poder visitá-la.

Nesse dia era impossível. Tarde demais". Anunciara aos amigos que, por causa da mulher, teria que voltar cedo para casa.

Ele a visitaria no dia seguinte. Seria divertido se Kachoudas esperasse à porta, na rua Gargoulleau, enquanto ele trepava.

Mas... felizmente pensava em tudo. Era o primeiro a surpreender-se com isso. Havia tantos detalhes a prever, tantas possibilidades, que seria desculpável se esquecesse alguma coisa.

Percebeu de repente que já não poderia ir à casa da Srta. Berthe, como tinha o hábito de fazer duas ou três vezes por mês. Por causa de Kachoudas!

De fato, ele poderia entrar em pânico, imaginando que ia estrangular a moça, e correria a avisar à polícia.

Kachoudas era incômodo, mas sempre necessário. Mesmo o ruído de seus passos à retaguarda acabava por se tornar quase indispensável.

Dobrou a esquina da rua do Minage, sentindo-se cada vez mais abatido e procurando a razão. A irritação que isso lhe causava transformava-se em angústia.

Nas outras vezes experimentara tal sensação de plenitude quando se aproximava de casa!

Não o confessaria a ninguém, nem mesmo a Kachoudas, que sabia; hoje experimentava como que um sentimento de culpa. A sensação de alguém que não cumpria a tarefa que lhe fora designada.

Um dia, quem sabe, conversaria com o alfaiate, a, quem não poderia jamais estrangular. Para começar, não se achava na lista. Depois morava em frente e as pessoas começariam a desconfiar do chapeleiro.

Tirou o molho de chaves do bolso, fechou a porta com cuidado e passou a tranca. Fazia calor na loja, onde se percebia cheiro de eucalipto, o cheiro do resfriado de Valentin.

— A senhora chamou?

— Não, senhor.

Louise teria observado que a patroa, a quem nunca vira, não chamava quando o Sr. Labbé estava ausente? Que contaria no domingo aos pais, às amigas?

Cozinhava repolho. Sabia muito bem que ele não gostava de repolho, mas preparava assim mesmo. Era esse tipo de pessoa. Quando ele fazia alguma observação, fixava-o tranquilamente sem uma palavra, sem se desculpar.

Ela gostava de repolho e pronto!

Despiu o sobretudo, tirou o chapéu, enfiou a corda do violoncelo no côncavo de uma forma de madeira, nos fundos da loja, e começou a subir a escada em espiral. Continuava triste, desanimado, apático.

E isso o inquietava cada vez mais. Fez tudo o que tinha a fazer, seguindo os ritos escrupulosamente: as venezianas, a poltrona, depois o jantar jogado no vaso sanitário, a descarga. Não esqueceu de falar a meia voz. E ao descer fixou Louise com ódio. A tentação foi tão violenta que esteve prestes a ir buscar a corda de violoncelo na oficina.

Não durou, felizmente. Era a última coisa que deveria fazer. Nunca em sua própria casa! Principalmente em se tratando daquela família de camponeses desconfiados, que lhe cairiam nas costas.

— Apareceu alguém? — perguntou, recuperando o controle.

— Ninguém! Parecia dizer: — Para que perguntar, já que nunca aparece pessoa alguma?

Pessoa alguma! Há anos e anos! Pois toda a cidade sabia que Mathilde não suportava a presença de qualquer ser humano, à exceção do marido. O mais leve ruído estranho na casa deixava-a enfurecida.

A contragosto rondou a sala de jantar, relanceando às vezes para a moça gorda e burra. Acabou por abrir o bufê e pegar a garrafa de conhaque. Ela que pensasse o que bem entendesse! Pior para ele que fizera o gesto, subindo a escada de copo na mão e agravando a inquietude, o sentimento de culpa.

Nunca tomava bebida alcoólica à noite depois do jantar. Por que bebia hoje? Perturbou-se mais ainda ao afastar a cortina e não ver Kachoudas no seu lugar à mesa, pois o alfaiate tivera tempo mais que suficiente para jantar.

Vasculhou em vão com o olhar todo o aposento. Por acaso a porta da cozinha estava fechada. Que estaria tramando? Ter-se-ia trancado com a mulher para contar tudo?

Precisava absolutamente controlar-se. Aborreceu-se ainda mais consigo mesmo quando se surpreendeu prestes a tomar um gole de conhaque direto da garrafa. Obrigou-se a ir até a escrivaninha e encher o copo lentamente para depois tomá-lo aos golinhos.

Quando voltou à janela e de novo afastou a cortina, Kachoudas estava à vista. Parecia nunca ter saído do lugar, a tal ponto que o chapeleiro perguntou a si mesmo se teria olhado direito há instantes.

Tudo deveria estar terminado nessa hora. Ele se prometera com tal entusiasmo esse descanso! Não pensava noutra coisa há semanas, dia após dia!

E o caso não estava encerrado. Madre Santa Úrsula continuava viva no seu convento. Quem sabe teria guardado também a foto do dia da distribuição de prêmios? Bastava relancear para a fotografia e compreenderia tudo.

Súbito, imobilizou-se no meio do quarto. A crispação desapareceu-lhe da fisionomia, os músculos se distenderam e por um breve instante quase desatou a rir. Acabou por sorrir apenas, mas dava no mesmo.

Julgava pensar em tudo, procurava não esquecer coisa alguma e deixara de levar em conta um detalhe insignificante.

Tudo por causa da fotografia. Começara baseando-se na foto. Com a ajuda da foto estabelecera uma lista. Ela continuava a dominar seus feitos e gestos, assim como seus pensamentos.

Por que se apressaria a ponto de liquidar duas mulheres na mesma semana não fosse o dia 24 de dezembro?

*Madre Santa Úrsula não poria os pés na chapelaria, nem a 24 de dezembro, nem em qualquer outra data.* Não teria licença para isso.

Mathilde não havia dito que, mesmo por ocasião da morte da mãe, ela não tivera licença de ir em casa?

Limitava-se a enviar uma imagem religiosa e uma carta de quatro páginas, escrita em letra fina e regular, que terminava invariavelmente com: "... *Peço a Deus que a tenha em Sua Santa Guardar* E então? Sem se lembrar disso preocupara-se inutilmente, perdera tempo esperando em frente do bispado.

Não havia razão alguma para colocar madre Santa Úrsula na lista.

Outras coisas no gênero lhe teriam escapado? Voltou a sentir-se inquieto, arrumou achas de lenha na lareira, postou-se à janela, verificou se o alfaiate estava no lugar e pela porta entreaberta do fundo avistou a Sra. Kachoudas, que lavava roupa de criança na pia da cozinha.

Era preciso recomeçar tudo desde o início, mas nessa noite sentia-se incapaz. Acabava de beber um após outro três cálices de conhaque e envergonhou-se.

Lembrava-se com amargura das semanas precedentes, quando se sentia seguro, tão superior a todo mundo.

Louise subia a escada arrastando os pés, fazendo barulho no patamar, como de costume, e os dedos do Sr. Labbé se crisparam como se quisessem apertar-lhe o pescoço.

Isso bastaria para que o prendessem. Acabaria fatalmente preso caso se descuidasse a tal ponto. E depois? Não seria uma boa ocasião para explicar tudo? Bebeu mais um pouco. Não abriu o livro. Fazia meia hora que devia ter mergulhado tranquilamente no processo do incendiário do Jura.

Dera-se ao trabalho de expor nas cartas ao jornal, não uma, porém várias vezes, com insistência, arriscando-se a colocar a polícia ou Jeantet na sua pista.

*Tratava-se de uma necessidade.*

Havia dito, em resumo: — Vocês me tratam de louco, de maniaco, de obcecado (tinham falado também em tarado sexual, mas nenhuma das velhas senhoras fora violentada). Estão enganados. Tenho a mente perfeitamente sadia. Se meus atos parecem anormais é porque vocês não compreendem. Infelizmente o cuidado com minha segurança pessoal me proíbe esclarecê-los. Vocês compreenderiam. Há sete mulheres na lista e não fixei o número ao acaso.

Ajo com lógica porque assim é preciso. Perceberão depois que a sétima morrer. Não acontecerá mais nada. La Rochelle voltará à calma.

Não matara a sétima. O jornal anunciaria isso no dia seguinte. E por causa disso ninguém mais acreditaria nele. Não só deixara de matar, como acabava de descobrir que a morte de madre Santa Úrsula era supérflua.

Que pensariam as pessoas? Que ele escrevia qualquer coisa, só para se tornar interessante? Que escolhia as vítimas ao acaso?

Que tinha medo? Que o aviso do prefeito produzira efeito?

Estava de chinelos e roupão, como todas as noites. Acendeu o cachimbo de espuma, o que fumava habitualmente nessa hora e que tinha um gosto diferente dos outros; sentou-se na poltrona com o seu livro e manteve o conhaque ao alcance da mão. Isso bastava para indicar a ele próprio que havia qualquer coisa de anormal.

Sentia certa afeição por Jeantet porque o rapaz lhe permitia discutir seu próprio caso. Os dois entregavam-se a uma verdadeira polémica nas colunas do *Echo des Charentes*, cada qual à procura de novos argumentos.

Jeantet chegara a viajar a Bordeaux para consultar um psiquiatra de renome e este, após longas considerações científicas, predissera: — Ele só vai parar quando o prenderem. Acrescentara após um instante de reflexão, conforme sublinhava Jeantet: — A menos que se suicide.

O chapeleiro respondera, firme: — Ninguém me prenderá. Não vou me suicidar. Não tenho razões para isso. Depois de liquidada a sétima pessoa da lista, o caso está encerrado.

E repetira: — É uma *necessidade*.

Já não era uma necessidade matar sete, matar a sétima, uma vez que a 24 de dezembro madre Santa Úrsula não entraria na casa da rua do Minage.

Assim, de acordo com o que havia anunciado, com uma variação, o caso estava encerrado. Podia descansar e continuar a brincar de rato e gato com Kachoudas, que não compreenderia nada ao vê-lo daí em diante levar uma vida totalmente normal.

Continuaria a segui-lo todos os dias, a espiá-lo no Café das Colunas.

Uma patrulha passava pela rua, três ou quatro homens, cujos passos ecoavam na calçada gelada. Havia umas vinte espalhadas pela cidade. Os policiais voluntários se revezavam, aquecendo-se por turnos na grande estufa da delegacia policial. O prefeito mantinha-se permanentemente no seu gabinete, para onde transmitiam relatórios negativos. Jeantet se achava na gráfica, junto às máquinas que não tardariam a rodar, a fim de redigir um breve artigo de última hora.

O Sr. Labbé levantou-se bruscamente, nervos à flor da pele. Queria agir, fazer qualquer coisa, de tal modo a imobilidade do quarto, a atmosfera quase sólida à força de se estagnar, acabava por afetá-lo.

Fora um erro beber e agora sentia-se obrigado a continuar. Caso contrário seria capaz de sair, andar pelas ruas, capaz até de levar a corda de violoncelo com os pedacinhos de madeira.

OuvIU o rangido das molas metálicas no quarto da empregada e o ódio pela moça gorda atingiu tal intensidade que se tornou patético.

Julgou que se acalmaria pegando a tesoura, os jornais dos quais recortava letras e palavras, abrindo o vidro de cola e colocando na sua frente uma folha de papel em branco.

Era preciso dizer a todos...

Dizer o quê? Ficou imóvel, tesoura no ar e, pela primeira vez em anos, sentiu uma inesperada vontade de chorar. Experimentava a sensação de uma profunda maldade do destino. Trabalhara demais, com simplicidade, com coragem. Organizara tudo com paciência, prudência, pensara em tudo, e...

Nessa noite o caso devia estar encerrado e, no entanto, não estava. Iam zombar dele e teria razão.

Não era o alfaiate, vizinho da frente, quem o perturbava; com seu raciocínio confuso não entenderia coisa alguma. Não era também madre Santa Ursula, aristocrática e altiva, na serenidade do seu convento.

Não tinha medo de ninguém e era o que todos diriam, todos, fossem quem fossem, principalmente o comissário Pigeac, o prefeito que se julgava grande personagem, e Jeantet com os demais.

*Não tinha medo de ninguém.*

Exceto de si mesmo. Recomeçava a compreender o que acontecera há instantes, no momento em que caminhava pelo cais Duperré. Julgava a princípio que seu mau humor provinha de não ter encerrado o caso, como esperava, do fato de a religiosa não aparecer no bispado.

O mal-estar aumentara gradativamente e por um segundo chegara a pensar em substituir madre Santa Ursula pelo alfaiate.

Isso provava que se enganara.

Por que havia rondado Louise mais tarde? Não era a primeira vez, ele descobria nesse momento. Acontecera-lhe pensar, fixando-a: — Quem sabe depois de liquidar as outras?

Bebeu. Precisava beber. Sentia-se tomado de vertigem. O que entrevia era assustador. Pensou recuperar o equilíbrio obrigando-se a pensar com mais calma e foi buscar a fotografia, mas os rostos das moças, fixados numa expressão artificial, já não despertavam nele qualquer ressonância.

Aquela miserável Louise não dormia, virando e revirando pesadamente na cama, como se farejasse um perigo na casa.

Que se acalmasse! Não tocaria nela. Estava calmo. - Voltaria a se acalmar. Precisava simplesmente de refletir, mas era inútil tentar nesse dia.

Tinha bebido. Tanto pior. Melhor continuar, para aturdir-se, dormir pesadamente; no dia seguinte acordaria confiante.

Provaria a todos então que era tão sadio de mente como de corpo. Não tinha tara alguma, consultara várias vezes médicos de renome. O pai morrera de

doença cardíaca aos setenta e dois anos, na posse de suas faculdades mentais. Fora chapeleiro na mesma casa, na mesma rua, na época em que a rua do Minage era uma das vias comerciais da cidade. Era personalidade importante, fazia parte do conselho municipal.

O filho começara a estudar direito em Poitiers e, de sua livre vontade, no terceiro ano, decidira assumir a chapelaria.

Era assunto que só lhe dizia respeito. Só a ele.

Era perfeitamente sadio.



Ainda havia luz no ateliê do alfaiate, mas este já não se encontrava à mesa. Estava recostado, fumava um cigarro que acabava de enrolar e conversava tranquilamente com a mulher, que se sentara por um instante.

O Sr. Labbé não se deixava impressionar por pessoa alguma.

— Eles que digam, pensem e escrevam o que bem entenderem!

Tinha bebido a metade da garrafa e começava a compreender. Não era à toa que se imprimia isto ou aquilo a seu respeito. Fazia parte de um plano preconcebido. Queriam acossá-lo, abalar-lhe os nervos para mais facilmente pegá-lo.

Jeantet, o prefeito, Pigeac e até seu amigo Caillé estavam de conluio.

Tinham forjado um plano. Quem sabe a consulta ao psiquiatra de Bordeaux não passava de uma farsa? A menos que também o médico fizesse parte do golpe.

Louise podia virar e revirar até adoecer no sofá-cama barulhento. Ele não se mexeria de onde estava.

O melhor era deitar-se imediatamente. Que restava fazer? Era preciso não esquecer coisa alguma. Sentia a cabeça pesada. Seria absurdo pegar a gripe de Valentin. Por que não o mandara de volta à casa da mãe?

Colocou a foto no lugar e mais os jornais, a tesoura, e arrolhou o vidro de cola.

Perdera madre Santa Ursula, paciência. Uma vez que ela nunca visitaria a casa no dia 24 de dezembro, isso não tinha importância.

Caso encerrado, portanto.

Era o que devia repetir para si mesmo. Caso encerrado. Precisava dormir e, se necessário, tomar ainda um trago de conhaque. E dessa vez bebeu no gargalo.

Merecia ou não?

*Fim!*

Fosse qual fosse a reação dos outros!

Por que, então, apertava convulsamente o travesseiro, como uma criança prestes a chorar?

FAZIA TODOS OS MOVIMENTOS, sem esquecer nenhum. Mas acontecia-lhe com frequência cada vez maior imobilizar-se, como que em transe, olhar em volta, ar primeiro inquieto, depois lamentoso, testa franzida. Um dia Valentin quis ajudar.

— O senhor esqueceu alguma coisa?

O Sr. Labbé fixou-o como se deve fixar um ser humano fora deste planeta, sem se dar o trabalho de responder. Limitou-se a encolher os ombros de leve. Segundos depois o contato se restabelecia. Sabia novamente o que devia fazer e dirigia-se para o armário dos fundos, o que era fechado a chave, para puxar o barbante.

Na terça-feira de manhã estava pálido, fisionomia abatida, pálpebras avermelhadas. Há muito tempo não bebia como bebera na véspera à noite e sentia a cabeça oca e os dedos trêmulos ao se barbear.

O absurdo é que dos dois era o alfaiate quem estava de fato doente.

Talvez não fosse grave. O Sr. Labbé ainda não sabia. Pelas idas e vindas na casa adivinhava algo fora do comum. A primeira pessoa a quem viu foi a Sra. Kachoudas. «Depois, bem mais cedo que de costume, Esther saiu da cozinha inteiramente vestida.

Estranho ver como uma casa, alterados os seus ritos, assume facilmente um ar catastrófico. A moça havia descido, passado bastante tempo a tirar os ferrolhos da porta da loja e depois afastara-se, caminhando rápido pela calçada.

E as calçadas, nesse dia, estavam recobertas de uma camada escorregadia de geada branca. Por que o Sr. Labbé compreendeu imediatamente que ela ia à farmácia? Provavelmente porque só a doença ou a morte impedem homens como Kachoudas de permanecer no seu posto.

Sua mulher apressava as crianças que se vestiam para a escola. Esther devia ter corrido várias farmácias antes de encontrar uma aberta. Ao voltar trazia um embrulho na mão e, no momento em que subia a escada, Kachoudas, apesar dos protestos da mulher, apareceu no ateliê. Estava de chinelos, vestia calça e casaco velhos sobre o camisolão de dormir, e tinha o pescoço enrolado num xale preto da mulher. Via-se que estava com febre e, pela maneira de falar, percebia-se, mesmo através da vidraça, a sua afonia.

O embrulho da farmácia foi aberto. Esther deu explicações com volubilidade. A Sra. Kachoudas enfiou na boca do marido o termômetro que acabavam de comprar e decifrou as instruções escritas no rótulo de um vidro e de uma caixinha. Ajudaram o doente a vestir o sobretudo, não porque pretendesse sair e sim porque, apesar do fogo aceso na estufa, tremia de frio.

Muito sérios, os três examinaram o termômetro. Discutiram. Alguém propôs chamar o médico e Kachoudas protestou energicamente. Esther saiu para trabalhar. A mãe levou as duas meninas até a calçada e elas se dirigiram à

escola, mãos dadas. A menor vestia gorro de tricô de lã vermelha e luvas da mesma cor.

— Agora nós dois! — parecia dizer a Sra. Kachoudas, voltando-se para o marido.

Pôs água para ferver, preparou, comprimidas e obrigou-o a tomar pílulas provavelmente purgativas. O alfaiate, ocioso, olhava a mesa de trabalho com vontade de trabalhar e, mal se pilhou sozinho, fez menção de se levantar da poltrona de vime onde o haviam instalado, diante da estufa.

Devia estar com gripe, ou angina, como Valentin, que continuava a assoar-se constantemente.

Louise teria realmente sentido medo do chapeleiro quando ele entrou na sala, no momento em que ela fazia menção de se sentar? Ao erguer a cabeça, num gesto brusco, pareceu surpreender-se ao vê-lo ali, e após um silêncio perguntou, em vez de dizer bom-dia: — Que é que o senhor está sentindo?

Ele estava de ressaca, sem dúvida, mas o importante é que a observava com visão nova. Não só a examinava, como farejava, dominado por uma repulsa imensa e um rancor do qual não conseguia livrar-se. Quantas vezes, na noite anterior, sentira-se tentado a descer à cozinha, e mais tarde, depois que ela se deitou, tentado a ir procurá-la no quarto para liquidá-la?

No momento fixava-a, sopesava-a, media-a. Imaginou-a no chão e sentiu náuseas, odiou-a e a odiaria eternamente por aquilo que estivera prestes a fazer.

O instante recordou-lhe as suas primeiras experiências eróticas, lá pelos dezessete anos. Resistira muito tempo antes de mergulhar no bairro das casernas, onde havia cinco ou mais casas com mulheres na soleira das portas. Começara andando depressa, dera meia volta e, chegando ao final da rua, voltara atrás. A cada passada prometia a si mesmo fazer uma escolha, mas acabara por enveredar, orelhas zumbindo, por um corredor qualquer.

Depois passara horas odiando todas pela vergonha de si mesmo e do gênero humano que experimentava. Por culpa delas sucumbira à tentação, e o sentimento de ódio era tão intenso que provocara impulsos criminosos.

Louise, aquela vaca, também quase o levava a sucumbir à tentação, uma outra tentação, ainda mais grave. Até então fizera apenas o que havia decidido fazer, o que era necessário e indispensável, conforme escrevera ao jornal. Durante a manhã pensara em despedi-la, mas seria imprudente.

Valentin seria capaz de discernir a diferença? Esse rapaz ruivo, de nariz violáceo, teria capacidade de observar?

O chapeleiro sentia-se pesado. Antigamente, ainda que permanecesse mudo e absorto, sentia-se leve, por estranho que pareça. Mostrava-se grave, sem dúvida, mas sereno. Vivía sozinho, era um introvertido, mas não se percebia nele qualquer luta, qualquer inquietação.

Embora nessa manhã estivesse menos ansioso que na véspera, nem por isso

se sentia menos perturbado.

*Não raciocinava com clareza.* A imagem da ignóbil Louise perseguia-o e por causa dela ocorriam-lhe outras imagens do bairro das casernas, e por fim, inevitavelmente, a lembrança da Sra. Binet.

Ele trabalhava nos fundos da loja, reformando chapéus, colocando-os na forma. Duas vezes numa hora viera à loja para atender os clientes, olhando de relance para a casa da frente.

Súbito, examinando o ambiente familiar, as prateleiras escuras, os espelhos, as formas de madeira, a estufa a gás, seu nome, que ele lia ao contrário na vitrine, teve a impressão de que algo ali se imobilizara, como um relógio parado. Nada à sua volta se modificara desde que ele tomara posse da loja.

Outros haviam ao menos tentado agir num sentido qualquer. Até Paul Chantreau, o médico, debatera-se por muito tempo.

Ele, aos vinte e três anos, voltando de Poitiers onde estudava, enfiara-se ali como certos animais à aproximação do inverno mergulham na sua toca.

Fora por causa da Sra. Binet. Nunca dissera a pessoa alguma. Jamais o confessara. Não era bem a verdade exata, mas uma verdade aproximativa.

Morara em casa dela em Poitiers. Também era viúva. Ele começava a perceber o número considerável de viúvas e a sua virulência.

Tinha trinta e quatro ou trinta e cinco anos. O marido, em vida, fora alto funcionário e ela possuía uma bela casa na parte alta da cidade, onde morava com o filho Albert, na época estudante de quatorze anos.

Para ampliar suas rendas decidira alugar um quarto a um estudante. A mãe do Sr. Labbé soubera disso. Como? Esquecera. A operação se fizera por intermédio de conhecidos, houvera troca de correspondência, as duas mulheres se tinham encontrado e a Sra. Labbé voltara a La Rochelle tranquila quanto ao filho.

A Sra. Binet tinha cabelos escuros. Chamava-se Jeanne e o filho, muito mal-educado, só a chamava assim.

A primeira vez acontecera justamente quando Léon Labbé estava com angina. Todos os anos, no outono, ou começo do inverno, ele era acometido de angina violenta. Não fora à aula. Os dois estavam sozinhos em casa. A Sra. Binet vestia roupa azul vivo, em cujo decote entreviam-se rendas.

Ele estava febril. O quarto cheirava a eucalipto. Ela cuidava dele com obstinação. Insistira em que se deitasse e, apesar de sua atitude maternal, acabaram-se amando.

Era a primeira vez que isso acontecia fora do bairro das casernas. Ele se assustou com a violência da parceira, com o que a dominava rapidamente, a ponto de desfigurá-la. Pensando no garoto que devia estar chegando do colégio, sentiu-se culpado.

O caso havia durado dois anos e meio, os dois anos e meio que ele passara

em Poitiers. Seus amigos da universidade chamavam-na de Binette, alegando que ele não era o primeiro. Como na época era magro, afirmavam que ela o esgotava completamente, o que talvez fosse exato; não o deixava em paz, procurava-o no quarto em horas em que o filho poderia ouvi-los e soltava-se como ele nunca mais viu ninguém se soltar. Era totalmente desprovida de pudor. Fazia-o de propósito, por malícia; uma vez em transe, servia-se das palavras mais grosseiras, que ele só ouvia em bordéis e que o faziam corar.

Tornou-se piada, na faculdade, chamá-lo de 'Binet da Binette', e no terceiro ano ele teve a intuição de que seria reprovado nos exames. E envergonhou-se. Quando foi passar as férias da Páscoa em La Rochelle sentiu-se em segurança na chapelaria da rua do Minage, hesitou dois ou três dias. A lembrança de Albert, então com dezessete anos, sabedor de tudo e que falava cinicamente sobre a mãe, não o deixava em paz.

— Já que sempre desejei me ver na chapelaria — disse um dia ao pai —, acho que vou decidir agora.

E foi só.

Era nisso que pensava nesse dia, além de outras coisas mais agradáveis, pois sentia necessidade de se firmar. Estava flutuante. Aconteceu-lhe por diversas vezes olhar-se nos espelhos da loja e sua imagem aborreceu-o.

Achou-se velho. Estava interessado na saúde do alfaiate. Puxou o barbante com mais frequência que de costume só para ter ocasião de subir, a ponto de o pobre Valentin tomar coragem para indagar: — A Sra. Labbé não está passando bem?

Fixou-os nos olhos sem responder. O céu estava de um azul límpido como o nácar de uma concha de ostra; à sua volta havia uma névoa que deturpava a fisionomia das pessoas e dos objetos.

Aquele animal da Louise teria reparado que a garrafa de conhaque não estava no armário? Deixara-a lá em cima e, pouco antes do meio-dia, subiu para tomar um gole.

Adiara o momento de comprar o jornal na esquina da rua porque sabia que ficaria de mau humor.

*"Pela primeira vez"* — escrevia gravemente Jeantet — *"o assassino não cumpriu o que anunciou."*

E daí tirava uma coluna inteira de hipótese. Manobra? Doença? Medo das medidas excepcionais da polícia?

*"A menos que a sétima vítima, seguindo as instruções do prefeito da cidade, não tenha saído de casa."*

E Jeantet atirou-se ao domínio das hipóteses.

*"Haveria de fato uma sétima vítima designada? É o que saberemos dentro de alguns dias. O estrangulador procurou fazer com que todos acreditassem, desde o início, que ele não atacava qualquer pessoa, a esmo, mas tinha uma lista*

*estabelecida, segundo um plano preconcebido.*

*"Seria exato? Falso? Não se deveria ver no fato uma explicação dada após o acontecimento, um ardil, quem sabe, para desviar as suspeitas, ou para obter certo prestígio?"*

As pessoas deturpam tudo, inevitavelmente.

Seria obrigado a se deixar prender a fim de explicar a verdade, apresentar provas? Sentiu a tentação, não muito forte ou sincera, mas sentiu-a. Quem sabe seria melhor?

Kachoudas continuava na sua poltrona e de hora em hora a mulher trocava a compressa úmida. Ao meio-dia obrigou-o a tomar ovos com leite, o que ele fez devagar, com uma colherinha, mantendo o prato sobre os joelhos. Uma vez, ao ouvir a campainha da loja, a mulher desceu para atender o freguês, a quem deve ter explicado que o marido estava doente.

Cerca das duas horas, o Sr. Labbé já havia decidido aproveitar-se do caso. Tudo se encadeava. Por causa da empregada ele pensara no bairro das casernas, depois na Sra. Binet, e subira ao primeiro andar para beber.

Sentia forte dor de cabeça. A aspirina não adiantou. Precisava de outra coisa. Relutou até quatro horas, o momento de acender as luzes, e então vestiu o sobretudo e pôs o chapéu na cabeça.

— Vou fazer uma compra, Valentin. Se não voltar antes das seis, feche a loja.

Estava com a mão na maçaneta quando deu meia-volta e dirigiu-se aos fundos da loja. Sua mão introduziu-se no oco da forma de chapéu e imobilizou-se por um instante. Assustado, resistiu, pois ainda tinha forças para resistir.

Saiu sem levar nada e dirigiu-se à rua Gargoulleau.

Ia até lá de tempos em tempos, sempre a essa hora. Pouco antes da praça de Armas, à esquerda, havia uma residência particular do século XVIII, que abrigara personagens ilustres. O grande portão continuava encimado por um escudo flanqueado de dois marcos de pedra. Havia um pátio lajeado, construído de três lados, e no momento a residência estava dividida em vários apartamentos. Viam-se até placas de cobre na entrada. O primeiro, ao fundo, era o consultório de um dentista que o Sr. Labbé conhecera na escola.

Em outro pavimento, uma firma vendia geladeiras, e no alto residia o arquivista departamental.

A ala esquerda tinha um único pavimento sobre o térreo e duas entradas.

A segunda porta abria-se diretamente para uma escada conduzindo ao primeiro andar, e foi diante dela que se deteve o chapeleiro.

Toda vez que para ali se dirigia experimentava a mesma leve angústia como antigamente, ao penetrar o bairro das casernas. No entanto, não era o único a se deter nesse limiar. Os outros, inclusive o médico, não se envergonhavam de falar no assunto. Chantreau dizia sem rodeios, ao chegar para a partida de bridge: — Fui beijar Berthe.

Julien Lambert não falava porque era protestante e principalmente porque tinha medo da mulher; mas não o negava e mal se escondia.

Quanto eram a frequentar o apartamento acolhedor, todo atapetado de cetim claro, com uma profusão de tapetes, pufes, poltronas e bibelôs frágeis e graciosos?

Sete ou oito. A Srta. Berthe não era uma prostituta pública. Durante dois anos fora mantida por Rist, o armador. Rist pai, pois havia quatro ou cinco Rist formando um clã na cidade, protestantes também, e possuidores de uma das maiores fortunas da região.

Rist pai tinha na época sessenta anos. O filho e as duas filhas estavam casados. Um dos genros se achava à frente do escritório de Paris.

Toda a família trabalhava na firma e nunca se via um Rist no café, ou no cassino da praia.

É possível que aos sessenta anos Rist pai não tivesse conhecido outra mulher senão a sua, e esta de tal modo ressecara que se ouviam as suas juntas estalarem.

Fora ele quem alugara e mobiliara o apartamento da Srta. Berthe.

Mostrara-se o mais discreto possível; contudo, fora assediado pelo clã inteiro durante dois anos, inclusive os próprios filhos e genros.

Falava-se de cenas épicas em que chegara a suplicar de joelhos que lhe permitissem um pouco de paz e prazer no final da vida.

O clã acabara vencendo. Uma noite, diante de todos os Rist reunidos, ele fizera o juramento solene de nunca mais pisar na casa da rua Gargoulleau, ou rever a Srta. Berthe.

E sequer anunciou-lhe a decisão tomada. Um genro se encarregou disso, discutindo asperamente a questão do dinheiro.

Desde então, uma vez por mês, Rist pai ia a Paris pelo trem noturno e dizia-se que tinha permissão para frequentar uma casa de encontros em Notre-Dame-de-Lorette.

A Srta. Berthe conservara seu ar calmo, sua vida acolchoada de mulher manteúda, mas, como ninguém na cidade seria capaz de substituir o armador, ela abriu a porta a alguns personagens cuidadosamente escolhidos.

O Sr. Labbé viu luz através das persianas e soube que ela estava em casa.

Permanecia quase sempre em casa, mas precisava tirar a prova da campanha elétrica. Teria sido dela ou de um dos amantes a ideia? O fato é que havia adicionado à campanha um interruptor. Quando ela estava com visita, cortava o contato e ninguém insistia, pois todos sabiam o que isso queria dizer.

O Sr. Labbé estendeu o braço, apertou o botão e não se ouviu som algum do outro lado da porta.

Havia alguém lá dentro, quem sabe o médico. E o mau humor do Sr. Labbé agravou-se. Sentiu-se mal. Precisava de qualquer coisa, não sabia exatamente o quê. Esperava encontrá-lo ali e não podia perambular pelo bairro, tocar a

campainha de vez em quando.

Não trouxera a corda de violoncelo, o que não significava que tivesse tomado necessariamente uma decisão. Na verdade, a corda do violoncelo só era necessária fora de casa, quando era obrigado a agir muito depressa, sem ruído, de surpresa.

Não a utilizara para Mathilde, que estava deitada.

A verdade é que, vindo até ali, não havia decidido nada absolutamente.

No momento regressava a passos lentos pela calçada, ombros curvos. Não queria beber diante dos amigos porque isso não fazia parte das tradições e ele continuava a ser prudente. Poderia ao menos entrar num outro café.

Acontecera algumas vezes. Havia vários em torno do mercado coberto.

Passou diante das cestas das peixeiras e reconheceu uma delas, a quem havia desejava no decorrer de dois anos, nos tempos em que terminava o colégio.

Nunca lhe dirigira a palavra. Ela era então uma garota das ruas, seios salientes. Por diversas vezes avistara-a com um homem nos recantos escuros. Seus colegas a conheciam. Tinha fama de fazer tudo o que pedissem, com qualquer pessoa, não por dinheiro e sim por gosto. E ganhara um apelido que especificava cruamente um dos seus talentos.

Nunca tivera coragem. E hoje ela era uma velha sentada num banquinho de dobrar, diante de uma banca de peixe. Sabia quem ele era, como o sabia a cidade inteira. O que não podia adivinhar é que ocupara tal lugar nos seus pensamentos, ou que por sua causa ele fora muitas vezes buscar a náusea nas casas escusas do bairro das casernas.

Tomou dois conhaques. O olhar do garçom perturbou-o. No entanto, ele não devia estar pensando em coisa alguma.

Havia prometido a si mesmo não voltar à rua Gargoulleau. Sabia que ela ainda não estaria livre. Contudo, entrou no pátio e comprimiu a campainha.

A mão enfiada no bolso do sobretudo procurava maquinalmente a corda de violoncelo sem encontrá-la. Olhar pesado, desconfiado, entrou no Café das Colunas, achando desagradável não sentir o alfaiate à retaguarda.

Estava tão calmo, tão controlado, nas semanas anteriores! Claro que tinha que pensar em tudo, calcular os menores fatos e gestos, mas sentia-se confiante, avançava lentamente, seguro, a lista em mente, como alguém que se impôs uma tarefa e nada desviará do caminho.

O médico estava no café. Não era ele, portanto, quem visitava a Srta. Berthe nesse dia. Nem Julien Lambert, que embaralhava as cartas, enquanto, jogando" com Arnould, aguardavam, pacientes, um parceiro.

Por que Chantreau teria erguido as sobranceiras ao ver o chapeleiro sentar-se? Não seria a hora exata?

— O de sempre, Sr. Labbé? — perguntou Gabriel, que tinha pelo grupinho cuidados maternos.

— Você joga?

Jogava. Tinha todo o tempo do mundo para jogar, nada para fazer até as sete da noite. De agora em diante não teria mais nada para fazer, o que lhe provocava uma vertiginosa sensação de vazio.

Não precisava sequer tomar precauções!

— Você parece cansado — observou Chantreau, fixando-o por cima das cartas.

— Não sei.

— Estranho. Meus colegas dizem que a umidade é prejudicial. Pois todos os anos constato aqui o mesmo fenômeno. No tempo das chuvas as pessoas resistem bem. Tão logo caem as primeiras geadas multiplicam-se as gripes e as anginas. Atendi onze hoje de manhã.

— Passo.

— Passo.

— Espadas.

— Passo.

— Dois de ouros.

O Sr. Labbé não estava gripado, tinha certeza, e o fato agravava o seu mau humor; sentia-se furioso contra todas, sem saber exato por que, assim como detestava Louise e, há uma hora, detestara a Srta. Berthe.

No entanto, não tinha mania de perseguição. Não era louco. Jeantet não conseguira impressioná-lo com os seus raciocínios e recentes conhecimentos de psiquiatria.

Jeantet não estava no café. Nem seu chefe, o Sr. Caillé. Quem sabe era Caillé, com a sua grande barriga e corpo cabeludo, a pessoa que se achava na cama da Srta. Berthe.

Sentiu raiva dele também. E raiva do alfaiate, cuja cadeira permanecia desocupada.

Foi Julien Lambert quem observou, bem mais tarde, relanceando para o relógio que marcava cinco e quinze.

— Ora! Seu cão não apareceu.

O chapeleiro não compreendeu imediatamente. E como tinha horror a não compreender, replicou zangado: — Nunca tive cão.

Os outros, que haviam percebido, desataram a rir.

— Kachoudas não está no lugar dele. Em geral chega logo depois de você. Acho que acerta o relógio pelo seu, ou espera-o na soleira da porta.

Julien Lambert teria segundas intenções ao fazer essa observação?

— Kachoudas está doente.

— Como é que você sabe?

— Vi pela janela.

— Eu disse três de paus — impacientou-se Arnould, que não gostava de

conversas durante a partida, pois cometia erros com facilidade. — Paul passou, André disse ás de ouros, Léon passou, eu disse três de paus. É a sua vez, Julien.

Estava abafado. O Sr. Labbé não saberia explicar por que estava abafado.

O tempo permanecia seco, as ruas banhadas de luar. O café ainda não fora invadido pela fumaça de cigarro. Oscar, o dono, plantado atrás deles, ainda não estava embriagado.

Mesmo assim a atmosfera estava abafada, abafada como uma armadilha para corvos. Precisava raciocinar direito, sem se deixar dominar por sensações confusas.

Seria bom beber um pouco. Já esvaziara o copo, que em geral durava uma meia hora. Fez sinal a Gabriel para enchê-lo de novo.

— Como vai Mathilde?

Havia sempre alguém para fazer a pergunta. Que cara fariam se respondesse tranquilamente: — Morreu há seis semanas.

Raramente Caillé fazia a pergunta porque fora noivo de Mathilde antes do chapeleiro. Não se sabia 10 certo por que o noivado fora rompido. Tudo se passara discretamente um ano antes do casamento do Sr. Labbé. Teriam dormido juntos? Era bem possível. O Sr. Labbé não fora o primeiro.

Contudo, a mãe lhe havia falado.

— Moça de educação primorosa.

De fato, estudara no Imaculada Conceição. O pai era funcionário da alfândega, de nível bastante elevado. A mãe havia morrido.

— Eu não estarei sempre aqui para dirigir a casa. A Sra. Labbé era pessoa miúda e discreta, que andava quilômetros diários transferindo-se de um cômodo a outro. Quando passava perto de alguém, quando havia um freguês na loja, quando fazia o mais leve ruído, balbuciava imediatamente: — Perdão.

Ele era mais parecido com a mãe que com o pai, fisicamente pelo menos.

O pai era um homem calmo, vigoroso, seguro de si.

— Você sabe muito bem, Léon, o que disse o médico.

Ela não teria a vida longa. Isso se prolongara por dez anos, durante os quais a Sra. Labbé sabia que não duraria muito tempo. Um médico idiota tivera a infelicidade de dizer-lhe isso e ela o utilizara como uma espécie de chantagem.

— Por que não se casa, como todo mundo? Na sua idade seu pai já estava casado.

Vivia tão satisfeito quanto parecia? O pai nunca intervinha nessas discussões, que acabaram por se tornar cotidianas.

Possuíam uma pequena vila em Fourras, perto do molhe, onde o Sr. Labbé pai, que adorava a pesca, decidira residir quando se aposentasse: — É por sua causa que ainda não moramos lá.

— Pois é um erro. Sei me arranjar muito bem sozinho.

Era exato. Bastava que os pais deixassem a criada, que trabalhava na casa há

vinte anos.

— Você reparou que a garota Courtois está apaixonada por você?

A garota Courtois era Mathilde, cujo pai frequentava a casa. Tinha cabelos escuros como os da Sra. Binet. Naquela época não se parecia com a viúva de Poitiers, caso contrário ele teria percebido. Contudo, tinha os mesmos olhos muito escuros e brilhantes, que fixavam com insistência as pessoas e as coisas, como o que para dominá-las ou assimilá-las.

Por que acabara concordando? Talvez porque a mãe havia piorado, tinha várias crises por dia. Sofria muito, definhava a olhos vistos.

— Partirei muito mais tranquila se souber que você está casado!

Ficaram noivos e a mãe morreu três semanas antes do casamento. Era tarde demais. O pai só queria uma coisa: retirar-se para a casa de Fourras. Já havia comprado um barco e passeava nele nos domingos de verão.

— Nenhum trunfo? — perguntou o parceiro ao vê-lo jogar um seis de ouros.

Observou o jogo e perturbou-se.

— Perdão, tenho sim.

— Em que estava pensando?

— Em nada.

Chantreau observava-o disfarçadamente com olhar agudo, como se quisesse estabelecer um diagnóstico. Apesar da barba hirsuta e da aparência desleixada, era o mais inteligente de todos e, mesmo depois de beber, talvez principalmente quando bebia, sua perspicácia era assustadora.

O chapeleiro hesitou em pedir o terceiro *picon*. Mas precisava da bebida.

Vivia diante dos amigos uma aventura medonha. Estava ali, muito calmo na aparência, cartas em punho, esforçando-se por acompanhar o jogo e cometer o mínimo de erros.

Súbito, algo desmoronou no seu íntimo; os dedos tremeram, a visão turvou-se, e ele teve a impressão de que estava flácido, desprovido de nervos, correndo um grave perigo se permanecesse sentado ao calor da estufa. Precisava a todo custo levantar-se, agitar-se, fazer um gesto preciso.

— Gabriel!

— Sim, Sr. Labbé.

Por que Chantreau olhava para ele? Não teria o direito de tomar três *picons*? Parecia embriagado?

Talvez não houvesse mais ninguém no apartamento da rua Gargoulleau.

Isso despertava uma recordação detestável do dia em que fizera amor com uma prostituta logo depois de um soldado. Não corria esse risco com a Srta. Berthe. De todas as que conhecia era provavelmente a que daria a esposa mais atraente. Era suave, sempre sorridente. Respeitava instintivamente os homens, embora os conhecesse bem. Nela era uma espécie de discreta indulgência. Seu caráter era como sua tez, as curvas de seu corpo, a consistência de sua carne, o

ambiente que criara em torno de sua pessoa.

Daí a pouco estaria diante de Louise na sala de jantar mal iluminada, onde a luz elétrica era sempre amarela. Precisava resistir, sentia-se novamente dominado pelo impulso. Tinha que terminar.

Era uma sensação vaga. Não significava coisa alguma. A questão era saber se a bebida faria bem ou, pelo contrário, aumentaria a vertigem.

Poderia dirigir a pergunta a Chantreau. Quase o fez. Que o impedia de esperar que Paul soubesse, o que não tardaria muito, e de sair com ele, assim por acaso?

— Fale, Paul!

Tinha o direito estrito de exigir sigilo profissional. Era menos perigoso que conversar com Kachoudas.

— Quero pedir um conselho. Matei Mathilde, uma noite.

Calmamente. Era preciso explicar que matara calmamente, a sangue-frio.

Acabava de comprar no sebo os volumes desparelhados dos processos do século XIX. E havia começado pelo da Sra. Lafarge, cuja história conhecia vagamente.

De quarto em quarto de hora, pelo menos, enquanto estava sentado diante da lareira, ouvia uma voz seca e má a chamá-lo: — Léon!

Inútil fingir que não tinha ouvido. O tom não admitia réplica. Há muito tempo adotara aquele tom, bem antes da doença, quase logo após o casamento, mais ou menos na época em que começara a se parecer com a Sra. Binet. Descobriria um dia a semelhança, que lhe escapara anteriormente.

Era a mesma voz, a mesma segurança, principalmente o mesmo ar de posse.

Mal ele começava um capítulo, ela chamava, quase sem mover os lábios: — Léon!

Ele era obrigado a se levantar. E ela levava tempo para dizer o que queria: ora um copo d'água, ora levantar ou baixar as cobertas, dar-lhe o urinol, ou uma de suas pilulas. Sentia calor demais, ou frio demais, ou então a luz incomodava os olhos.

Tudo falso. Inventava à vontade, passava o tempo, desde o instante em que ele se sentava, inventando algo de novo.

Enquanto ele obedecia, acompanhava-o com olhar duro e jamais agradecia.

Há muito desconfiava dele, desde o quarto ou quinto ano da doença, e afirmava que pretendia envenená-la para se libertar.

E isso não era verdade. Não o pensava de fato. Outra invenção para atormentá-lo.

— Você comeu cebola de novo, de propósito para me deixar doente com seu mau hálito. Não tenha pressa! Não vou durar muito.

Raro conseguia ler duas páginas sem ser interrompido. Era obrigado a recomçar duas ou três vezes o mesmo trecho e acabava confundindo nomes e

datas.

— Léon!

Sabia que o livro o interessava e, desde que ele o começara, multiplicava os pretextos para interrompê-lo.

— Leia uma passagem em voz alta.

Ele tinha horror a ler em voz alta, principalmente porque ela pedia explicações sobre os capítulos anteriores, não compreendia coisa alguma e obrigava-o a voltar atrás.

— Léon!

Não estava com sede. Não precisava do urinol. Fingia, com uma cintilação pérfida no olhar.

Ele era dela! Era a única coisa que possuía no mundo, mas possuía-o todo e precisava verificar constantemente a sua posse. Por essa razão não queria enfermeira ou empregada no quarto; por essa razão recusava-se a receber quem quer que fosse. Assim possuía-o melhor. Ele não tinha nenhuma desculpa para sair e respirar, nem por um só instante, outro ar que não o dela.

— Léon!

Em quinze anos não lera em paz um único livro, embora a leitura fosse o seu último refúgio.

Chegara apenas à metade da história da Sra. Lafarge, exato no depoimento do farmacêutico que tinha vendido o veneno.

— Léon!

A narrativa era sombria, sem um raio de sol. Tudo se passava entre paredes sufocantes e não se imaginava um único personagem sorrindo como todo mundo, uma vez que fosse.

— Léon!

Então, uma noite, ele se levantara definitivamente e fechara o livro. Ela teria compreendido o que havia mudado no marido? Teria percebido que acabava de tomar uma decisão?

— Eu estava muito calmo, Paul, terrivelmente calmo. Sabia há muito tempo que isso acabaria acontecendo.

Como reagiria o médico?

O chapeleiro fizera um pequeno *slam* maquinal, por força do hábito.

Chantreau tornou a fixá-lo com insistência.

Não! Não compreenderia. Seria trabalho inútil. Aliás, seu caso nada tinha a ver com a medicina. Não era doente. Não era louco. Não sofria de tara alguma.

— Gabriel!

Tanto pior! Pensaria menos em Louise, que lhe lembrava um grande edredom do campo. Viu-a imensa, como quando se tem febre e se sente os dedos, as mãos, todo o corpo inflado, quando se tem a impressão de encher o quarto inteiro.

Soltou uma risadinha porque Jeantet estava no seu lugar. Não o vira entrar.  
Dispunha-se gravemente a escrever à mesa de mármore.  
Devia considerar-se uma pessoa muito importante.

FOI NA NOITE DE TERÇA-FEIRA, 14 de dezembro, que começou a escrever.

Não esperou Chantreau ao sair do Café das Colunas. Lembrava-se de ter pensado ao abrir a porta: — Que dirão às minhas costas?

Uma coisa ele sabia e não lhe agradava nem um pouco. Nunca aludira ao assunto. Aliás, não tinha muita importância. Quando falavam dele na sua ausência — escutara-os uma vez que não sabiam da sua presença —, não o chamavam de Labbé, ou Léon, e sim de *chapeleiro*.

Inútil pensar no assunto, claro. Alguém poderia observar que também se diz o doutor, o senador, mas era diferente. Essas palavras soavam como títulos honoríficos. A prova é que ninguém tivera ideia de dizer: o agente de seguros, ou o gráfico.

Há dez anos, pelo menos, fizera fortuitamente essa pequena descoberta; não a mencionara a ninguém e não guardava rancor, o que significava que o fato não o afetara.

A rua do Minage estava horivelmente deserta e silenciosa, sem uma passada à frente ou à retaguarda. A luz crua da janela do alfaiate tinha algo de desolado.

Fez o que tinha que fazer, mas pela primeira vez agiu com altivez, com soberano desprezo, pronunciando as palavras como se nelas não acreditasse, como certas pessoas recitam as suas orações.

— A senhora chamou?

Não precisava ter medo, aquela jovem imunda; nela não tocaria. Já estava seguro de si. Não importava o que acontecesse, não era a ela que atacaria.

Subiu, falou baixo. Não esqueceu nenhum dos ritos. Mudou a poltrona de lugar, relanceou pela janela e sentiu um choque ao ver no ateliê da frente a Sra. Kachoudas conferenciando com o Dr. Martens. Kachoudas não se achava à vista. Devia estar de cama. Para que aquela gente chamasse o médico era preciso que o caso fosse grave. Lembrava-se do parto da última criança, há quatro anos. A parteira só havia chegado depois de tudo terminado.

Via-se que ela falava baixo, que fazia perguntas e que Martens — da geração dos quarenta a cinquenta anos — respondia embaraçado.

Kachoudas estaria à morte? O Sr. Labbé assustou-se a tal ponto que quase desceu para esperar o médico na rua e interrogá-lo.

Depois que Martens saiu, enviaram novamente Esther à farmácia, dessa vez com uma receita. Viu que a moça hesitava e compreendeu imediatamente que estava com medo do estrangulador. Absurdo. Gostaria de gritar que ela não corria perigo algum.

Jantou, levou a bandeja para cima. Atirou a comida de Mathilde no vaso e puxou várias vezes a descarga. Estava preocupado. Parecia um homem diante de uma tarefa arrasadora, de uma considerável responsabilidade.

Louise teria notado que ele cheirava a álcool? Não havia confessado que o pai se embriagava todos os domingos e que era quase sempre preciso levá-lo para a cama vestido, limitando-se a família a tirar-lhe os grossos sapatos.

Era preciso não esquecer coisa alguma. Não esqueceu nada. Desceu à adega para procurar uma garrafa de conhaque e esteve a menos de dois metros de Mathilde, mas sequer pensou nisso; Mais exatamente, pensou ao subir, no cubículo da escada. Observou que não se emocionava ao descer à adega, nem ao recordar o que se tinha passado a 2 de novembro, véspera de Todos os Santos.

Se tivesse cumprido escrupulosamente os ritos começaria, depois de colocar as achas de lenha na lareira e vestido o roupão, por cortar as letras impressas a fim de responder ao artigo do jornal. Mas era de tal modo inútil!

Daquela maneira quase nada podia dizer.

Deu voltas como um cão à procura do lugar onde se deixara cair, fumou um cachimbo quase inteiro sem se fixar, voltou a espiar pela janela e viu, sentada junto à mesa do alfaiate, as duas mulheres, a Sra. Kachoudas e Esther, conversando em voz baixa, relanceando ansiosamente, a intervalos, para a porta dos fundos.

Súbito, sentou-se à escrivaninha e pegou papel de carta na gaveta, papel timbrado da chapelaria, o que provava que de então em diante zombava de todas as precauções. Serviu-se de conhaque e tomou um gole antes de escrever: *"Pouco importa o que dirão e pensarão..."*

Não era exato, uma vez que se dava o trabalho de tomar da caneta. Não era totalmente falso também. A mensagem não se destinava a qualquer pessoa. Mas lhe desagradaria, por exemplo, que o alfaiate se fosse ignorando-o.

Era extremamente complicado e ele sentiu dor de cabeça. Sentira dor de cabeça o dia inteiro. Perturbou-se ao ver a sua caligrafia. Seria por causa do álcool, do tremor dos dedos? As letras eram irregulares e às vezes subiam umas por cima das outras.

O quarto estava muito quente, como sempre. Contudo, recebia como que um sopro de ar fresco na face esquerda, a um metro da janela. Os vidros estavam gelados.

Queria demonstrar claramente que até então agira com lucidez, com pleno conhecimento de causa. Julgou ter encontrado a frase: *"Assumo e continuo a assumir todas as minhas responsabilidades."*

Isso também não era totalmente exato. Havia assumido, seja. Mas estava certo de que as assumiria no futuro? O que o assustava precisamente?

No decorrer de toda a sua vida, dissessem o que dissessem, havia aceitado tranquilamente as suas responsabilidades. Não era bem exato que se tornara chapeleiro por causa da 'Binette', a quem odiava quase tanto quanto a Louise.

Explicaria esse ponto. Não, seria remontar muito longe. Não terminaria nunca. O caso só interessava a alguns, isso estava bem claro na sua mente.

Que se teria passado, por exemplo, com as moças da fotografia, com as quinze que tinham saído no mesmo ano do convento da Imaculada Conceição? Algumas haviam abandonado a cidade; outras ficado. Algumas haviam casado; outras permanecido solteiras.

Uma delas, de sua livre vontade, imediatamente, sem que nada a forçasse, renunciara a tudo. Era a que estava no convento sob o nome de madre Santa Úrsula.

Quanto aos homens, o mesmo fenômeno se produzia e repetia a cada geração. Pena não haver uma foto do grupo dos que tinham no momento sessenta anos.

De um lado, os Chantreau, os Caillé, os Julien Lambert, o senador Laude, Lucien Arnould, e alguns outros que não apareciam no Café das Colunas, ou que o frequentavam raramente, mas que se haviam mantido fiéis à cidade.

De outro lado, os que haviam tentado a sorte em Bordeaux, Paris, ou outra cidade. Entre eles citava-se alguém que se tornara personagem de muito prestígio no governo, na Indochina.

Alguns reapareciam de tempos em tempos, por ocasião de um casamento, ou de um enterro, para visitar a família que permanecera na cidade. Apareciam em geral no Colunas como que nimbados de uma auréola.

Assumiam maneiras a um tempo cheias de familiaridade e distância, condescendentes, em suma.

— Então, como vai a nossa velha cidade?

Principalmente os que tinham sucesso e eram mencionados às vezes nos jornais.

— Vocês estão na boa vida aqui! — suspiravam, dando a entender que não acreditavam nisso.

Havia entre os últimos um advogado que se tornara célebre criminalista; diziam-no futuro dirigente da associação de classe.

O Sr. Labbé tivera opção e escolhera a chapelaria da rua do Minage.

Entre parênteses, havia quem pensasse que ele havia nascido ali. Não era exato. Nascera na rua do Minage, num imóvel parecido com aquele onde morava no momento, mas cinquenta metros adiante. Tinha oito anos quando os pais decidiram mudar-se.

A Sra. Binet o enojara assim como, quarenta anos após, Louise o enojava. Mas poderia ter ficado em Poitiers apesar dela, ou talvez mesmo ir para Paris.

Escolhera La Rochelle, não por medo da luta. Não tinha medo. Não tinha medo de nada.

Quem decidira fazer o serviço militar nos dragões quando nunca se aproximara de um cavalo em toda a sua infância? Ele. Chegara até a apresentar-se antes da data para poder escolher a arma.

E durante a guerra de 1914, quem pedira para lutar na aviação?

Ele novamente, Léon Labbé. Em consequência de misteriosas mutações, quando a guerra eclodiu, designaram-no para um regimento de infantaria.

Conhecera as trincheiras. Sofrerá na lama, na multidão, na massa anônima que era manobrada como se fosse matéria inerte.

Quando aviador nunca sentira medo. Mal condescendia dopar-se com um copo de bebida alcoólica ao partir, sozinho no seu aparelho de caça, para uma missão.

Vivia num mundo à parte, uma elite. Um ordenança cuidava dele, de suas roupas, de suas botas de cadaço.

Nem sequer fora ferido. Tinham sido os dois anos mais harmoniosos de sua vida.

Mas não terminaria nunca se recuasse mais longe, embora sentisse confusamente que era indispensável ao seu dossiê.

*"Fiz sempre deliberadamente as minhas escolhas, continuo e continuarei a escolher"* — escreveu no papel timbrado da chapelaria, enquanto ouvia Louise subir para se deitar.

Ele não abandonara a luta, não batera em retirada, não renunciara.

Pelo contrário, fora ele quem, com o passar dos anos, tivera um sorriso de pena para os que moravam em Paris e vinham passar alguns dias na cidade, julgando-se obrigados à ostentação.

Sabia muito bem que estava certo, que fizera uma boa escolha.

*"Mais tarde optei pelo casamento."*

Quase verdade também, pois é preciso uma mulher em casa e seria repulsivo ir, de tempos em tempos, satisfazer-se em qualquer lugar. Nessa época não existia ainda a Srta. Berthe na rua Gargoulleau. Era preciso descer muito, ir à sarjeta.

Não havia escolhido Mathilde. Também incorreto. Havia optado por não lutar contra a mãe, optado por dar-lhe esse prazer porque estava doente e porque julgava que a diferença entre uma moça e outra não valia o tempo perdido e o fato de magoar alguém.

Depois de fundar o clube de aviação civil — pois fora ele o fundador —, optara por se afastar porque haviam nomeado para presidente o armador Borin, depois de lhe apresentarem mil desculpas, pois Borin, rico e orgulhoso, podia prover amplamente o setor financeiro.

Ele seria secretário ou vice-presidente. Preferiu não ser coisa alguma.

Não por despeito, ou falta de combatividade. Caso se tivesse dado o trabalho de lutar contra a candidatura de Borin, sairia vencedor. Ele e só ele achara que não valia a pena.

Aquele sentimento, tão nítido no seu foro íntimo, era quase impossível de expor. Sentia na sua vida uma linha contínua, que poderia ser traçada a pena. Mas as palavras confundiam tudo, dizendo demais ou de menos.

E a vaca da Louise começava no seu quarto o repugnante escarcéu cotidiano. Sozinha fazia mais ruído no espaço de oito metros quadrados que todos os soldados de um alojamento. Ouviam-se sapatos caírem, um após outro, no assoalho, adivinhava-se o roupão que ela enfiava bufando, o rosto emergindo vermelho; acreditava até vê-la cocar os seios depois de tirar o sutiã, via a linha vermelha que o elástico da calça deixava na cintura.

Era também uma opção não ter dormido com Louise. Seria possível.

Quem sabe ela o esperava? Aceitaria documente. Possivelmente não compreendia por que não a procurava.

Teria percebido que, de início, estivera prestes a isso e que não se perdoava pela tentação?

Chamavam-no de *chapeleiro* como se fosse algo de injurioso, ou ao menos uma palavra ridícula, cômica. , Pois ele sempre tomara todas as decisões. E por isso era o mais forte, não era exato?

Decidira também acabar com Mathilde e não se emocionara diante do seu cadáver, não sentira remorso. Nem por um instante. Enquanto serrava e ela o fixava com mais pismo que medo, ele se compadecera.

Na realidade, talvez a decisão estivesse tomada há muito tempo, sem que ele soubesse. Dissera apenas: —" Se ela ultrapassar os limites...

Estabelecera tais limites muito longe para lhe dar uma chance. Usara de paciência durante quinze anos. Dera-lhe tanta corda que ela imaginara ter permissão para tudo.

Não a suprimira por causa da Sra. Lafarge, e sim porque ela havia exagerado.

Louise, recém-empregada na casa, dormia ainda num quarto que ele havia alugado na cidade, uma mansarda na praça do mercado, sobre a loja de tecidos.



Mais tarde, dispondo da noite inteira, trabalhara devagar, não deixando ao acaso nenhum detalhe.

O piso da adega não era cimentado. Um bom terço da superfície sob a rampa estava coberto de carvão.

Com grande esforço desembaraçara uma parte desse espaço e cavara o solo até cerca de um metro de profundidade. Descera carregando nas costas o corpo de Mathilde, o que não fora fácil na escada em espiral, depois tornara a subir

para buscar um lençol por pudor.

Enquanto trabalhava, não havia esquecido sequer de fechar a rampa, uma vez que alguém poderia surpreender-se ao ver a luz acesa a noite inteira na adega.

Às cinco da manhã a tarefa estava terminada, o carvão voltara ao lugar, a rampa fora desembaraçada. Lavou um a um os degraus da escada e depois suas roupas, na banheira.

Imaginava então que a tarefa se achava concluída. Havia precauções a tomar, o que era fácil, uma vez que Mathilde não recebia ninguém e há anos ele era o único ser humano que ultrapassava o limiar do quarto.

*"Dirão alguns que eu Queria libertar-me. Tólice."*

Sabia, antes de agir, que não ficaria mais livre que antes, uma vez que precisava portar-se como se sua mulher estivesse viva, cumprindo cotidianamente os mesmos gestos, permanecendo em casa nas mesmas horas.

Ela ultrapassara os limites, não havia mais nada a dizer.

No primeiro dia sentiu-se quase alegre. Era divertido levar as refeições e atirar a comida no vaso, continuar a abster-se de peixe porque Mathilde não suportava o cheiro, puxar o barbante para imitar o ruído da bengala no chão/colocar a forma de chapéu diante da janela e falar sozinho enquanto andava de um lado para outro no quarto.

— *A senhora chamou?*

Valentin não desconfiara de nada. Louise também não. Ou pelo menos não aparentara.

No quinto dia parou em frente à fotografia do grupo, que continuava pendurada na parede. E, pelo espaço de um instante, perdeu o sangue-frio, empalideceu e sentiu medo de verdade.

Pois não era totalmente exato que ninguém entrava no quarto. Era tradição, depois que Mathilde adoecera, suas amigas do colégio virem trazer abraços e presentes no dia do seu aniversário, 24 de dezembro.

Não passavam de velhas senhoras e senhoritas, mas naquele dia tagarelavam como escolares.

Foi preciso estudar friamente a situação. Poderia visitá-las, uma após outra, dias antes do Natal, dizendo que Mathilde não se sentia bem e preferia não receber pessoa alguma.

Mas teria que fazer o mesmo no ano seguinte, e depois no outro, até que morressem todas. E a história acabaria por parecer equívoca.

Tinha seis semanas pela frente. Conhecia a biografia de cada uma, seus hábitos. Era quase o único assunto de conversa de Mathilde. Quando se sentia bem, contava interminavelmente histórias do convento, com tanto entusiasmo como se o fato tivesse ocorrido na véspera. Chegava a sonhar com madre Santa Josefina quarenta anos depois de ter saído do colégio.

— Essa noite sonhei que Anne-Marie Lange me dizia...

Saltava às vezes do passado ao presente, sem transição.

— Será que Rosalie Cujas é feliz? A essa hora deve estar na loja da rua dos Merciers.

Refletiu bastante. O que mais o impressionara no momento da morte de Mathilde fora a rapidez com que acontecera.

As outras eram sadias, é claro, mas tinham mais ou menos a mesma idade. Levava dias para se lembrar da corda de violoncelo, que fora buscar no segundo pavimento, passando pelo beco.

Fora uma opção. Não escolhera covardemente o caminho mais fácil.

Visualizara todas as possibilidades, o que não fora particularmente agradável.

*"Juro que não experimentei qualquer prazer malsão"*, escreveu cerca das dez e meia da noite.

Não estava embriagado. Convencera-se de que o álcool nada tinha a ver com o que ele sentia. A prova é que já o experimentara de manhã e na véspera à noite, no cais Duperré, quando era seguido pelo alfaiate.

Ocorreu-lhe uma comparação. Anotou-a, pois julgava útil de agora em diante anotar tudo. Sabia que no dia seguinte sua memória não estaria tão nítida.

Pois tratava-se justamente de nitidez. Quando ele era pequeno tinha visão excelente. As imagens, para ele, eram perfeitamente limpidas, tudo se delineava com precisão, os contornos dos objetos, as cores, os menores detalhes.

Nessa época a avó ainda era viva — a avó paterna. Ela usava óculos de armação de prata. As lentes eram grossas como lupas e às vezes ele se divertia colocando-as diante dos olhos. As coisas se tornavam logo fluidas, as proporções se modificavam, e ele descobria o mundo como que através de uma gota d'água.

Até o incidente do bispado — a bem dizer, ausência de incidente, uma vez que nada acontecera — tudo estava perfeitamente claro e até de uma limpidez maior que a de outrora, com tonalidades cruas, preto e branco nítidos, linhas traçadas a tinta.

Seguia em linha reta, fazia o que havia decidido fazer, não precisava beber para recuperar o sangue-frio. A própria palavra não lhe vinha à mente.

Ao voltar para casa, riscava mentalmente um nome da lista, um rosto da foto, saboreando a satisfação da tarefa cumprida.

Considerava agora esse período de sua vida como um dos mais felizes, dos mais plenos, talvez igual ao tempo da aviação, quando contava tranquilamente os aviões inimigos abatidos, as palmas na sua cruz de guerra.

Como na aviação, corria perigo constante. Precisava pensar em tudo, ter reflexos sólidos, não deixar coisa alguma ao acaso.

Como durante a guerra dizia a si mesmo: — Dentro de semanas tudo estará terminado e ficarei tranquilo.

Não tinha pesadelos, não se sentia perturbado. Habitara-se a uma febrezinha

que o dominava no momento de sair para uma de suas expedições, à impressão de alívio que experimentava ao voltar para casa.

Teria acontecido o mesmo se madre Santa Ursula tivesse saído na segunda-feira, como deveria ter feito, e ele esgotasse a lista?

Escrevia com movimentos bruscos, que era incapaz de controlar: *"Nada mudou, uma vez que na realidade sua morte seria inútil. Ela nunca entrou nessa casa. No dia 24 enviará, como todos os anos, votos de boas festas e um santinho. E fui sempre eu quem respondi em nome de Mathilde, agradecendo.*

*"Por outro lado, não tenho motivos para rancor. Sua morte não me interessa absolutamente.*

*"Minha tarefa está, portanto, encerrada. Realizei exatamente o que me havia proposto."*

Não era exato e por isso perturbava-se, vasculhando todos os recantos de si mesmo, inquieto, dominado pelo mal-estar.

Era obrigado a beber para manter o sangue-frio, para não sentir mais uma vez os nervos à flor da pele, para evitar aquele pânico interior que nada tinha a ver com medo.

Pois não sentia medo de nada, nem mesmo de ser preso. Seria, pelo contrário, excelente ocasião para se explicar. Era preciso que o escutassem e ele falaria com lentidão.

Sentia vontade às vezes de cometer propositalmente uma imprudência para correr perigo, como ao sobrevoar com o seu avião, em voo rasante, as trincheiras inimigas, infringindo os regulamentos.

O que era preciso sublinhar, o que era importante, mais importante que tudo no mundo, é que nunca deixara de raciocinar com lucidez.

Então, por que de repente, sem razão, o mecanismo se desarvorava? Não entretinha ilusões. Poderia julgar que se tratava de um princípio de gripe, mas não era exato. Valentin estava gripado. Kachoudas estava doente. Ele não.

No entanto, o mundo à sua volta parecia aquele que via antigamente através dos óculos da avó.

Não fora à casa da Srta. Berthe no estado de espírito habitual. Era franco consigo mesmo: ao sair não sentia a mais leve vontade de fazer amor.

Não havia decidido também fazer qualquer outra coisa e não levava a corda do violoncelo.

E justamente isso era muito grave.

Como no caso de Louise. Não fizera coisa alguma a Louise, tinha certeza de que nada faria, mas a tentação persistia, não no espírito, que zombava daquela moça gorda e estúpida, mas só Deus sabia em que recanto de sua carne.

Jeantet fora cruel ao registrar as palavras do psiquiatra de Bordeaux: *"Ele só vai parar quando o prenderem."*

Por quê? Aquele homem nunca o tinha visto, nada sabia a seu respeito e

ousava de longe, do alto, traçar seu destino com segurança demoníaca.

Levantou-se para espiar pela janela. A sala em frente continuava iluminada. A Sra. Kachoudas estava sozinha, cochilando na poltrona de vime. Na mesa do alfaiate via-se o despertador.

Era sério, portanto. Ou então ele tinha que tomar remédio a intervalos regulares. Pneumonia provavelmente. O Sr. Labbé estava certo de que o alfaiate recusara-se a ser internado.

Aqueles ali se agarravam uns aos outros, nasciam e morriam em casa.

Por que a ideia da possível morte do vizinho afligia-o? Kachoudas não tinha para ele o menor interesse. Mal se conheciam. E ele parecia agarrar-se ao alfaiate.

Havia algo errado. Tudo estava errado. Três vezes, nessa noite, jurou que tomava o último trago antes de se deitar, e acabava servindo-se de mais outro.

Deixara o fogo se extinguir, enchendo com sua caligrafia duas páginas cuja visão lhe causava mal-estar.

Quando começara a escrever tão mal, pulando letras, acavalando outras?

Tinha ouvido falar em grafologia. Discutira-se o assunto no Colunas.

Lembrava-se de que Paul Chantreau havia dito: — Exageram muito, mas há um fundo de verdade científica. Os que pretendem descobrir o passado e o futuro na caligrafia são charlatões ou ingênuos.

Mas é certo que se pode discernir o caráter de uma pessoa pela caligrafia e às vezes seu estado de saúde. Um cardíaco, por exemplo, não escreve como um tuberculoso...

Pouco importava o que ele havia contado. O Sr. Labbé nunca estivera doente, à exceção das anginas anuais, e não era cardíaco. Submetera-se a um exame completo seis meses antes.

Deixaria de beber porque era perigoso, abalava os nervos. No café, Chantreau fixara-o com estranheza.

Uma vez que sua tarefa estava terminada, nem sequer leria os jornais.

Jeantet poderia continuar a raciocinar sobre o caso. Quanto aos outros repórteres, já que nada estava acontecendo, acabariam por se cansar. Tinham vindo de Paris seis ou sete, e estavam hospedados no Hotel dos Estrangeiros, escolhendo para quartel-general o Café dos Correios, em frente à prefeitura.

Como a história se eternizava, alguns tinham voltado a Paris, mas deviam restar uns três, juntamente com um fotógrafo, que perambulava pelas ruas com a máquina sobre o ventre e um enorme cachimbo na boca.

Havia ainda os correspondentes de um jornal de Bordeaux e outro de Nantes, mas estes moravam na cidade e passavam quase todo o tempo num bar próximo ao Grande Relógio. Ambos conheciam o Sr. Labbé e o cumprimentavam pelo nome.

Era preciso resistir. O que acabava de escrever era uma tolice. Nada

explicava. Ele não havia encontrado as palavras exatas. Julgava esclarecer o assunto sublinhando certas passagens, mas elas só tinham sentido para ele.

Recomeçaria tudo desde o início, calmamente, de cabeça descansada. O mais provável é que ninguém jamais lesse o que estava escrevendo. Não importava. Precisava dizer tudo aquilo, ainda que só para si mesmo.

O fogo se extinguiu, o frio invadiu o quarto, mas o chapeleiro mal o percebia, caminhando de um lado para outro, mãos nos bolsos, enquanto os ponteiros do despertador avançavam, ultrapassando em muito sua hora de dormir.

Estaria suficientemente calmo?

Bebeu mais um trago e sentiu-se melhor. Estava cada vez mais convicto de que tudo se resolveria da melhor maneira. O alfaiate se recuperaria.

Talvez um dia conversasse com ele simplesmente, muito simplesmente.

Diria para tranquilizá-lo, para restituir-lhe a paz: — *Sabe, Kachoudas, está acabado. Não pense mais no assunto.*

Estranho, teve a impressão de que era por sua culpa que o alfaiate estava doente e sentiu-se contrito. Gostaria de ter notícias dele. Que o impedia de, no dia seguinte, ir buscá-las? Eram vizinhos, cumprimentavam-se todas as manhãs, cada qual do seu lado da rua. Ao ouvir a campainha da porta, a Sra. Kachoudas desceria.

Depois diria ao marido: — É o chapeleiro que veio saber notícias. Kachoudas teria medo, Deus sabe o que imaginaria. Impossível. Não podia fazer uma coisa dessas.

Não podia fazer nada, senão manter-se fiel ao seu horário, aos gestos que se havia imposto. Seguir escrupulosamente o seu horário, pronto!

Aguçou o ouvido. Segurava a garrafa. Era o último gole. No dia seguinte atiraria o conhaque ao lixo e não tomaria mais nada, exceto os dois *picons* habituais durante a partida de bridge.

Alguém andava pela casa. Era um ruído fora do comum. Sentiu alguém roçar na porta. Uma voz desagradável falou: — Vai ou não deixar os outros dormirem? Por que está andando a noite inteira de um lado para outro, como se fosse um animal?

Permaneceu um instante imóvel, rigorosamente imóvel. Não estava longe da porta. Bastava estender o braço para girar a chave na fechadura.

— Não posso fazer uma coisa dessas, de modo algum!

Mas fez. Escancarou a porta e viu, mal iluminada, bem no seu enquadramento, como uma tela, Louise de camisola de algodão branco, cabelos soltos pelas costas, pés descalços — por isso seus passos não faziam o barulho de sempre.

Ele continuava de garrafa na mão e foi a garrafa que ela fixou espantada, passando então ao rosto do chapeleiro. Não compreendia nada. Ainda não sentia medo. Sem pintura, tinha os lábios pálidos e feios. Os seios, sob a camisola, eram

amplios como tetas.

Ele não se moveu. Estava escrupulosamente imóvel e talvez nem sequer tivesse respirado naquele tempo todo.

Ela via o quarto ao fundo e seu olhar deslizou pelas camas desocupadas, deteve-se na poltrona, na forma de chapéu.

Então escancarou a boca para um grito que não soltou. Devia ter tido vontade de fugir a toda pressa, ele percebeu. Mas não conseguiu mover-se.

Foi ele o primeiro a vencer a imobilidade. A garrafa de conhaque espatifou-se no chão.

Em vez de resistir, Louise caiu, mole, e ele tombou sobre ela, cabeça no patamar, um pé preso entre as grades da escada.

Estava ainda quente e úmida; as axilas cheiravam forte. Agarrou com uma das mãos uma orelha do chapeleiro como se quisesse arrancá-la.

Ao levantar-se oscilou. Mal teve forças para entrar no quarto e, sem fechar a porta, deixar-se cair na beira da cama de Mathilde.

Não viu que horas eram. Não soube jamais quanto tempo havia durado.

Teve a impressão de rolar para o fundo de um abismo, como num pesadelo.

Fixava o tapete sem ousar levantar a cabeça.

Sua primeira sensação precisa foi suave e cálida: o sangue a escorrer da orelha cortada, deslizando pelo pescoço e fazendo cócegas.

Moveu um pouco a cabeça e viu os pés descalços, as pernas, o ventre nu de Louise, a camisola rasgada.

A garrafa de conhaque espatifara-se. Como que flutuando, ele se levantou, dirigiu-se ao banheiro para tomar um copo d'água e foi o tempo justo de inclinar-se sobre a pia para vomitar.

MAIS UMA VEZ DEIXOU DE DIZER, de manhã, voltado para o outro lado da rua:

— Bom-dia, Kachoudas.

O alfaiate não estava melhor com certeza. Embora as meninas tivessem saído para a escola, Esther, a mais velha, não parecia disposta a ir para a loja.

Às oito e meia ainda não se vestira e dispunha-se a arrumar a casa, provavelmente enquanto a mãe descansava.

Era dia da feira. Ouvia-se barulho para os lados do mercado coberto e na rua do Minage algumas velhas, sempre as mesmas, nos mesmos lugares, sentadas em banquinhos dobráveis, espalhavam cestas de legumes, castanhas e aves vivas.

Quando Valentin chegou, o Sr. Labbé acabava de varrer a loja, jogando pela porta aberta o lixo para a rua. O empregado não notou nada de anormal.

O patrão disse com sua voz grave — tinha uma bela voz: — Bom-dia, Valentin. Como vai? E fixou-o interessado.

— Acho que estou melhor, Sr. Labbé — respondeu o rapaz, fungando.

— Tossi um pouco hoje de manhã e minha mãe disse que é porque o catarro está se desprendendo pela garganta.

Tudo parecia em ordem na casa. A estufa a gás estava acesa. O Sr. Labbé parecia calmo, benévolo, o que acontecia de vez em quando. Nesses dias mostrava-se paternal para com Valentin, falava com voz mais macia e às vezes empenhava-se em fazê-lo rir.

Estava bem barbeado, como sempre, vestia camisa limpa, sapatos engraxados, gravata com nó caprichado.

— Estou preocupado, Valentin. Ontem à noite, quando me achava com a senhora, ouvi Louise sair. Pensei que tinha ido ver algum namorado na esquina e esperei para colocar o ferrolho na porta. Ela não voltou.

— Acha que foi estrangulada?

— Vou dar parte à polícia, de qualquer maneira.

Mais uma vez fazia o que era preciso. Ao contrário de sua expectativa, não estava de rosto inchado como na véspera, nem de olhar fugidio. As mãos não tremiam. Sentia-se calmo e grave, sem inquietação, o que não aconteceria se tivesse dormido mal.

Pois tinha dormido. Ao sair do banheiro sentara-se na poltrona, diante da lareira apagada, e nunca, em toda a sua vida, sentira-se tão vazio. Não acabava literalmente de esvaziar-se de todas as maneiras possíveis?

Não olhava para nada, não pensava em nada e menos de cinco minutos depois mergulhava num sono sem sonhos. Ao abrir os olhos, o relógio da mesinha de cabeceira marcava a mesma hora que nos outros dias quando despertava, e ele próprio sentia-se como o viam nesse momento — calmo, muito calmo, gestos um pouco lentos, um grande cansaço íntimo, mas também um imenso alívio.

Seu raciocínio fazia-se com naturalidade. Precisava refletir, pôr tudo em dia, mas não levava coisa alguma para o lado trágico.

Tarde demais para transportar o corpo até a adega. Aliás, não se sentia com ânimo para deslocar um monte de carvão. Puxou Louise pelos pés para o interior do quarto, empurrando-a para baixo da cama de Mathilde. Era supérfluo escondê-la. Se alguém entrasse no quarto, tudo seria obrigatoriamente descoberto. A empregada não tinha importância. Mathilde, sim. Contudo, preferia não ver a moça gorda toda vez que precisasse subir.

Acendeu a lareira, fez, como nas outras manhãs, tudo o que tinha a fazer e, além disso, preparou o café. Chegou mesmo a falar enquanto andava pelo quarto, embora já não fosse necessário.

A sala em frente continuava iluminada. A Sra. Kachoudas, que não se deitara durante a noite, preparava com gestos lentos o café da manhã.

O que mais o afetou foi entrar no quarto da empregada, mas era indispensável. A cama estava desarrumada, os lençóis manchados. Precisou arrumá-la. O pente estava cheio de cabelos. O cheiro repugnava-o. A roupa de baixo, os vestidos, espalhavam-se por toda parte, e a um canto viam-se duas malas baratas.

Melhor seria não fingir que ela havia levado suas coisas. Bastava retirar a roupa que usara na véspera, sob condição de não esquecer coisa alguma — meias, sapatos, calça, sutiã, combinação, vestido. O casaco também, pois com o frio que fazia não sairia sem ele.

Quase estragou tudo. Ia descer quando, por milagre, lembrou-se dos grampos. Foi o que mais o repugnou tocar. Atirou-os no vaso, como fazia com a comida de Mathilde. Quanto à roupa, limitou-se a enfiá-la debaixo da cama, junto do corpo.

Teria esquecido alguma coisa? Voltou ao quarto de Louise, abriu a gaveta da mesinha de cabeceira e encontrou uma caixa coberta de conchas.

Ali guardava os anéis e pulseiras comprados na feira, dois ou três cartões-postais, uma chave, sem dúvida de uma das malas, moedas, e o retrato de um rapaz de cabelos encaracolados, rebeldes, um camponês endomingado que se deixara fotografar num avião pintado em cartolina. Não tocou nele.

Era só. Quanto ao mais precisava correr o risco, mas estava confiante. O que mais o preocupava era a doença de Kachoudas. Por duas vezes surpreendera sua mulher na janela em frente, olhando na direção da chapelaria.

O alfaiate teria dito qualquer coisa? E se tivesse perguntado simplesmente: — Que está fazendo o Sr. Labbé?

Estaria delirando? E sentindo-se à morte não mandaria chamar um padre?

Sentiu vontade de vê-lo. Era quase impossível. O gesto não se enquadrava nas suas relações oficiais.

Mas a ideia permaneceu-lhe na cabeça.

— Volto dentro de meia hora provavelmente, Valentin. Acho que minha mulher não vai chamar.

— Sim, senhor.

Vestiu o sobretudo, ajustou o chapéu e quase destruiu a corda do violoncelo. Pensou também no barbante que, do armário, emitia a batida no andar de cima. Para quê? Se comesçassem a revistar a casa chegariam à verdade.

O sol estava quase quente e a cidade parecia muito alegre nessa manhã.

Não havia bebido e mal sentira vontade.

Atravessou a praça de Armas, enveredou pela rua Réaumur e chegou ao prédio onde estava instalado o gabinete de Pigeac. Não era uma verdadeira sede administrativa, e sim uma vasta residência particular, muito bonita, recentemente transformada em prédio de escritórios. No térreo havia os postos do seguro social onde trabalhavam principalmente moças.

Subiu ao primeiro pavimento. Encontrou uma porta aberta. Três homens se agitavam em espessa fumaceira. A estufa tinha enguiçado e jogava toda a fumaça para a sala. Fora preciso abrir as janelas que davam para o pátio.

Pigeac, de sobretudo e chapéu na cabeça, aguardava sentado na borda da escrivaninha.

— Olá! O chapeleiro!

— Bom-dia, Sr. Pigeac.

Uma segunda porta aberta dava para o banheiro. Havia deixado a banheira, limitando-se a instalar prateleiras, que estavam cobertas de processos.

O Sr. Labbé tossiu por causa da fumaça. Pigeac tossiu também e seus dois inspetores lutavam com a estufa.

— Desculpe recebê-lo assim. Há quinze dias pedi que desentupissem a chaminé e ninguém apareceu. Vamos para o corredor?

A cena nada tinha de impressionante, muito ao contrário.

— Que bons ventos o trazem, Sr. Labbé?

— Temo, sr. comissário, que os ventos sejam maus. Para falar a verdade, não tenho certeza. Talvez esteja me assustando sem motivo.

Sentia-se tão seguro que cunhava frases.

— Não devo ser o primeiro a incomodá-lo inutilmente depois dos últimos acontecimentos. Tenho uma criada, como todo mundo, uma camponesa de Charron. Deve estar a par do estado de saúde de minha mulher, que há anos não quer ver ninguém e vive confinada no quarto. Até algum tempo atrás, por esse motivo, a criada dormia fora, num quarto que eu alugava na praça do mercado.

Pigeac escutava, fixando-o com atenção, até mesmo com certa insistência, mas era assim que fixava todo mundo, julgando assumir maior importância. Ouvia-se o tagarelar das funcionárias no andar de baixo, nas salas do seguro social. A cena nada tinha de sério.

— Desde que os crimes começaram a aterrorizar a população, Louise me

pediu permissão para dormir em casa, a fim de não sair depois do anoitecer.

Apesar dos protestos de minha mulher, fui obrigado a concordar, caso contrário ela deixaria o emprego.

— Há quanto tempo está dormindo na sua casa?

— Cerca de três semanas. Se bem me lembro foi logo depois da morte da Sra. Cujas.

— Ela dorme no mesmo pavimento que o senhor?

— Sim, no primeiro andar, num quartinho que dá para o pátio. Ontem à noite, cerca das nove horas, não sei exatamente, pois estava cuidando de minha mulher, ouvia-a descendo a escada. Pensei que tinha esquecido qualquer coisa na cozinha, ou queria preparar uma bebida quente.

— Isso acontecia sempre?

— Não. Foi por isso, aliás, que acabei me inquietando. Desci também.

Não a encontrei. Constatei que o ferrolho da porta estava puxado e compreendi que ela tinha saído, pois sempre corro o ferrolho antes de subir.

— E não voltou?

— Não. Nem à noite, nem de manhã. Esperei até tarde. Hoje encontrei o quarto dela como estava ontem. A cama continuava arrumada.

— Ela levou seus pertences?

— Acho que não. Vi duas malas e vestidos no armário.

— É moça séria?

— Nunca tive motivos de queixa da sua conduta.

— É a primeira vez que sai de noite?

— Desde que mora conosco, sim.

— Vou acompanhá-lo.

Pigeac entrou no gabinete ainda cheio de fumaça e disse qualquer coisa aos inspetores. Em seguida fez sinal ao Sr. Labbé para descer a escada na sua frente. Mostrava-se correto, mas frio. Na rua, colocou o chapeleiro à direita, talvez inadvertidamente.

— Conhece a família?

— Sei apenas que os pais têm uma pequena fazenda em Charron. Ela os visitava todos os domingos, saía de manhã e voltava à noite.

— A que hora?

— Pelo ônibus que chega à praça de Armas às nove horas. Às nove e cinco, invariavelmente, entrava em casa.

Passaram pelo Café das Colunas onde Gabriel, que limpava as vidraças, cumprimentou-os.

Caminhavam a passadas regulares. Para o Sr. Labbé era uma estranha sensação atravessar a cidade em companhia do comissário especial.

Precisava mostrar-se natural, não falar demais.

Foi Pigeac quem disse: — Quem sabe a encontraremos em casa?

— É bem possível. Não fosse o que aconteceu nas últimas semanas, não o incomodaria.

— Fez bem em me procurar.



Pronto. O mais importante era não se preocupar. Tinha noventa chances em cem de que tudo continuaria a correr com a mesma simplicidade.

Contudo, ao ver de longe a casa de Kachoudas, o Sr. Labbé teve uma ideia que o aborreceu.

O alfaiate não estava presente para vê-lo, mas sua mulher poderia muito bem reparar na chegada dos dois homens. Ter-se-ia levantado? Não devia ter descansado muito tempo. Essa gente não descansa muito. Esther também poderia reconhecer Pigeac, cuja foto fora publicada várias vezes no jornal; além disso, o comissário devia ter entrado na Prisunic. Se alguém dissesse a Kachoudas: — O comissário acaba de entrar na casa do chapeleiro...

Era preciso não esquecer a recompensa de vinte mil francos. Apesar da febre, o alfaiate se inquietaria. Quem sabe tomaria uma iniciativa?

— Entre, sr. comissário.

Foram imediatamente envolvidos pelo calor. O Sr. Labbé estava habituado, assim como à penumbra que reinava em toda a casa, aos odores.

O odor seria bastante pronunciado para que Pigeac fremisse as narinas?

— Valentin, meu empregado. Ele chegou às nove horas, como sempre.

Não sabe de nada.

O Sr. Pigeac adiantou-se, mãos nos bolsos, cigarro colado ao lábio inferior.

— Suponho que queira ver o quarto dela.

O outro não disse nem que sim nem que não. Subiu atrás do chapeleiro a escada em espiral.

— Este é o quarto de minha mulher, que não sai há quinze anos.

O Sr. Labbé falava em voz baixa e o comissário imitou-o. Estranho: parecia um tanto enojado, como estaria o chapeleiro, por exemplo, se aspirasse a atmosfera da casa dos Kachoudas.

— Por aqui.

Percorreram o corredor e o Sr. Labbé abriu a porta do quarto da empregada.

— É aqui. Poderia tê-la instalado no segundo pavimento, onde há grandes quartos vazios, mas só se tem acesso pelo exterior, o que não seria prático.

O outro olhou em volta, ar importante, e tirou a mão do bolso para abrir o armário. Não despira o chapéu. Tocou negligente num vestido rosa-bombom, uma saia de veludo muito usada, duas blusas brancas penduradas em cabides. Havia no chão um par de sapatos de verniz e, junto à cama, no tapete, chinelos deformados, bons para o lixo.

— Ela não levou seus pertences.

— Como vê.

Contanto que abrisse a gaveta da mesinha de cabeceira e encontrasse a foto na caixa de conchas! Ele abriu.

— Viu esse rapaz pelas imediações?

O Sr. Labbé fingiu examinar o retrato com atenção.

— Confesso que não me lembro. Não.

— Sabia que ela tinha namorado?

— Não. Eu tinha pouco contato com ela. Era moça de temperamento fechado, rabugenta.

— Vou levar a foto.

Enfiou-a na carteira, experimentou a chave nas duas maletas, mas ela não serviu. Quem sabe era a chave do armário de Charron?

— Obrigado, Sr. Labbé. Desceu. Na loja deteve-se.

— Posso dar uma espiada na cozinha? Essas moças guardam suas coisas em qualquer lugar.

A sala de jantar, a essa hora, era mais escura que o restante da casa, e o comissário parecia realmente enojado.

— É aqui? — perguntou, entrando no reduto que servia de cozinha.

Não encontrou coisa alguma.

— Aceita uma bebida? Tenho um excelente vinho branco na adega.

— Obrigado.

Não fez comentários. Era seu gênero. O Sr. Labbé imitou-o. Estava perfeitamente calmo, perfeitamente natural.

— Creio que devo avisar a família. Ou o senhor se encarregará disso?

— Qual o sobrenome dela?

— Chapus. Louise Chapus.

Anotou num caderninho, que fechou com um elástico, e abotoou o sobretudo antes de sair. Só o pobre Valentin mostrava-se impressionado.

Quando a porta envidraçada se fechou e viu o comissário afastar-se, perguntou: — Ele acha que ela foi estrangulada?

— Sabe tanto quanto nós.

Dia estranho. Atmosfera clara, leve, crepitante. Contudo, havia como que um ligeiro véu recobrimdo as pessoas e as coisas.

— A senhora não chamou?

— Não, senhor.

Subiu, não olhou para a cama sob a qual ainda se encontrava o corpo.

Dirigiu-se à janela no momento exato em que o carro cinza do médico parava junto à calçada. A Sra. Kachoudas, que o ouvira chegar, precipitou-se para a escada.

Esther sacudia o irmãozinho que chorava, apontando com insistência para os fundos da sala e repetindo sem dúvida que ele não devia fazer barulho por causa do pai.



A visita foi longa. Pusera-se água para ferver na cozinha, provavelmente para uma injeção. Enquanto o médico saía do quarto e conversava com a Sra. Kachoudas, ela fungava, enxugando os olhos várias vezes com o lenço.

Na escrivaninha o chapeleiro viu as páginas que tinha escrito na noite anterior, pegou-as e rasgou-as, dirigindo-se à lareira para queimá-las.

Valentin, que morava com a mãe nos arredores da cidade, trazia habitualmente o almoço numa marmita, esquentava o café numa pequena cafeteira na estufa da loja e comia sozinho nos fundos, quase sempre lendo uma revista de esportes.

O Sr. Labbé hesitou em se preparar para almoçar e finalmente decidiu-se a vestir sobretudo e chapéu.

— Voltarei dentro de quarenta e cinco minutos.

Dirigiu-se à praça do mercado, onde havia diversos pequenos restaurantes. Escolheu um a que se tinha acesso descendo um degrau e onde as mesas eram servidas por uma jovem alta e morena, de avental branco, que conhecia todos os clientes. Havia, entre outros, dois ou três funcionários da prefeitura e dos correios, um escrivão de cartório e uma senhora que trabalhava numa agência de viagens.

Escolheu a mesa com cuidado, não para um dia apenas, e sim como se pretendesse vir a ser cliente habitual. O menu estava escrito sobre uma lousa e uma série de escaninhos envernizados continha os guardanapos dos fregueses costumeiros.

Na verdade era a primeira vez em quinze anos que ele fazia uma refeição em restaurante. O dono fixou-o com certa surpresa e aproximou-se.

— Que surpresa vê-lo aqui, sr. chapeleiro. Talvez tivesse esquecido o nome, mas sabia que era o chapeleiro da rua do Minage.

— Estou sem empregada hoje.

— Henriette! — chamou, voltando-se para o garçomete.

E acrescentou: — Temos costeletas de vaca à moda e *escargots* da Borgonha com guarnição.

— Fico com os *escargots*.

Era uma sensação agradável. Sentia-se como que nas nuvens. Havia nele algo de aéreo, de flutuante. As pessoas, as vozes, os objetos não lhe pareciam muito reais.

— Um quarto de Beaujolais?

— Sim, por favor.

— Um quarto, Henriette.

Era bom. Muito bom. A cozinha de Louise não tinha sabor. Ia comer uma dúzia de *escargots* quando, à hora do queijo, lembrou-se de que Mathilde também precisava almoçar.

— Diga, Henriette...

Todo mundo chamava a moça pelo primeiro nome.

— Gostaria de levar o almoço para minha mulher. Teria um recipiente qualquer?

— Vou verificar.

Falou com o patrão. Este desapareceu e voltou com duas pequenas marmitas esmaltadas, que se encaixavam uma na outra e dispunham de alça.

— Acha que serve?

O sol brincava sobre a mesa. Não havia toalha, ou melhor, as toalhas eram de papel, mudadas a cada cliente; a um canto havia uma cesta onde eram atiradas.

— *Escargots* também para ela?

Por que não? Ele os comeria. Percorreu o caminho que o separava de casa levando as duas marmitas pela alça. Era divertido.

— A senhora chamou?

— Não, senhor.

Subiu, jogou fora a costeleta, o pão, as batatas *sautées*, mas comeu os *escargots* sem pensar nem por um instante que Louise continuava ali.

Preferia não pensar nela, aliás, por causa da tarefa que o aguardava à noite.

Na loja de Kachoudas, a mulher do alfaiate explicava a situação a um cliente, com gestos aflitos. O cliente parecia desolado. Deviam ter prometido o terno para esse dia e ele não estava pronto. Talvez fosse o que se avistava, sem mangas e sem lapela, na mesa do alfaiate.

O Sr. Labbé estava meio sonolento, mas não dormiu. Pensou muito em Kachoudas enquanto trabalhava com seus chapéus. Sentia falta do vizinho.

Por que experimentava em relação a ele um sentimento de injustiça? De uma injustiça cometida por ele, o Sr. Labbé. Gostaria de visitá-lo.

Tinha a impressão de que seria capaz de tranquilizá-lo, confortá-lo. No fundo

da sua mente uma ideia se avolumava.

Kachoudas, em suma, tinha direito à recompensa de vinte mil francos.

Estava gravemente doente. Devia preocupar-se. Que seria da família se ele morresse? A mulher teria que trabalhar na casa dos outros. E o menino de quatro anos? E as meninas que voltavam às quatro horas da escola?

O Sr. Labbé tinha dinheiro. Podia, sem se embaraçar, retirar vinte mil francos do banco, ou usar do dinheiro guardado na velha carteira.

O gesto de entregá-los seria mais difícil. Não seria impossível? Se visitasse a casa da frente talvez os deixassem a sós. Ele introduziria simplesmente as notas na mão do alfaiate.

Excelente. Era tarde demais para ir ao banco. Iria no dia seguinte. Até então dispunha de tempo para refletir.

Uma velha camionete parou diante da chapelaria. Quem a conduzia, vestindo roupas de ferreiro de aldeia, permaneceu ao volante, enquanto um homem de bigodes ruivos e caídos, olhos vivos, aparência jovem, saltou e empurrou a porta. Valentin adiantou-se.

— Quero falar com o patrão.

E quando o Sr. Labbé se adiantou: — Sou o pai de Louise.

Não devia ter muito mais de quarenta anos. Havia bebido em casa, ou pelo caminho, pois seu hálito cheirava a vinho.

— Então parece que ela saiu daqui sem mais nem menos?

A polícia devia ter estado em Charron. O homem viera à cidade no carro de um vizinho.

— Guardou as coisas dela?

— Ficaram no quarto.

— Bem. Bem. Vim buscar.

Não havia tirado o gorro da cabeça. Chegou a cuspir no chão, um jato de saliva amarela, pois mascava fumo. Parecia ter vindo com intenções hostis, mas a tranquilidade da casa impressionou-o.

— Então era aqui que ela passava a semana? E saiu sem mais nem menos, sem dizer nada?

— Sem dizer nada — repetiu o Sr. Labbé, conduzindo o visitante para a escada.

— É verdade que ela tinha um namorado?

Como o tom se tornava ameaçador, o Sr. Labbé limitou-se a dizer: — Ela nunca me falou nele. Não o vi.

— É sua mulher quem vive doente?

— Sim, é minha mulher. Peço que não fale muito alto porque ela está dormindo nesse quarto.

Não aconteceu nada. O homem enfiou os pertences de Louise nas malas e foi o chapeleiro quem lhe entregou a caixa de conchas que estava na gavetinha.

O camponês, de propósito, andava fazendo barulho. Talvez ao sair de Charron tivesse anunciado que ia mostrar a todo mundo!

— Acha que foi pegada pelo estrangulador?

— Não sei. Não soube de nada.

Apesar de tudo, passou na ponta dos pés diante da porta do quarto de Mathilde e quase levou um tombo na escada em espiral, traiçoeira para quem não estava habituado.

— Se a encontrarem, não conte mais com ela. É a última vez que deixo uma de minhas filhas trabalhar na cidade.

Não se despediu; limitou-se a tocar no boné num gesto que gostaria fosse insolente, mas que não passava de desajeitado; roçou na moldura das portas com as maletas, colocou-as na camionete e instalou-se ao lado do motorista.

Os dois não voltaram imediatamente a Charron, pois o veículo parou na esquina, em frente a um botequim.

Hora de acender as luzes, de subir ao quarto de Mathilde para ver se precisava de alguma coisa, baixar as cortinas. As meninas da casa da frente acabavam de voltar da escola e a todo instante alguém lhes lembrava que precisavam falar baixo. Uma fazia os deveres, caderno sobre a mesa do alfaiate, desembaraçada em parte.

— Tenha a bondade de fechar a loja, Valentin.

A casa ficaria deserta, o que lhe causou uma estranha sensação; sentiu certo medo, como se algo pudesse acontecer na sua ausência. Já não havia razão imperiosa para voltar a esta ou aquela hora. Jantaria no pequeno restaurante onde havia almoçado.

Poderia, se quisesse, ir ao cinema, mas não seria prudente.

Sentia, aliás, vontade de escrever, mas não no tom da véspera. Estava menos ansioso, de uma lucidez diferente, e, quando entrou no Colunas e seu amigo Paul lançou-lhe um olhar interrogativo, sentiu-se tentado a sorrir.

Mas não sorriu, é claro. Precisava assumir um ar de circunstância, pois a notícia já se espalhara.

Sentou-se sem uma palavra, disposto a jogar, viu imediatamente que Pigeac estava na mesa dos quarenta e cinquenta e levantou-se para falar-lhe.

— Encontraram a moça? — perguntou.

— Nada, por enquanto.

— Acha que...

Pigeac jogava cartas e respondia distraidamente. O chapeleiro já não se sentia tão bem, não por causa do comissário, que mal se mostrava polido — afetação por parte dele —, mas porque chegara a hora difícil.

Começava sempre ao cair da noite, quando os postes de iluminação se acendiam nas ruas e ouviam-se passos na calçada bem antes de se perceber o vulto de quem se aproximava.

Havia na rua uma vitrine mal iluminada, de claridade opaca, e sua visão sempre lhe causara um surdo mal-estar. Era difícil analisá-lo. Um mal-estar pegajoso. A palavra significaria alguma coisa? Naquela loja vendiam-se calçados e ele tinha a impressão de que as pessoas não falavam, moviam os lábios sem ruído, como peixes num aquário.

Toda a cidade, a essa hora, era assim — uma caixa de tampa fechada. As pessoas, miúdas como formigas, agitavam-se a esmo.

Até a luz do Café das Colunas era angustiante. Quando fixava os globos sujos do teto — eram cinco —, acabava sentindo vertigem.

Era como se o tempo tivesse parado, como se tudo se houvesse imobilizado. Os gestos, as vozes, o ruído dos pratos, nada tinha significado.

Estava morto. Movia-se pelo impulso natural, mas movia-se no vácuo.

Era o que tentaria explicar, em vez das frases confusas que havia escrito na véspera.

Hoje não se deixaria dominar. Estava calmo. Tinha prometido a si mesmo conservar-se calmo, jogar o jogo até o fim, como se fosse real.

Não o irritava, não o inquietava ver Chantreau, o médico barbado, a observá-lo de soslaio. Por que fixava suas mãos? Não estavam trêmulas. Ele tinha belas mãos brancas, lisas, dedos fortes, unhas bem cuidadas. Era o que sempre lhe diziam. A própria Mathilde, a princípio.

— Deve tê-la jogado no canal — falou Caillé, que distribuía as cartas. — Vão dragar o canal, mas é provável que a maré já tenha arrastado o corpo para o mar.

— Isso me surpreenderia — murmurou Chantreau, que parecia pouco à vontade.

— O que surpreenderia você?

— O canal. Não combina com o resto. Essa gente nunca muda de técnica. A menos que... Calou-se. Caillé insistiu: — A menos que...

— É difícil explicar. A menos que se trate de outra série, que a história já não tenha o mesmo sentido.

— Que sentido?

— Não sei. De quem é a vez?

Evitara, enquanto falava, fixar o chapeleiro, e este corou de leve, pois teve a impressão de que Chantreau desconfiava dele.

Por quê? Teria cometido algum erro? E o erro era visível? O psiquiatra de Bordeaux teria razão?

Jeantet estava novamente no seu lugar, perto da vitrine. Escrevia febrilmente, e a intervalos uma media de cabelos, que ele usava compridos, como um artista, caía-lhe sobre o rosto.

Foi pelo perfume que o Sr. Labbé percebeu que a Srta. Berthe havia entrado e estava sentada no seu lugar habitual. Com esforço não olhou na sua direção.

Ela não tinha nada a temer: ele estava controlado, não trouxera a corda de violoncelo. O que acontecera a Louise não importava. Sempre a detestara.

No fim já não podia suportar sua presença. E mal se lembrava do que havia acontecido depois.

— Dois de ouros.

— Entrada?

— Disse dois de ouros.

— Dobro os dois.

Tudo se modificava pelo simples fato de que faria as refeições fora de casa. Não pretendia contratar nova empregada. Uma faxineira bastava, não precisava vir todos os dias, bastava trabalhar duas horas, por exemplo. Não fossem os outros, preferia passar sem empregada.

Julien Lambert o irritava dirigindo sorrisos significativos à Srta. Berthe.

Iria visitá-la mais tarde? Era provável, pois estava vestido com mais capricho que de costume, passara no barbeiro e cheirava de leve a água-de-colônia.

Passaram-se três quartos de hora e o chapeleiro ainda não tinha terminado a primeira bebida, o que o deixou satisfeito e confiante.

Todos haviam terminado as bebidas e a leitura dos jornais para o impressionarem. Isso era coisa nova. Não havia razão para continuar.

Bastava mostrar-se prudente, menos com os outros que consigo mesmo.

Por que precisamente agora que se sentia totalmente à vontade, talvez desenvolto, Chantreau fixava-o com olhar estranho? Houve um incidente mais extraordinário, mais confuso. A certa altura o médico enganou-se de carta, colocando na mesa paus em vez de espadas, que era o trunfo, e quando tinha dois na mão. Arnould, impiedoso com os erros dos outros, exaltou-se: — Que é que há com você? Está pensando em quê?

Então, como se o arrebatassem a um devaneio profundo, Chantreau murmurou: — No pobre sujeito.

Devia ter bebido muito nesse dia, pois estava sentimental.

— Que pobre sujeito?

Chantreau deu de ombros, resmungando: — Vocês sabem muito bem.

— O estrangulador?

— Por que não?

— Sente pena dele?

Não respondeu. Fechou-se, recolheu a carta da mesa e atirou a dama de espadas.

Pela segunda vez no mesmo dia, e duas vezes por causa do médico, o Sr. Labbé sentiu-se corar. E, para disfarçar, fez sinal a Gabriel para encher-lhe o copo.

QUANDO SE DIRIGIA À PORTA DO CAFÉ, alto, fraco e lento, parou um instante em frente à última mesa, olhou de alto abaixo o rapaz que continuava a escrever e que ergueu a cabeça quando uma sombra se projetou sobre o papel. Era ele quem mais o tinha prejudicado com sua ideia de entrevistar um psiquiatra de Bordeaux e depois, incansável, quase diariamente, obstinando-se a voltar ao diagnóstico para comentar, explicar os acontecimentos da véspera e prever os do dia seguinte.

Jeantet não o fazia de propósito. Era uma criança. Não era mau. O Sr. Labbé não lhe guardava rancor. Será que dentro de quarenta anos estaria sentado, por sua vez, à mesa entre as colunas, junto à estufa?

Não trocaram palavra. Nada tinham a se dizer. Havia quarenta anos entre os dois, talvez nada além disso, talvez uma porção de coisas. O chapeleiro suspirou de leve e estendeu a mão para a maçaneta da porta. Jeantet deu de ombros e franziu o cenho, procurando o fio da frase.

O repórter havia começado e agora seu amigo Paul se intrometia no assunto. Teria falado propositalmente daquela maneira? As palavras que pronunciara como se não tivessem importância constituíam na verdade uma mensagem oculta?

O Sr. Labbé mal sentia o frio. Havia um pouco mais de umidade no ar que nas noites precedentes, via-se pelas luzes, pelos postes de iluminação que pareciam recobertos de um véu.

As duas terríveis palavras de Chantreau perseguiam-no, pesavam-lhe nos ombros, e ele não conseguia desembaraçar-se delas. Contudo, eram inocentes na aparência.

— *Pobre sujeito!*

Jeantet também era um rapaz inocente, mas havia vibrado contra ele o mais cruel dos golpes.

Não guardava rancor nem contra um nem contra outro. Não guardava rancor contra ninguém. Seguia pela calçada da direita na rua do Minage, pois não voltaria para casa, precisava jantar na praça do mercado, no mesmo restaurante onde almoçara.

Mas havia um vácuo luminoso na calçada, bem longe, e à medida que dele se aproximava, sentia-se mais ansioso.

A porta da alfaiataria estava aberta e ele distinguiu dois vultos do lado de fora; continuou a avançar e reconheceu o espanhol, dono de uma loja de frutas pouco adiante, acompanhado talvez da mulher.

Quando estava bem próximo, ouviu um som que parecia o uivo de um cão em noite de lua. Parou na faixa iluminada, olhou para dentro e viu a Sra. Kachoudas desabada numa cadeira, no meio da alfaiataria.

Era ela quem uivava, olhando fixo em frente, enquanto a mulher do

salsicheiro segurava-lhe os ombros e tentava acalmá-la.

Ao pé da escada Esther tremia, um xale nos ombros, pois a alfaiataria não tinha aquecimento. Não chorava, não dizia palavra. Em seu olhar lia-se apenas uma espécie de terror animal.

Outras pessoas haviam saído das casas vizinhas e formavam grupo em torno do Sr. Labbé, imóveis, impressionadas. Uma mulher que ele não reconheceu desceu com o garoto nos braços, segurando-o com dificuldade.

— Vou levá-lo — disse de passagem. Abriram caminho e ela entrou numa casa pouco adiante. Que fim tinham levado as meninas? Alguém as teria levado também? Quem estaria lá em cima?

Os uivos eram tão impressionantes como a sirene do porto em noite de nevoeiro.

Devia ter acontecido há pouco tempo, pois ouviu-se ruído de motor e um carro parou junto à calçada. O médico atravessou o grupo, apressado olhou um instante para a Sra. Kachoudas e voltou para fechar a porta.

Foi só. Kachoudas estava morto. Fechada a porta, as pessoas começaram a falar em tom de lamento e o chapeleiro afastou-se com o mesmo sentimento de injustiça que o dominara há instantes, quando seu amigo Paul havia murmurado: — *Pobre sujeito!*

Perdera a fome. Podia entrar em casa imediatamente. Voltou-se para fixá-la, olhou a imensa cartola vermelha que dominava a fachada, a janela iluminada do primeiro andar, com uma silhueta imóvel projetada contra a cortina.

Naquele instante teve a intuição de que nunca mais voltaria a entrar ali, não reveria a casa. Não o admitiu. Aparentemente era o mesmo de todos os dias, de momentos atrás no café. Nada acontecera que o afetasse pessoalmente.

No entanto, tinha muita coisa a fazer em casa nessa noite. Não esquecia coisa alguma. Sabia da ignóbil tarefa que o aguardava sob a cama de Mathilde. Precisava descer à adega, mais uma vez remexer no carvão, cavar e principalmente levar para baixo o corpo gordo e pesado. Tornar a lavar os degraus, lavar quase toda a casa.

Chantreau não se explicara, mas o Sr. Labbé sabia o que ele pensava.

— Ora, sr. chapeleiro, aposto que esqueceu de trazer as marmitas. Temos hoje os famosos chouriços com purê de batatas.

Sorriu delicado e sentou-se no seu lugar. A moça serviu-o. Havia menos gente que na hora do almoço. A sala estava quase vazia. Já o consideravam cliente habitual e pegaram seu guardanapo num escaninho, como os porteiros de hotel fazem com as chaves dos hóspedes.

Havia anunciado pelo jornal que, após a sétima vítima, tudo estaria encerrado, afirmando de boa fé que a sétima, como as precedentes, era indispensável. Mas a sétima não era legítima. Fora um acidente. Fazia parte de outro domínio, de outra série.

Mas ninguém, exceto ele, desconfiava disso. O comissário Pigeac teria pensado no caso? Jeantet pensaria, mais cedo ou mais tarde.

Partiria da ideia de que a morte de Louise era necessária ao assassino.

*Indispensável*, conforme havia escrito o chapeleiro.

Que conclusões tiraria?

Pouco importava, no fundo, o que os outros pensassem. Importava o que ele, Labbé, pensasse.

Por causa do que acontecera na alfaiataria de Kachoudas, não havia observado a rua. Devia ter observado. Quem sabe Pigeac postara um inspetor nas imediações da chapelaria? Estaria sendo seguido?

Nada tinha de improvável e, enquanto jantava, tentava ver através das vidraças do pequeno restaurante.

Estranho como se sentia cansado de repente. Melancólico era a palavra.

Tinha o mesmo ar sentimental de Chantreau no final do dia, quando bebia demais.

Pensava na sua casa e amargava-se à ideia de que não ousava nela entrar e talvez não entrasse jamais. Por quê? O que fizera uma vez, seria capaz de repetir. Seria porque Louise sempre lhe inspirara uma incontrolável repugnância? Ou por causa de Kachoudas?

Sentia ímpetos de pedir-lhe perdão. Não à criada. Ao alfaiate. Lamentava não ter passado pelo banco à tarde. Se estivesse com o dinheiro no bolso teria colocado as notas num envelope, enviando-as imediatamente à família.

Se voltasse em casa mandaria o dinheiro da carteira, mas não acreditava que voltasse.

O dono do restaurante não tinha problemas nem fantasmas. Despejava restos de vinho numa só garrafa. Isso lembrou ao Sr. Labbé que poderia beber, que já o fizera, e a ideia acalmou-o por um instante.

Tudo isso acontecera há muito tempo. As coisas se precipitavam.

Assustava-se ao ver como tudo acontecia depressa.

Chamou a garçonzete, pagou, viu-a colocar o guardanapo no escaninho, o que, sem motivo, provocou-lhe um aperto no coração. Deu-lhe uma boa gorjeta, que ela aceitou com espanto.

— Não vai levar nada para sua mulher?

— Ela está sem fome hoje.

— Até amanhã, sr. chapeleiro.

— Até amanhã.

Patrulhas circulavam pela cidade, como nas outras noites. Encontrou uma a sair do restaurante. Cumprimentaram-no, ele se voltou para cumprimentar também, pois estava distraído e notou que voltavam a cabeça para fixá-lo.

Por quê? Haveria qualquer coisa de estranho na sua aparência ou no seu andar?

Tentou verificar se era seguido e dirigiu-se à prefeitura, sentidos alertas, mas não percebeu nenhum ruído de passos nas proximidades. Passou pela loja da Sra. Cujas, fechada a essa hora.

Não sabia aonde ia. Percebia perfeitamente que encontraria outras patrulhas, que as pessoas habituadas aos seus horários se espantariam ao encontrá-lo numa hora em que deveria estar no quarto de Mathilde.

Acolheu o perigo. Mais exatamente: desprezou-o. Tinha outras preocupações em mente, uma outra preocupação, uma só, e quando dobrou à esquerda, chegando ao cais, compreendeu o que decidira fazer.

O médico morava numa casinha no quarteirão da estação, para além do canal. Era uma casa estreita, nem antiga, nem moderna, muito feia, espremida entre outras duas parecidas com ela.

Acontecia o Sr. Labbé visitar o amigo Paul à noite, para uma consulta, pois vivia preocupado com a saúde. Havia uma chapa a um canto do consultório e ele se lembrava de ter-se encostado, torso nu, ao painel gelado, enquanto Chantreau apagava as luzes.

— Nada absolutamente, meu velho. Você chegará aos cem anos.

Depois os dois tomavam uma bebida, duas, conversavam, e Paul não permitia, é claro, que ele pagasse a consulta.

Diria qualquer coisa, que sofria pontadas do lado, por exemplo, o que há dias era quase exato. Talvez falasse nessas crises de pânico que o dominavam às vezes, mas isso seria perigoso.

Acabariam por evocar naturalmente os últimos acontecimentos, o homem procurado.

— Por que você o chamou de *pobre sujeito*!

Era brincar com fogo. Chantreau era bastante perspicaz para adivinhar.

Já não teria adivinhado?

Não ousaria dizer coisa alguma. O Sr. Labbé estava persuadido de que o amigo não ousaria dizer nada.

Se falara em pobre sujeito, era por haver no seu caso uma certa fatalidade. E era isso exatamente o que queria verificar.

Não seria também o que emergia da entrevista conseguida por Jeantet?

Impossível livrar-se daquela ideia. Nos dias precedentes, enquanto ia e vinha, ela o acompanhara como uma dor surda, à qual no momento não prestara atenção, mas que a intervalos tornava-se lancinante.

No cais Duperré, quando o alfaiate era vivo e o seguia, compreendera de repente que o psiquiatra de Bordeaux talvez tivesse razão.

Um barco de pesca, na escuridão, aprestava-se, com uma grande lanterna de acetileno sobre a ponte; sombras moviam-se, manejando objetos pesados.

À retaguarda havia dois cafés próximos ao Grande Relógio. Eram cafés no gênero do Colunas, com seus fregueses habituais, que apareciam em hora fixa,

jogavam cartas, gamão, ou xadrez. Mas não eram os mesmos grupos.

Pertencia-se ou a um ou a outro. Ele fazia parte do Colunas.



Na estação, um trem silvava e o saguão estava mal iluminado; táxis passaram na rua. Poderiam vê-lo e talvez reconhecê-lo à luz dos faróis?

Dobrou à esquerda, depois à direita, enveredou pela rua do médico, uma rua de gente humilde. Na casa da esquina morava um tanoeiro e havia tonéis empilhados na calçada.

Não viu luz na casa de Chantreau; inclinando-se, espiou pela fechadura e viu que a porta envidraçada da cozinha, ao fundo do corredor, estava iluminada.

Compreendendo bem que o gesto seria inútil, tocou a campainha. Esta ficava atrás da porta, era um sininho pendurado a um arame. Impossível deixar de ouvi-lo, por causa do silêncio que reinava na casa. x Contudo, ninguém atendeu.

Eram oito da noite. Tocou de novo e viu um vulto projetar-se nos vidros da cozinha. Percebeu que era Eugénie, a velha criada do médico.

Este não tinha voltado, ou haveria luz no primeiro andar, ou no gabinete do térreo. O Sr. Labbé deveria ter previsto. Há pouco, no Colunas, quando ele saíra, Paul já havia bebido bastante. Nesse caso não voltaria para jantar.

Por certo sentimento de dignidade, saía do café da praça de Armas e perambulava pelos pequenos botequins, onde não se arriscava a encontrar os amigos.

Eugénie tornou a sentar-se. Não viria abrir a porta. Não abriria. Também andava com medo. Devia estar tremendo. Se ele insistisse, seria capaz de chamar a polícia pelo telefone.

Uma janela abriu-se numa casa vizinha e alguém espiou para fora.

Preferiu afastar-se e esse foi um dos instantes mais penosos de sua vida.

Até Paul o abandonava. Ocorreu-lhe a ideia de ir para a estação. Ainda havia tempo. Ouviu o arfar da locomotiva: Era o trem de Paris, que partiria dentro de minutos. Tinha no bolso dinheiro bastante para a passagem.

E depois? Para quê?

Kachoudas estava morto. Era talvez a única morte de que se sentia culpado.

A lembrança de Louise só lhe inspirava repugnância. A recordação de Mathilde e das outras acalmava-o, dava-lhe vontade de discutir friamente, provar que tinha razão, que se limitara a fazer o que era necessário.

Por que não fora até o banco, ou não trouxera o dinheiro da carteira?

Ao passar junto ao canal, ouviu os passos de uma patrulha e então, sem refletir, fez meia-volta. Percebeu imediatamente que fora um erro, mas era tarde demais. Se voltasse à direção anterior causaria suspeita.

As pessoas que formavam a patrulha apressaram o passo. Tentaram sem êxito alcançá-lo com uma lanterna de bolso. Enveredou por um beco, esteve a ponto de correr, apressou o passo, mas continuou a ouvir a patrulha e uma voz perguntando: — Onde foi que ele se meteu?

Mergulhou num recanto às escuras. Sabia que era ridículo, mas nada podia fazer. Teve sorte. Os quatro homens passaram a uns vinte passos sem perceber o seu esconderijo e dez minutos depois ele voltou a caminhar.

Estavam todos contra ele, inclusive Jeantet, inclusive Chantreau. Havia transformado a cidade numa espécie de armadilha, na qual começava a se debater.

Sentia-se realmente cansado. Quase não dormira na noite anterior. E não podia voltar para casa.

Ao contornar a rua de São Salvador, por um instante julgou que o seguiam.

Quem sabe a essa hora o comissário Pigeac teria arrombado a porta da chapelaria?

A primeira providência da polícia seria subir ao primeiro andar e entrar no quarto.

Se Chantreau estivesse em casa, ele teria tido oportunidade de recuperar a calma. Pouca coisa seria necessária. Não fosse a morte de Kachoudas, talvez voltasse, apesar de tudo, à casa da rua do Minage.

Passaria duas horas desagradáveis e, uma vez Louise na adega, o caso estaria encerrado.

Principalmente se Paul não tivesse falado há pouco, durante a partida, do pobre sujeito. A frase não indicaria a impossibilidade de um fim?

Não sentia rancor contra ninguém, nem Kachoudas, nem o médico, nem o comissário que se mostrara delicado mas frio. Nem mesmo contra Louise.

Todo mundo o prejudicava. Perseguiam-no como a um animal. Não lhe deixavam sequer uma cama para repousar.

Deviam ter colocado um policial nas proximidades da casa.

Se compreendessem, agiriam de outra maneira talvez. Mas não podiam compreender e ele não os ajudara. Explicara-se muito mal nas cartas ao jornal.

Que pensariam se ele quisesse hospedar-se no hotel?

A cada passo que dava na cidade, aumentava o perigo porque ele não se achava onde deveria estar, porque todo mundo sabia que o seu lugar era à cabeceira de Mathilde.

Poderia gritar que Mathilde já não existia, que ele agora tinha o direito de se portar como os outros?

Tinha até o direito de ir ao cinema! Havia um nas proximidades de onde se encontrava. Via as luzes, os cartazes, percebia o sopro quente vindo do interior. Fazia tanto tempo que não ia ao cinema! Ficaria embaraçado ao aproximar-se do guichê, estender o dinheiro. Conhecia o dono, que frequentava o Colunas e devia estar nas proximidades da caixa.

Estava realmente cansado. Gostaria de tomar um banho quente, deitar-se numa cama de lençóis bem frescos. Gostaria que alguém, uma mulher suave, estivesse junto dele e lhe falasse com carinho.

Lembrou-se de repente da Srta. Berthe, julgou sentir o seu perfume.

Pensara nela nos dias precedentes. Já não sabia bem o que pensar. Não tinha hesitado em levar a corda do violoncelo?

Se Paul tivesse razão, se o psiquiatra tivesse razão, não valia a pena lutar, mas não queria admiti-lo e acabou por fazer meia-volta, caminhando mais uma vez ao longo do cais.

Brincava com a sorte, com sua última chance, estava bem cômico disso.

Era pouco menos de nove horas e Chantreau já devia ter bebido a sua cota.

Talvez o encontrasse em casa. Mesmo embriagado, ele o salvaria. Ignorava o que diria, não tinha importância. Por medo das patrulhas dava mil voltas.

Um sargento da polícia, postado a um canto da rua, no escuro, acompanhou-o com o olhar por um instante. Devia tê-lo reconhecido.

Não se viam luzes no primeiro pavimento. Pela fechadura avistou de novo a porta da cozinha e tocou.

Depois de esperar um instante afastou-se, passos indecisos como os de um bêbado.

— ALÔ, BERTHE?

Falava baixo, a mão em concha sobre o aparelho. A cabine era apertada.

Ele avistava as pessoas no bar através do vidro. Estava no extremo do cais, nas proximidades do mercado de peixe, num barzinho onde não se lembrava de ter entrado jamais, onde só havia pescadores. De manhã as mulheres do mercado tomavam café ali; havia cestas de crustáceos amontoadas pelos cantos, e filetes de água corriam no piso vermelho escuro.

— Quem está falando?

— Léon.

Ela chamava todos pelo primeiro nome. Não era familiaridade e sim, pelo contrário, uma espécie de respeito, de discrição. Em momento algum permitia-se um tratamento mais íntimo.

— Pode falar.

Sentia-se um tanto envergonhado, voz pouco firme. Balbuciou: — Gostaria de passar por aí daqui a pouco.

— A essa hora?

Imaginou o quarto aquecido, as sedas, os bibelôs, as cortinas transparentes, o cigarro de biqueira dourada que ela fumava.

— Tenho tanta vontade de vê-la! Riu de leve e murmurou: — Impossível, meu caro amigo. Já me deitei e estou lendo um romance extraordinário.

— Por favor.

— Por que assim de repente?

— Não sei. Faça isso por mim. Compreendeu que ela hesitava. Não era por medo, como a criada do médico.

— Pensei que estivesse à cabeceira de sua mulher.

— Ela está dormindo.

— E você fugiu como um colegial? De onde está telefonando?

— De um café.

— Então, todo mundo saberá que me telefonou.

— Não. Estou na cabine. E falando baixo.

Impacientou-se. Seria capaz de suplicar de joelhos. Agarrava-se ao fone como se teria agarrado, mais cedo, ao médico.

— Prometo não demorar.

O que desejava era passar a noite em casa dela. O desejo veio-lhe bruscamente quando pensou nela, no apartamento, na grande cama acolchoada, onde nunca chegara realmente a dormir.

— Escute, Berthe...

— Não, meu amigo. Você é um amor. Sabe que gosto muito de você...

Era exato que havia sempre demonstrado por ele certa predileção, talvez porque se mostrasse atencioso, respeitoso; sempre levava flores ou pequenos

presentes.

— Conhece os meus vizinhos. Sabem que nunca recebo ninguém à noite.

— Só dessa vez!

— Estou cansada. Se soubesse como me sinto bem sozinha, na minha cama, com um livro emocionante!

Gracejava gentilmente.

— Berthe!

— Vamos! Deite-se, bem comportado, e venha me cumprimentar amanhã à tarde.

Como os outros, não compreendia. Não sentia rancor contra ela também.

Era terrível. Ignorava até que ponto o que acabava de dizer era terrível.

— Suplico!

— Vou fazer uma pequena confissão e tenho certeza de que deixará de insistir. Acabei de me preparar para dormir e estou horrível sem pintura, com uma camada de creme no rosto e rolinhos nos cabelos. Pronto! Nunca mais vai querer falar comigo.

— Vou tocar a sua campainha de qualquer maneira.

— Não abrirei a porta.

— Sim.

— Não.

— Arrombarei a porta.

— Não se faça de mau, meu querido chapeleiro. Quem sabe foi um erro pronunciar essa palavra?

Contudo, falara sem ironia, sem maldade. Da parte dela era antes uma expressão de carinho.

— Vou até aí.

Devia ter repetido 'não' no momento em que ele desligou, saiu da cabine envidraçada e dirigiu-se ao balcão, enquanto os pescadores fixavam-no sem pensar em nada.

Precisava beber alguma coisa, pois não se entra num bar para telefonar sem consumir. Havia duas fileiras de garrafas, que ele fixou hesitante. Sobre uma delas via-se uma cabeça de negro. Era rum. Bebia rum raramente, exceto sob a forma de grogue, quando estava gripado.

— Rum.

— Copo grande?

Por que todo mundo se calava? Era como se aquela gente, que não sabia de nada, compreendesse a solenidade do tempo que se escoava.

Seriam testemunhas. Assim como os homens da patrulha. E Eugénie, a criada do médico, e também a pessoa desconhecida que abriu uma janela ao lado, ouvindo alguém tocar com insistência.

A tal hora fez isso... A tal hora dobrou a esquina da tal rua... A tal minuto fugiu

ouvindo passos e escondeu-se nas sombras...

Reconstituíriam suas idas e vindas. Era fácil. O gênero de trabalho de que Pigeac era capaz.

Em determinado momento abandonara a partida, jogara para perder com plena consciência disso. Teria sido ao sair do pequeno restaurante? Ao entrar? Ou quando, em vez de ficar em casa, no momento em que a Sra. Kachoudas uivava diante da morte, prosseguira caminho rumo à praça do mercado?

Não fora na véspera? Ou fora já na antevéspera quando, com o alfaiate, espreitava a saída da madre Santa Úrsula, olhos fixos na porta do bispado?

Não tinha importância. Poderia ter ido mais uma vez verificar se Chantreau estava em casa, mas era longe e ele encontraria novas patrulhas.

Que diria agora?

A Srta. Berthe o aguardava. Estava convicto de que acabaria por abrir a porta.

O rum era muito forte. Sentiu vergonha de beber. Tinha a impressão de que o dono do bar e os pescadores acompanhavam com atenção seus movimentos.

Os frequentadores habituais não deviam contentar-se com um trago, pois o dono não largou a garrafa e aguardava o menor sinal para servi-lo de novo.

Fez o sinal, não porque quisesse beber de novo, e sim por respeito humano.

Chantreau poderia entrar no bar. Eram locais como esse que ele rondava à noite. O chapeleiro desejou-o. Seria um alívio ver a porta se abrir e reconhecer seu amigo Paul.

— Quanto devo?

Pagou, deixou a gorjeta, mas o dono tornou a chamá-lo, embarçando-o.

Não se lembrava de que nesse tipo de café não se deixa gorjeta.

Desejaram-lhe: — Boa-noite!

Sem ironia. Saiu. Estava escuro. A lua ainda não nascera. Nas docas, apesar da ausência de vento, ouviam-se roldanas rangerem por causa da maré que erguia as embarcações.

Possuía parte de um daqueles barcos, o Belle-Hélène. Seria talvez aquele sem mastros, que se esboçavam em preto contra o cinzento do céu.

Passou alguém junto dele, fixou-o e voltou-se. Era um homem desconhecido. Mais uma testemunha.

Passou sob a arcada da torre onde havia luz no primeiro andar, na janelinha de guilhotina do alojamento do guarda. O vaso de gerânio devia estar no seu lugar. Havia sempre um vaso de gerânio naquela janelinha.

Um policial postava-se em frente ao Damas da França, na rua do Palais.

Quase passou diante dele. Por que não?

O policial conhecia-o. Faziam parte da mesma associação de ex-combatentes. Saudou: — Boa-noite, Sr. Labbé.

Ignorava que ele deveria estar ao lado de Mathilde? Todo mundo sabia.

Dentro de instantes o policial se lembraria e perguntaria a si mesmo que

andaria acontecendo com o chapeleiro.

Traçava sua pista através da cidade com a mesma nitidez do Pequeno Polegar com suas pedrinhas, e experimentou amarga satisfação.

Da esquina da rua Gargoulleau avistavam-se as luzes do Café das Colunas. A essa hora Oscar, o dono, estaria embriagado, olhar vago, andar prudente. Só restaria na sala a última leva dos clientes habituais. Mais tarde viria a saída do cinema vizinho, o tropel de passos, como no final da missa solene, silhuetas escuras, gente abotoando o sobretudo, esperando uns pelos outros, as mulheres agarrando o braço dos maridos, o motor dos carros, os faróis acesos.

Talvez ainda encontrasse Chantreau. Ou mesmo Julien Lambert, qualquer pessoa. Seria, quem sabe, um consolo ver surgir a silhueta do comissário Pigeac, que aliás não gostava dele. Ignorava o que faria exatamente, mas tinha a impressão de que o caso estaria encerrado.

Se Kachoudas não tivesse adoecido, se Kachoudas não tivesse morrido, o alfaiate continuaria a segui-lo e o chapeleiro o esperaria para conversarem.

Não tinha mais para onde ir, suas chances eram cada vez mais reduzidas, tornavam-se inexistentes. Se a Srta. Berthe fosse capaz de permanecer na cama, deixando-o tocar em vão!

Tinha certeza de que ela desceria. Não imediatamente. A princípio se mostraria de mau humor.

O portão estava aberto. Só o fechavam cerca das onze horas. Havia luz no dentista e ouvia-se a música de uma vitrola ou rádio no segundo pavimento, em casa do arquivista, que era solteiro e reunia com frequência rapazes e moças no apartamento.

Estendeu o braço. Por que não teve ideia de descer depois do telefonema e desligar a campainha, como fazia tantas vezes à tarde?

Não havia pensado nisso. A campainha soou. Ela deixou tocar três vezes; então ouviu-se rumor na escada e uma voz perguntou através da porta: — Quem é?

— Léon.

— Seja bonzinho, Léon. Não insista esta noite.

— Suplico que abra a porta.

Ela deu volta à chave e, nesse instante, tudo se turvou. Limitou-se a entreabrir. Colocara uma touca de rendas sobre os rolinhos e vestia roupão acolchoado de cetim rosa.

— Não está sendo gentil. Nunca foi assim.

Ele empurrou o batente devagar, irresistivelmente, ouvindo sem interrupção a música do segundo andar, no apartamento dos fundos.

Dançavam lá em cima. Os passos ecoavam no assoalho.

— Você bebeu?

— Só um copo de rum.

Não estava inquieta, apenas surpreendida. Conforme ele previra, o mau humor não durou. Era antes uma jogada. Fingia estar aborrecida. O livro aberto se achava na mesinha de cabeceira, iluminado pelo abajur, uma boneca cuja saia rodada velava a luz.

Os convidados do arquivista dançaram até uma hora da manhã. Ao saírem fizeram muito barulho no pátio e tiveram dificuldade em despertar o porteiro para que ele abrisse o portão. E riam o tempo todo. As moças soltavam risadas agudas.

Às sete e meia, como sempre, Geneviève, a criada da Srta. Berthe, que morava em casa dos pais, em Fétilly, chegou de bicicleta e deixou-a num canto do pátio, onde havia lugar para guardá-las.

Ela tinha a chave da porta. Subiu a escada e entrou pela cozinha. Só às nove geralmente entrava no quarto, levando o café com leite, e abria as cortinas.

Nessa manhã julgou ouvir um ruído anormal. Às oito e meia, inquieta sem motivo preciso, entreabriu a porta e viu um homem na cama.

Dormia. A Srta. Berthe estava deitada de través no tapete.

Geneviève não pensou em aproximar-se ou telefonar. Saiu correndo, desabou escada abaixo, alertou o porteiro, as pessoas que passavam pela rua a caminho do trabalho. Ninguém ousou subir antes da chegada de um policial e todo mundo, da rua, olhava a janela em silêncio.

O próprio policial hesitou no limiar do quarto e sacou do revólver. Era um policial muito jovem, rosto coberto de acne. Fazia parte da equipe de futebol. Atrás dele os homens tornaram-se ameaçadores, as mulheres excitadas. Via-se o Sr. Labbé sentado na beira da cama, passando a mão pelo rosto e jogando os cabelos para trás.

Por um instante, assustado diante de tanta gente, balbuciou: — Não batam em mim.

Teve a presença de espírito de acrescentar, designando o telefone laqueado de branco: — Telefonem para o comissário.

Ninguém podia saber o que ele pensava, o que sentia. Olhou para o tapete com expressão melancólica.

Talvez as coisas se tivessem passado de modo diverso se Pigeac, a caminho do trabalho, não tivesse passado pela praça de Armas. Havia gente correndo ao sol. Gabriel acabava de abrir a porta do Café das Colunas.

Viu-se o comissário afastar friamente a multidão que enchia a escada e parecia excitada. Surgiu à porta e o policial afastou-se para dar-lhe passagem.

Olhou para o Sr. Labbé, que continuava sentado na beira da cama. O chapeleiro estava totalmente vestido, sapatos calçados, gravata aberta, casaco"amarrotado.

Os dois entreolharam-se e o Sr. Labbé fez um esforço para se levantar, abrir a boca. Finalmente murmurou: — Sou eu.

Os que estavam no corredor e o ouviram disseram que falou com alívio e, no momento em que estendeu as mãos para as algemas do comissário, um sorriso tímido distendeu-lhe a fisionomia.

Na escada, mais tarde, quando a multidão finalmente abriu caminho, murmurou ainda: — Não me empurrem. Não me espanquem. Estou indo...

13 de dezembro de 1948



**FIM**

